DIALECTO MACAENSE
POEMAS

OBRAS COMPLETAS

VOLUME III

JOSÉ DOS SANTOS FERREIRA

MACAU DI TEMPO ANTIGO

FUNDAÇÃO MACAU 1996

MACAU DI TEMPO ANTIGO

DIALECTO MACAENSE

OBRAS COMPLETAS

VOLUME III

JOSÉ DOS SANTOS FERREIRA

MACAU DI TEMPO ANTIGO

FUNDAÇÃO MACAU 1996

Editor
Fundação Macau (Apartado 3052, Macau)

Autor
José dos Santos Ferreira

Título original
Macau di Tempo Antigo

Direcção da edição
José Silveira Machado

Composição e paginação
Editora "Mar-Oceano"

Impressão e acabamento
Tipografia Welfare, Macau

Macau, Outubro de 1996

Tiragem
1000 exemplares

ISBN: 972 - 8147 - 95 - 3

NOTA DO EDITOR

É este o terceiro volume das obras completas de José dos Santos Ferreira (Adé), cuja edição foi confiada à Fundação Macau, num trabalho que visa reunir todos os textos - em prosa e verso - que o autor incluiu nos livros que publicou.

Os dois primeiros, já publicados, "Escandinávia - Região de Encantos Mil" - crónicas em português - e "Papiaçám di Macau" - textos no dialecto macaense - são constituídos pelo que Santos Ferreira escreveu em prosa, afora outros textos, em português, dispersos por jornais e revistas e que, por si só, virão a formar um outro volume destas obras completas.

Inicia-se, assim, com este volume, intitulado "Macau di Tempo Antigo", o ciclo da poesia que José dos Santos Ferreira, na sua inspirada arte de versejar, nos deixou espalhados nos diversos títulos que publicou.

Procurou-se em cada volume imprimir uma unidade de pensamento e uma sequência de temas, por forma a situar no tempo e no espaço, os assuntos a que o autor, com olhos e coração de poeta, deu expressão viva e uma riqueza de pormenores que bem caracterizam Macau e o viver das suas gentes.

Através dos poemas deste volume, em que se incluem alguns em português, em versão do próprio autor, para melhor compreensão de quem não esteja familiarizado com o "patuá", faz-se uma viagem ao passado, de quando era outro o sortilégio e o fascínio da encantadora terra de Macau.

É que ao falar da "Macau di Tempo Antigo", o poeta relembra um tempo em que a vida era saborosa, porque vivida a tragos lentos, e proporciona-nos o agradável ensejo de demoradamente apreciarmos uma tradição, cultural e social, que constitui um património que nenhuma convulsão poderá destruir.

Para além de património cultural e social, a obra de José dos Santos Ferreira encerra, na sua leveza e simplicidade, material de reconhecido valor para os estudiosos que, num futuro mais ou menos longínquo, se dediquem ao estudo do "patuá", esse curioso dialecto que durante muito tempo se impôs e foi aceite como "língu di Macau".

António Rodrigues Júnior

Presidente do Conselho de Gestão da Fundação Macau

DUAS PALAVRAS

A *dóci língu di Macau di tempo antigo* é também obra de Portugal. Criaram-na os descendentes dos primeiros portugueses que viram o Sol brilhar sobre Macau; utilizaram-na pela vida fora os sucedâneos desses grandes portugueses. A cativante *língu maquista* revela não apenas o poder de criação e de assimilação dos nossos maiores, como ainda os bons sentimentos, a índole, o espírito cordial e feitio bonachão dum povo inconfundível. São predicados que identificam o dialecto com a alma macaense.

Maravilha pensar como esse dialecto, criado por necessidade em tempos bem distantes, se pode ir conservando e desenvolvendo através de tantos anos sem perder o que quer que fosse do seu chiste natural.

A frequência do uso quase indispensável do dialecto macaense só afrouxou em fins do século passado, com as medidas tomadas pelo Governo no sentido de aportuguesar a instrução pública de Macau, para aqui mandando mestres para regerem escolas. Os núcleos macaenses de então foram gradualmente deixando de precisar do seu dialecto nas suas comunicações do dia a dia. Mas nem por isso foi o dialecto macaísta banido inteiramente, pois continuou a ser falado no seio das famílias e utilizado repetidas vezes para composições graciosas, comédias, canções, gracejos, etc. Mais apegado permaneceu ele nos lares formados pelos macaenses que emigraram para diversos pontos do Oriente, sobretudo Hong Kong e Xangai.

As primeiras décadas deste século marcaram o início dum declínio mais acentuado do dialecto, o qual acabaria por cair, alguns anos depois, em desuso, para se ver presentemente em vias de completa extinção. Em Macau, é raro hoje o jovem que entenda a *papiacám* dos seus antepassados, assim como não é frequente encontrarem-se adultos que sustentem conversações em «macaísta chapado».

Este nosso trabalho é apresentado nesse dialecto, ou seja, no resto que ficou desse autêntico fenómeno linguístico, que existiu entre nós e que é merecidamente tido como legado precioso dos nossos avós.

Custa-nos ver esse resto perder-se por completo, impiedosamente. Por isso, tudo temos querido fazer para o preservar, para que algo, pobre e desajeitado que seja, perdure a relembrar aos vindouros esse marco do passado.

Não sabemos se depois de nós outros virão, com igual boa vontade e persistência, para compor novos poemas na *dóci língu di Macau antigo*. De qualquer modo, mais um modesto volume vai ficando, a atestar o nosso inabalável amor por Macau sempre querida e bendita e quanto o seu dialecto antigo nos fascina.

JOSÉ DOS SANTOS FERREIRA
(Do livro "Macau di Tempo Antigo")

MACAU

MACAU

Tera qui gente di nôsso naçám
J'achá, já merecê, tá conservá:
Porta aberto pa quim ánsia buscá
Sossêgo, teto, paz na coraçám.

Pia d'águ qui tant'alma lavá,
Casa inchido di amôr cristám;
Luz fórti pa lumiá civlizaçám,
Vôsso preço, quim pôde calculá?

Co chuva, co Sol, vôs sã abençoado,
Têm carinho, lindeza di cristal,
Têm pám, cáma pa quim vêm zesperado.

Vôs sã, Macau, jardim di Portugal,
N'estunga vánda di mundo semeado,
Como vôs, non-têm ôtro más lial!

NÔSSO BÉRÇO SÁNTO

Co bénça divino,
Na tera distánte
Macau já nacê.
Nacê piquinino,
Na meo di gigánte
Onçôm já crecê.

Pa Dios destinado,
Su porta aberto
Pa mundozarám;
Macau abençoado,
Qui lóngi, qui perto,
Ispalhá fé cristám.

Nôsso bérço, bérço sánto,
Vôs, Macau, sã tera fêto di encánto.
Qui na guéra, qui na paz,
Filo bom di Portugal,
Como vôs nom-têm igual,
Nom-têm más.

Quelora crecido,
Ficá cobiçado,
Sofrê privaçám.
Su povo quirido
Sai lágri churado
Di su coraçám.

Macau adorado,
Di sonho florido,
Torná já crecê.
Co fé redobrado,
Di Dios protegido,
Sã nádi morê.

Nôsso bérço, bérço amado,
Vôs, Macau, di Portugal sã filo honrado.
Dia triste onçôm sofrê,
Têm riqueza repartí,
Qui di mundo têm aqui
Pa colhê.

UNGA POÉMA, IOU-SUA AMÔR!

Di tánto, tánto qui vôs merecê,
Macau quirido,
Iou já dá pa vôs
Quelê pôco, cási nada.
Di tánto qui já panhá di vôs,
Macau abençoado,
Iou já dá pa vôs
Unchinho na-más, cási nada.

Vôs sã, iou-sua bérço,
Sempri, sempri,
Razám di iou-sua vaidade.
Na ora di rezá térço,
Sempri, sempri,
Iou lembrá vôs co humildade.

Iou-sua filiz infáncia,
Escola pa iou prendê ancuza,
Campal, lugar pa brincá;
Porçolana di arôz di tudo dia,
Liçám di honra,
Macau di iou-sua coraçám,
Tudo vôs já dá pa iou.

Vôs sã iou-sua altar,
Sempri, sempri,
Razám di iou-sua fé cristám.
Vôs têm tudo lugar,
Sempri, sempri,
Na iou-sua coraçám.

Pramor di vôsso crénça,
Iou têm iou-sua religiám,
Pa sirví Dios co fervôr,
Pa prendê dotrina qui Su Filo
Já vêm Mundo pregá;

Macau cristám,
Si iou-sua alma mer'cê salvaçám,
Sã vôs iou têm-qui gardecê.
Unga Pátria inchido di glória,
Passado fêto co bravura,
Co estória qui mundo invezá.
Unga bandéra respetado,

Unga língu burifado di beléza,
Macau portuguêz,
Tudo vôs já dá pa iou.

Di tánto, tánto qui vôs merecê,
Di tudo qui iou já panhá,
Iou pa vôs,
Macau quirido,
Qui-cuza já dá?
-Unga poéma,
Iou-sua amôr!
Qui-cuza más?

MACAU E SEUS ENCANTOS

Aos corações que amam Macau

Ó eterna serenidade do céu
Que domina a Terra e o mar!
Enfeitam-te nuvens alvas como um véu,
Cobrindo os montes a repousar...

Oh! Quão bela é a Natureza,
Obra de criador maravilhoso.
Deus, que nos ofertou tanta beleza,
Foi, afinal, muito generoso!

*

No seio de chão adormecido,
Assesta o agrário mãos avisadas
E gera jardim enriquecido
Com belas plantas perfumadas.

Ao longo de campo silvestre,
No dorso de esbeltas colinas,
A enxada capricha como um mestre,
Aprofundando raízes finas.
Ali crescem ricos pinheiros,
Ali sobem acácias brandinhas;
Ramos de troncos altaneiros
Brotam tenras folhas verdinhas.

Pouco a pouco, a mata frondosa,
Jorrando frescura saudável,
Se estende pela área vistosa,
Fecunda em aroma agradável.

Zonas verdes de pujante viço
Semelham, plenas de candura,
Tapete de tecido castiço
Resplendente de doce formosura.

Aqui e além, há fresca folhagem
A cingir zelosa meigas flores;
Do chão ao alto, a pitoresca imagem
Reflecte tons de alegres cores.

Diante dos olhos o cenário
Dá ideia de extensa tela
Beijada por pincel imaginário,
Ensopado de viva aguarela.

E se a vista cai extasiada,
Como não se extasiar também
A ténue alma enlevada
Sedenta do belo e do bem?
Campos, jardins, pinhais, cenários,
Ar sadio, tudo ajuda a viver...
Quanto Macau deve aos agrários,
Já alguém curou de saber?

Quem muito ama a Natureza
Não foge de sentir um dia
Sua alma emocionada presa
Aos encantos da poesia.

Faz-se poeta o cultor das flores
E solta cantos entusiasmado
Das belezas e dos amores
Deste rincão por Deus abençoado,
MACAU, que tanto amamos,
Macau de tão lindos sonhos floridos,
Lembrança que docemente guardamos
Dos dias felizes vividos.

Semeando poemas inspirados,
O poeta cria embevecido
Frescos jardins impregnados
De aroma e inebriante colorido.

Em cada frase refrescante
Vê o poeta uma pétala mimosa,
De cada verso aliciante
Extrai um botão de fina rosa.
Nesse ramalhete em poesia,
As quadras são "fulas" airosas,
Os poemas suave melodia,
Cercados de folhas viçosas.

Na triste hora da rendição,
Que os olhos parem de chorar.
Permita o Céu que a dor do coração
Amaine, em vez de apoquentar.

Busquemos no campo macio,
À sombra de qualquer árvore amena,
O tónico do verde sadio
Que mantenha a alma serena.

E Macau passará de mansinho
Da Pátria para outra mão.
As flores semeadas pelo caminho,
O arvoredo sombreando o chão,
Verdes campos, meigas colinas,
Templos, tradições, sã cultura,
Até de São Paulo as ruínas,
Tudo passará com agre tristura.

Só não passará a luz do Sol
Da alvorada brisas fresquinhas,
O brando trinado do rouxinol
E o volitar das irrequietas andorinhas.

Nem se esvairá o poente divinal,
O afago da Lua sorridente,
Porque a Natureza é universal
E é pertença de toda a gente.

Aos vindouros, o canto da beleza,
Entoado pela lânguida poesia,
Propiciará com largueza
Horas infindas de nostalgia.
E o murmúrio constante das águas
Que as praias beijam sensuais,
Talvez fique, para as mágoas
De tudo ir não serem de mais.

E se aos olhos aflorar, então,
Uma lágrima traiçoeira de dor,
É porque em cada sofrido coração
Ainda enflora ardentíssimo amor.

GUIA

Farol,
Greza,
Pinheral.

Luz,
Fé,
Saúde.

Farol, tira-tira di luz;
Anôte, mar lumiado,
Aliviado di iscuridám,
Lorcha sabe únde têm,
Passá sáfo,
Nádi erá caminho.

Greza, Casa di Dios,
Ninho di fé cristám;
Nos' Sióra têm na altar,
Su ôlo lumiá alma,
Su mám isvaziá bénça,
Protezê dizamparado.

Na basso, pinheral,
Jardim di saúde vendido saguáti.
Árvre di pinhéro quánto-mil,
Laia-laia árvre unga porçám.
Sopro di vento puro,
Voz dóci di pastro alegrá coraçám.

Na riva di montánha
Lugar qui tudo pôde olá,
Têm unga pau arto levantado;
Ali, unga bandéra elegánti ta bulí-bulí;
Sã, atê estunga ora,
Bandéra di nôsso Portugal.

MADRUGADA NA PINHERAL

Unga dia pramicedo, cedo qui cedo,
céu unchinho lume na-más,
dia ta querê abrí,
iou vagar-vagar andá,
já trepá vai mato Guia,
pa gozá más unga madrugada
di iou-sa saténta primavera.

N'acunga pinheral, assi cedo,
Tudo sã sosségo,
Tudo ancuza sã bunito.
Divera dá gosto respirá seléa bafo di paz,
Na meo di ancuza puro qui Dios criá,
Co quánto ancuza bom qui mám di hóme fazê.

Ah! Bendito pinheral!
Na riva, sã farol di Guia,
Co casa di Nos'Sióra na lado,
Farol sai luz fórti lumiá mar,
mostrá caminho pa barquéro
qui ta remá su lorcha;
Mai di Dios na capela,
co tudo carinho,
ta olá Macau.
Lumiá nôsso alma co luz di Su ôlo,
co Su coraçám feto bondádi infinito.

Cavá buscá unga bánco pa vai sentá,
iou ergui ôlo tentá céu,
bassá ôlo contemplá mar na basso.

Água ta luzí,
Céu justo ta começá abrí,
lumiado pa dôs fio di clarám vemelado.
Frescura nunca faltá,
Serenidádi têm ali.

Sã madrugada na pinheral di Macau,
Más unga dia ta abrí na nôsso vida.

Sol agora, pachorento, ta subí,
ta mostrá unga tiz redóndo di su careca.
Vagar-vagar, su testa ta sai vêm fora,
vagar-vagar, su cabéça ta impiná,
ramendá unga tira di fôgo ta sai di mar,
subí, subí vai céu.

Quelê alegre,
Sol raganhado tentá Macau,
Chomá Cidádi di Nómi di Dios erguí di sono.

Iou, unchinho tom-tôm mom-tôm di sono
sintí ta uví Sol sai voz falá:
«Bom-dia, Macau! Qui-nova, Macau!»

Agora, tudo já ficá lume,
céu, mar co montánha,
chám di rua, jardim,
co telado di tudo casa-casa

Assi já começá más unga dia...

Virá ôlo tentá acunga matozarám,
iou olá,quelê tánto árvre grándi,
co arvrito piquinino,
inchido di fólia-fólia fresco.

Árvre semeado na tudo chám di montánha,
Champurado co unga porçám di pinhéro,
Ramendá unga mundo fêto di verdura.

Tudo sã frescura burifado di vento cherôso,
certo nom-pôde más di bom pa saúde.
Unga bafo suávi di vento ta aguá,
mánso-mánso ta rafrescá iou-sa rôsto.

Fresquidám ta abraçá iou-sa corpo intéro.
Acunga chêro sabroso di árvre-pinhéro
qui tá izalá na ar
azinha intrá na buraco di nariz,
vai drêto pará na pulmám.

Iou erguí, vai andá,
Pa tudo vánda, agora, ta olá gente;
Vêlo co véla, gente jóvi,
têm aqui, têm alá.
Quim corê, quim rónça-rónça andá,
Quim arcuá perna, bulí braço,
ta fazê su «t'ai-kêk» co mesura.

Nhu-nhum cartá canário na cajola,
Nho-nhónha pegá quiança na mám,
Tudo ta gozá acunga dóci frescura
di madrugada na pinheral.

(Uví, af'nal di cónta,
sã quim já lembrá fazê
estunga bendito pinheral na Macau?
Ah! Gente antigo divera capaz, sã nunca?
Im vez di perdê tempo
sunhá co árvre di pataca,
buscá sarna pa cuçá.
Ilôtro já matá-morê,
pa semeá assi tanto árvre-pinhéro,
pa bem di nôsso saúde.)

Pa tudo cánto-cánto di pinheral,
Passarinho bulí-bulí su bico
cantá *pio... pio... pio...*
Quánto-cento di ilôtro
impolerado na rámo di árvre,
na riva di pedra,
na chám di mato,
ta subiá su dóci cantiga di madrugada.
Ora cantá, ora pulá-pulá, aguá,
Passarinho piquinino bunitéza.

Di laia-laia côr,
ramendá quiança-quiança inocente
ta brincá na campal.

Sã Primavera j'olá?
Sã tempo di frescura,
Sã tempo qui botám abrí,
virá ficá fula bunito
dado braço co fólia fresco.
Sã tempo di borboléta garido
Aguá di unga pónta pa ôtro.

Divera bunito!
Qui saiám nôsso Camões nom-têm ali
co su péna di mestre...
Quánto posia suávi ele nádi fazê
Na serenidádi di acunga lugar retirado,
Co ajuda di tánto beléza!

Macau nom-têm unga porçám di ancuza,
mâz têm su Primavera,
fila quirida di Natureza,
co vento qui fazê mimo,
fula qui sai cherôso,
co céu azul.

Sol briliánti pramicedo erguí na vánda di mar.
Chegá perto iscurecê
vai discansá na trás di montánha,
na vánda di Bara.

Chegá anôte,
Lua côr di prata, raganhado,
Lôgo vêm lumiá nôs,
Fazê ágw di mar luzí ramendá ispêlio,
Co unga porçám di istréla juntado,
Capí-capí ôlo brincá co nôs.

Quim vai praia,
Lôgo olá onda *frá ... frá ... frá ...*
Unga trás di ôtro,
Istendê braço, fazê garidiça,
Chapá bêço bezá arêa.

Más quánto áno, cavá falá adios pa nôs,
Pa Portugal, pa tudo su filo-filo
ispalado na Mundo intéro,
Macau pôde-sã qui nádi têm
tánto ancuza sabroso....
Nom-têm arôz caregado
co porco balichám-tamarinho,
chacháu di pêle, margoso-lorcha,
galinha chacháu parida;

Nom-têm bôlo-minino, bagí, cabêlo-nóiva;
Nádi têm nhum capaz tocá viola
pa chacha cantá su Bastiána...
Mâz Primavera co frescura,
Passarinho cantá *pi... pi... pi...*
Certo lôgo têm.

Gente co su mám pesado pôde quebrá tudo,
Pôde virá casa di pê pa cabéça,
Mâz ninguim pôde bulí co ancuza misterioso
Qui Dios onçôm já criá.

Vêm-cá nôs amanhá pramicedo,
Cedo qui cedo,
Vagar-vagar subí ladéra vai pinheral,
Respirá vento puro,
Chomá passarinho cantá,
Olá borboléta aguá,
Uví Sol chistoso falá *«Bom-dia, Macau»*

MADRUGADA NO PINHEIRAL

Um dia pela manhã, muito cedinho,
estava o céu apenas um nadinha iluminado,
a aurora a querer despontar.
Caminhando devagarinho,
subi a colina da Guia,
para gozar mais uma madrugada
das minhas setenta primaveras.

Naquele benigno pinheiral, tão cedinho,
Tudo era sossego,
Tudo era beleza.
Na realidade, dá gosto respirar esses ares de paz,
No meio de coisas puras que Deus criou
Com algumas outras boas que mãos humanas fizeram.

Oh! Bendito pinheiral!
No topo está o Farol da Guia,
Com a morada de Nossa Senhora ao lado;
O farol emite luz intensa para aluminar o mar,
indicando caminho aos barqueiros
que ali remam os seus botes;
Na capela, a mãe de Deus,
com todo o carinho,
vela sobre Macau,
iluminando a nossa alma com a luz de Seus olhos,
com o Seu coração cheio de bondade.

Encontrado um banco para me sentar,
ergui os olhos para avistar o firmamento,
baixando-os depois para contemplar o mar em baixo.

A água luzia,
o firmamento tinha começado a aclarar,
iluminado por duas faixas de clarão avermelhado.
Não faltava frescura,
O ambiente sereno estava ali.

Era madrugada no pinheiral de Macau,
Mais um dia que despontava na nossa vida.

Vejo agora o Sol a subir, pachorrento,
mostrando um segmento da sua careca redonda.
Devagarinho, a testa fica à mostra,
devagarinho, a cabeça se ergue toda,
parecendo uma bola de fogo a emergir do mar,
subindo, subindo para o espaço.

Muito jovial,
O Febo fita sorridente os olhos em Macau,
Convidando a despertar do sono
A Cidade do Nome de Deus.

Ainda um pouco estonteado com o sono,
Eu tive a ilusão de ter ouvido o Sol dizer:
Bom dia, Macau! Que novas, Macau!

Agora, tudo aparece iluminado
o céu, o mar, as colinas,
o piso das ruas, jardins
e os telhados das casas.

Assim começou mais um dia...

Volvendo os olhos para rever a mata espessa,
fui vendo imensas árvores grandes
e arbustos baixinhos
cobertos de folhas frescas.

Árvores plantadas por todo o solo da colina,
Baralhadas com uma infinidade de pinheiros,
Pareciam um mundo de verdura.

Tudo era frescura impregnada de cheiro deleitoso,
saudável a não poder mais.
Perpassava uma brisa suave,
Refrescando meigamente o meu rosto.

O frescor envolvia-me o corpo inteiro.
O aroma agradável dos pinheiros
exalando nos ares,
depressa me entrava pelas narinas,
indo direito aos pulmões.

Levanto-me e começo a andar
E vejo gente por todos os cantos;
Velhos e velhas, jovens,
dispersos aqui e ali.
Uns correndo, outros andando vagarosamente,
e outros ainda flectindo os joelhos e braços,
praticando com lentidão o seu «t'ai-kêk».

Homens transportando canários em gaiolas,
Mulheres levando crianças pela mão,
todos gozavam essa doce frescura
da madrugada no pinheiral.

(Escutem: Afinal de contas,
Quem foi que se lembrou de mimosear
Com este bendito pinheiral?
Ah! Bem inteligentes eram, na realidade,
as pessoas doutros tempos, não eram?
Pois, em vez de perderem o seu tempo
a sonhar com árvores das patacas,
buscando sarna para se coçarem,
Elas se esmeraram
e plantaram tão vasta quantidade de pinheiros,
por bem da nossa saúde...)

Por todos os cantos do pinheiral,
passarinhos mexendo seus bicos,
cantam *pio... pio... pio...*
Centenas deles,
empoleirados nos ramos das árvores,
sobre as rochas,
no chão da mata,
assobiam doces melodias da alvorada.

Ora cantando, ora andando aos pulinhos
e volitando,
Passarinhos pequenos, amorosos,
de variadas cores,
Fazem lembrar criancinhas
brincando nos campos.

São mimos da Primavera,
época de brisas fresquinhas;
Tempo em que as flores em botão
desabrocham lindas,
resguardadas por viçosas folhas;
É quando as borboletas coloridas esvoaçam,
indo dum lugar para outro.

Deveras lindo!
Que lástima não estar ali o nosso Camões
com a sua pena de mestre.
Quanta poesia bela não faria ele
Na serenidade daquela solidão,
Com a inspiração de tamanha beleza!

Macau não possui muitas e muitas coisas,
Mas tem a sua Primavera,
Filha predilecta da Natureza,
Com as suas brisas acariciantes,
Flores perfumadas
E céu azul.

O Sol brilhante
nasce pela manhazinha do lado do mar.
E ao cair da tarde
Vai repousar por detrás da montanha,
pelos lados da Barra.

Ao anoitecer,
A Lua cor de prata, risonha,
Vem-nos alumiar,
fazendo luzir como espelho a água do mar,
Com uma infinidade de estrelas ao seu redor,
estrelas que brincam connosco,
abrindo e fechando os seus olhitos.

Quem desce à praia
Vai ouvir o *frá* ... *frá* ... *frá* ... das ondas,
atrás umas das outras,
estendendo os braços, meiguinhas,
acariciando com beijos a areia.

Daqui por uns anos,
depois de dizer adeus a todos nós,
a Portugal e a todos os seus filhos
espalhados pelo Mundo inteiro,
Macau talvez deixe de ter
muitas das coisas deliciosas...
Talvez não tenha o arroz-carregado
com porco, balichão e tamarinho;
Chau-chau de pele e amargoso em lorcha;
Galinha chau-chau ... parida;
Talvez não tenha o bolo menino,
bagí e fios de ovos;
Pode, quiçá, não ter quem toque viola,
para a Chacha cantar a sua «Bastiana»...
Mas a sua Primavera com frescura,
Passarinhos a cantar *pi... pi... pi...*
Não faltarão certamente.

Gente de mão de ferro pode destruir tudo,
Pode virar uma casa de pernas para o ar,
Mas ninguém pode tocar em coisas misteriosas
Que Deus próprio criou.

Vamos nós, amanhã, pela manhã,
Muito cedinho,
Subir vagarosamente a calçada até ao pinheiral,
Para respirar brisa pura,
Ouvir cantar os passarinhos,
Ver borboletas a voar,
E ouvir o Sol bonachão dizer *Bom-dia, Macau.*

MACAU DI TEMPO ANTIGO

MACAU DI TEMPO ANTIGO

Quim otróra já olá
Nôsso Macau bunitéza,
Hoze sã lô istranhá,
Diante destunga beléza.

Macau di antigamente,
Na tempo di balichám,
Non-têm assi tánto gente
Co tánto inventaçám.

Nunca sã disinfreado,
Nunca nadá na confôrto,
Non-têm rua isburacado,
Co casarám tôrto-tôrto.

Casa masquí piquinino,
Sã casita pa ficá;
Fula quelê fino-fino,
Têm chêro pa izalá

Taipán-taipán sã têm tudo
Pa inchí su casarám;
Quánto cortina-viludo,
Sai di teto tocá chám.

Na sala di tiro-grándi,
Sã têm mobila pau-preto;
Vaso-fula grándi-grándi,
Orná casa qui bem-fêto.

Non-pôde ficá janota,
Nôs sã têm-qui contentá
Co bánco, cadéra-rota,
Cortá chita pindurá.

Tempo antigo tamêm têm
Sapeca fémea co macho;
Milagre quelora obrá,
Ôro lô cai cacho-cacho.

Respêto nádi faltá,
Ne-bom fazê macriaçám;
Pai quelora rabujá,
Tremê telado co chám.

Chacha batê porta, intrá,
Quiança-quiança azinha empê,
Tomá bénça, vazá chá,
Trazê dá chacha bebê.

Pramicedo, nôs erguí,
Vai janela lôgo olá
Sol na telado subí,
Galo na quintal cantá.

Pintaínho na curúm,
Sai bico pedí comê;
Mamá cubrí su tudúm,
Saguám intéro lavá.

China subí pinheral,
Cartá pastro na cajola;
Ar di Guia peitoral,
Pastro ficá cantarola.

Lavá rôsto, gossô dente,
Nôs tudo lembrá comê;
Cavá chomá tudo gente,
Vazá chá pa onçôm bebê.

Botá sucre, botá lête,
Têm um-cento rabusénga,
Virá mám panhá genete,
Ruçá dóci camalenga.

Abolô di Títi-Chai
Têm tudo di más sabroso;
Nim botica di A Chai
Têm merenda assi gostoso.

Nôs cavá comê inchido,
Azinha sai vai iscola:
Calçám na joêlo chipido,
Brôa ta cai di sacola.

Sai di casa virá esquina,
Têm *iau-cha-cuai, pac-cô-chôc;*
Más pa riva, china-china
Sentá rufá *hong-tau-chôc.*

«Apa-bico quente-quente!»
Merendéro ta gritá.
Abrí lata chomá gente,
Vêm pruvá su catupá.

Vai pa loja Po Man Lau
Comprá ancuza di iscola:
Péna, tinta, lápis-pau,
Livro, tabuada, sacola.

Caréta corê na rua,
Vagar dislizá na chám,
Nunca sã dono di rua,
Vôs nádi ficá ching-cháng.

Unga dúzia di caréta,
Co meo-dúzia camiám,
Co unchinho biciquéta,
Serví tudo pop'laçám.

Nhónha quelora vestí,
Usá mea co sapato,
Nádi fazê gente ri
Co um-cento ispalafato.

Si bêço ta rabicá,
Isquecê cubrí chapêu,
Chacha sã lô rabujá,
Chomá nhónha amui-baléu.

Cintura marado, fino,
Nhónha diante di ispêlo,
Virá chiquía mufino,
Saia vêm basso di joêlo.

Tudo nho-nhónha na casa,
Aprendê cuzinhaçám,
Sabe siviço di casa,
Cosê rópa, tecê láng.

Nho-nhónha intrá na greza,
Sã têm-qui cubrí chapêu;
Véla têm dol na cabéça,
Quiança-quiança botá vêu.

Na missa faltá respêto,
Fazê Pade-Filo azinha,
Nunca sentá drêto-drêto,
Lôgo uví mai-sua ladinha.

Têm nhu-nhum namoradôr,
Gostá seguí trás di nhónha;
«Vai-na, vêlo estopôr,
Vai co vôsso carantónha!»

Têm ora más astrevido.
Co cara di sánto-sánto,
Olá amui, ficá cholido,
Ficá macaco mám-tánto.

Sol fórti quelora cai,
Recolê na trás di Bara,
Tonico chomá pai-mai
Olá Sol iscondê cara.

Perto-perto iscurecê,
China sã sandê lampiám.
Lua na riva empê,
Dá más luminaçám.

Gente antigo sã gostá
Dá festánça, divertí:
Siara capaz cuzinhá,
Nhum lô bebê qui xirí.

Chacha rabujá unchinho,
Falá nhum já perdê juízo:
«Quim non-sabe bebê vinho,
Más bom sã vai bebê mizo.

Lua mostrá su rabinho,
Nôs ta ficá raganhado:
Porco bal'chám tamarinho,
Ta vêm co arôz caregado.

Panelám gru-gru, cozê
Cángi di fula-papaia;
Nôs tudo cavá comê,
Soltá calçám, largá saia.

Ana-fêde disintôm,
Cantá «Nôte istrelado»,
Rabixá Chai volontrôm,
Pa vêm zafiná juntado.

Tio-Padre tocá viola,
Sai voz grôsso ramendá
China-pobre pedí 'smola,
Imitá sapo churá.

Maria co su rabeca,
Pai ruçá su rabecám,
Avô sã cuçá careca,
Di tánto zafinaçám.

Si sã alguim fichá áno,
Chá-gordo sã lôgo têm;
Títi-títi, máno-máno,
Co quiança-quiança ta vêm.

Pisunto têm-qui bafá,
Tacho ta assá capám;
Chacháu-pêle lôgo olá,
Vêm mésa co balichám.

Galinha chacháu parida
Sã nádi pôde faltá.
Non-pôde chegá comida,
Dále chacháu lacassá.

Vaca-mínchi co *mui-choi,*
Lô têm tudo sánto dia.
Porco co rabo-chapôi,
Unga semána dôs dia.

Quelora abrí fontám,
Têm comida requentado;
Têm lombo co açafrám,
Chap-sio co áde salgado.

Gente antigo sã divera
Capaz pa comê-bebê;
Dia intéro pitisquéra,
Nuncassá susto morê.

Rua Palha têm A Fu
Co um-cento lata-lata:
Têm coquéra co ladú,
Bicho-bicho, bôlo-nata.

Chilicote quente-quente,
Múchi-múchi, fula-fula,
Nhum emado afiá dente,
Sentá qui comê di gula!

Si querê bom batatada,
Do-dol, bagí, pám-di-casa,
Têm qui buscá mám-di-fada,
Pa onçôm fazê na casa.

Cabêlo-nóiva, nhamada,
Bôlo-minino, mamún,
Siara nunca sã mal-prestada,
Sabe fazê pa su sium.

Nôsso «corn-star» co obrêa
Fôfo ramendá almofada;
Cilicário co gelêa,
Más peitoral qui jamada.

Ancuza assi bom comê,
Custá unchinho na-más;
Quim pagá, nádi gemê,
Quim comê, lô pedí más.

Gente antigo di Macau,
Pa andá na sociedade,
Nunca sã chacháu, la-lau,
Nádi goelá como áde.

Cunvite pa vai palácio,
Sã pa quim sabe portá;
Fulgéncio co Tio Acácio,
Rabo-barata botá.

Nho-nhónha mará cintura,
Su rópa tocá na chám;
Si fazê triste figura,
Sã lôgo uví papiaçám.

Gente bóba fichá bóca,
Non-mestê fazê asnéra;
Onçôm temá, abrí bóca,
Sã lô papiá babuzéra.

Gente antigo vai Ongcông,
Vapôr são têm-qui tomá;
Asnéra gongchông, gongchông,
Mamá sentá vumitá.

Pa vai Taipa, Coloán,
Sã tomá bote remá;
Quim têm fórça di sansám,
Más azinha lô chegá.

Na tempo di Carnaval,
Macau quelê divertido!
Nho-nhónha inchí quintal,
Olá bôbo astrevido.

Bôbo-bôbo desbocado,
Têm ora largá asnéra;
Chai nádi ficá calado,
Lôgo dá co ôtro asnéra.

Quelora tuna ta sai,
Bita azinha mascará,
Pegá mám di nôsso atai,
Vai meo di rua pulá.

Títi-dinha capa-dóci,
Fazê barba co ladú;
Avô comê qui vêm tóssi,
Sã jagra já sai vantú.

Chegá áno-nôvo china,
Nôs ta ficá alucinado:
Sai rua, dobrá esquina,
Clu-clu pa tudo lado.

China bulí chaminica,
Gritá «Nhónha, ióga, ióga»!
Nôs encostá na botica,
China goelá «Ábli, ióga»!

Sês-pique, sete-cavéra,
Nádi sai si nôs temá;
Nhum já dá co dôs asnéra,
Virá costa gurunhá.

Natal azinha chegá,
Trazê paz pa tudo gente.
Quiança-quiança sã pulá,
Non-pôde más di contente.

Pai-mai sentí bólsa ardê,
Qui di dinherám gastá:
Rópa-nôvo sã fazê,
Pa casa intéro usá.

Cavá rópa, sã sapato,
Sã dóci, sã pitisquéra,
Recheá pirú arto-arto,
Bebê, panhá bebedéra.

Na anôte di consoada,
Têm cêa pa tudo gente;
Na Natal sã jantarada,
Qui tudo lôgo afiá dente.

Alua, quánto tachada,
Tudo casa lô fazê;
Fárti, coscorám, impada,
Nádi faltá pa comê.

Quiança-quiança qui azinha,
Usá rópa batê asa,
Dá Bô-Festa pa madrinha,
Co tudo gente di casa.

Si nunca panhá pisente,
Bêço sã lôgo pussá;
Têm quánto quelê contente,
Bom-bom ancuza achá.

Cavá Natal, quánto dia,
Tudo sentá, batê ôlo:
Quim lembrá su floristia,
Quim comê qui sentá ôlo.

Natal vai, vêm áno-nôvo,
Pauchong sã têm-qui quimá.
Nôvo-nôvo, pám-co-ôvo,
Sórte sã lô isperá.

Quim alegrá, quim churá,
Lembrá pai-mai, máno-máno,
Qui nádi más festezá
Intrada di nôvo áno.

Vida sã assi, j'olá?
Non-pôde sômente têm,
Ancuza pa alegrá:
Tristéza têm ora vêm.

Nôsso Macau di otróra,
Qui sã tera pa ficá;
Tudo gente vêm di fora,
Nádi más Macau largá.

Rénda-casa, três pataca,
Pataca-meo, tomá áma;
Amui nuncassá pataca,
Dá-comê, dá rópa, cáma.

Quánto avo comprá sôm,
Têm porco, áde, galinha,
Cóve-flôr, lingau, cancông,
Asa-marêlo, tainha.

Gente-pobre más capaz,
Fazê su cuzinhaçám:
Pegá dez avo na-más,
Ta fazê dôs refeçám.

Têm vaca, unga pitiz,
Comprá brêdo champurá;
Si pêsse nunca amiz,
Pôde quentá pa jantá.

Chita pa rópa di nhónha,
Dez avo têm quánto jarda;
Páno-elefanti pa frónha,
Custá dôs cen unga jarda.

Tánto ancuza já fazê,
Tamêm páno lô restá
Pa incacho di bebê,
Co ceróla di papá.

Vai olá fita-cinema,
Sômente pagá *tau-lêng;*
Dôs cen comprá guloséma,
Dôs cigaro unga cen.

Salário trinta pataca,
Já pôde pensá casá.
Nuncassá armá baraca,
Casa lô têm pa ficá.

Gente-rico lôgo têm
Caréta, cúli pussá;
Si sã sapeca non-têm,
Vai rua pôde andá.

Macau, ilôtro falá,
Têm su árvre di pataca;
Quim vêm colê, sã gostá,
Nôs cherá fula champaca.

Quim di lóngi vêm Macau,
Qui co siara, qui onçôm,
Pruvá ágụ di Lilau,
Nádi más voltá *Sai Iông.*

Sã assi Macau antigo,
Na tempo di balichám;
Quim sabe granzeá amigo,
Sã non-têm consumiçám.

Nôs quelora recordá,
Tempo antigo, filiz,
Vontade sentá churá,
Rezá, pedí Dios bis.

Milagre di ágụ sã pôço:
Largá balde, elá ágụ.
Di chám subí tê piscoço,
Tudo poço inchido d'ágụ.

Si sã quente, têm aváno,
Si sã frio, têm colcha-papa.
Águ suzo cai na cáno,
Non-têm rua papa-papa.

Rua curto-curto, istrêto,
Nádi olá chám lameado;
Gente pôde andá drêto,
Nádi cai ficá pinchado.

Má-língu co chuchuméca,
Tempo antigo tamêm têm;
Pa quim têm tánto sapeca,
Tudo lôgo amen-amen.

Abêla-mestra, mandóna,
Sã têm na roda di vida.
Cachi-bacho pilizóna
Non-pôde más di astrevida.

Gente antigo, nôs sentí,
Têm más chiste, más manéra;
Sabe falá, sabe uví,
Papiá menos babuzéra.

Su grándi capacidade,
Sã fazê más filo-filo;
Pa ninguim sã nuvidade,
Pai-mai vinte fil'filo!

Si non-sabe pilizá,
Na casa cavá comê,
Sim televisám pa olá,
Cuza más lôgo fazê?

Têm nhu-nhum bêm di capaz,
Ramendá quánto letrado;
Buro-tapado têm más,
Pa mal di nôsso pecado!

MACAU, BELÉZA DI PASSADO

Tera di fé, qui Dios j'abençoá,
Casa qui têm sosségo, têm pám;
Fôgo sandido pa vêm lumiá
Alma fichado n'iscuridám.

Tera di chiste co formosura,
Retrato di Sol na Primavera;
Riva, Céu azul; basso verdura;
Fora, mar chám; dentro sánto tera.

Sã Macau! Nôsso bérço cristám,
Jardim na pê di Mundo semeado...
Sã Macau, qui têm su coraçám
N'unga dilúvio di amôr banhado.

Macau nunca-sã hoze sômente:
Sã tudo di bom qui na passado
Capacidade di nôsso gente
Criá co trabalo ismerado.

Aqui têm pagode antiquado,
Ali, greza arto co su sino,
Rua co travessa consertado,
Ornado co casa piquinino.

Prai-Grándi damostrá formosura!
Arto Guia, co farol empido,
Têm Nos'Siora, méga, co doçura,
Ta protezê Su gente quirido.

Subí Penha contemplá Capela,
Vêm basso buscá Bica Lilau.
Sám Tiago, na Bara, sentinela,
Co espadarám viziá Macau.

Sám Lorénço sã qui vêlo bairo,
Co su antigo Quartél di Môro.
Na Chunambéro nôs panhá nairo,
Na San Ma Lou pôde comprá ôro.

Ma-Kok-Mio sai na embocadura,
Lembrá Macau na bérço mulado:
N'unga lado, sã mar di bravura,
N'otrunga, lágri sacrificado.

Arto, basso, grándi, piquinino,
Um-cento bote na mar boiá.
Curto, cumprido, tufado, fino,
Sã pêsse qui ilôtro pescá.

Na meo di cidadi sai Senado,
Co beléza d'otróra erguido.
Unga Siminário respetado
Têm na trás, pa Dios ficá sirvido.

Misericórdia di Dom Melchior
Têm ali co suave humildade.
Tong-Sin-Tóng, co su grandi fervôr,
Nom-têm fim di fazê caridade.

Más pa diante, olá Taraféro,
Co botica di catá-cutí.
Vai riva sã ta olá bombéro,
Hospital Kiang-Vu qui china erguí.

Di Basso-Mónte vai La-Chap-Mio,
Lóngi di bairo di Sa-Li-T'au.
Na unga vánda, sã têm San Kio,
Na otrunga, olá Matapau.

Fortaléza-Mónte co su peça,
Lembrá nôsso Macau di otróra;
Andá vai diante, decê travessa,
Greza Sant'António sai vêm fora.

Decê Sé sã ta vai Sám Domingo
Rezá pa Mai di Dios co fervôr.
Vai Sant'Agostinho na domingo,
Adorá Siôr Passo na andôr.

Trás di Sám Lazro têm Sám Miguel,
Pa alma di justo discansá.
Virá Flora, passá na quartél,
Sã ta intrá na bairo Mong-há.

Têm unga vánda chomá Tap-Siac,
Co unga porçám di casarám.
Vai más pa riva sã Macau-Siac,
Co Ilha Vérde na bocarám.

Na Sám Januário têm Hospital,
Co Sám Francisco na pê di Guia;
Cavá olá Môro-sa Ramal,
Virá, sã têm na Dona Maria.

Di Sám Paulo, decê vai Jardim
Co nómi di Camões isquevido.
Porta-Cérco sã têm na fim-fim,
Co su portám di fero erguido.

Lugar janota, desdi qui ora,
Aqui China, ali Portugal,
Macau champorado já vêm fora
Unga jardim qui nom-têm igual.

Tera di fé qui têm coraçám,
Têm alma, inchido di beléza,
Sã Macau! Nôsso bérço cristám,
Di Portugal chistosa princésa.

CASARÁM ANTIGO

Macau di janela vérde,
veneziána di tabique;
Macau di chám sobradado,
co enténa chuchú parede
pa co-côi sobrado;
Saguám pa lavá rópa,
Teraço di chám di ladrilho,
lugar pa sugá rópa.

Macau di casarám antigonostre
Cubrido co télia vemêlo,
parede caiado,
varánda empolado...

Únde têm vôs?

Macau di quintal co pôço,
corda mará báldi,
báldi elá água vêm riva.
Horta co árvre di frutázi
semeado aqui-ali;
Porta-trás pa sai "lap-sap",
pa áma comprá sôm,
apô di cartá água-fónti,
intrá-sai di casa.

Únde têm vôs?

Macau antigo di gudám
co dispensa pa guardá catá-cutí;
Quarto di quiada na "lau-chai".
Quartinho di banho na vánda-trás,
co bacia di loiça pa lavá rôsto,
balsa di pau pa lavá corpo...

Casa-casa antigo
di Macau tamêm antigo...

Seléa Macau, únde têm vôs?

CASARÃO ANTIGO

Macau de janelas verdes,
persianas de tábua delgada;
Macau de chão sobradado,
com barrotes metidos nas paredes
para susterem o soalho;
Logradoiro onde se lava a roupa,
Terraço com chão de ladrilho,
lugar para se pôr a roupa ao sol.

Macau de casarão muito antigo
Coberto com telhas vermelhas,
paredes caiadas,
varandas vistosas.

Onde estás?

Macau de quintal com poço,
corda atada ao balde,
balde trazendo água para cima.
Pomar de árvores de fruto,
plantadas aqui, ali;
Porta traseira para a saída do lixo,
para a criada que vai ao mercado,
para a aguadeira de água potável
entrar e sair do domicílio.

Onde estás?

Macau antiga de casas com rés-do-chão
guarnecido de arrecadação para tarecos;
Quarto de criadagem na sobreloja,
Casa de banho na zona traseira,
com bacia de loiça para se lavar a cara,
balsa de madeira para o banho....

Casas antigas
de Macau também antiga...

Macau assim, onde estás?

NÔSSO MACAU DI AGORA

NÔSSO MACAU DI AGORA

Nôsso Macau já crecê,
Já ficá quelê mudado!
Nôs cristám sã têm-qui crê,
Macau sã tera abençoado.

Crecedura di Macau
Ramendá unga balám:
Iou suprá, vôs chuchú pau,
Balám sã ficá ching-cháng.

Nunca sã brinco, olá,
Nôsso Macau di agora.
Chacha têm ora churá,
Recordá tempo d'otróra.

Pa tudo vánda chiquismo,
Viveza qui non-têm fim.
Co seléa janotismo,
Mato ta ficá jardim.

Quánto-cento casarám
Ta erguí pa tudo vánda;
Di teraço pa gudám,
Tudo cánto sã varanda.

Têm casa, qui tentaçám,
Ramendá piscoço d'áde;
Casa azinha sai di chám,
Nhu-nhum fazê nuvidade.

Acunga fino-cumprido,
Ramendá caxa-fochai,
Onçôm já ficá capido
Na meo di dôs *san-chi-pai.*

Nhum capaz, assi falá:
«Sã quitetura moderno!»
Nôs pensá nhum imitá
Abolô co tánto terno.

China-rico erguí casa,
Más rico sã lô ficá;
Quim pagá renda di casa,
Ceróla têm-qui impinhá.

Rénda qui nôs ta pagá,
Sômente pa unga mêz,
Na tempo antigo bastá
Pa um-cento fora mêz.

Macau di hoze-sua dia
Têm tudo di más janota;
Nho-nhónha cortá chiquia.
Vestí calçám, usá bota.

Masquí mau-gôsto vestí,
Sã têm-qui botá figura;
Na casa batê-tití,
Vêm rua mostrá ternura.

Saia míni, curto-curto,
Perna-grándi lô mostrá;
Hóme-hóme vista curto,
Chapá perto pa bispá.

Ôlo fino rabicado,
Ramendá rato cherôso;
Tánto nhum ficá babado,
Fazê jêto di chistôso.

Nhum di cabêlo cumprido,
Di tempo di Pai-Adám,
Têm argolinha na uvido,
Usá bota co tacám.

Nhum bulí corpo dançá,
Ramendá unga serpente;
Ôlo sã têm-qui fichá,
Bóca aberto, mostrá dente.

Si chomá nhónha valsá,
Quelora ta tocá tángo,
Nhum lô pulá cha-cha-chá,
Nhónha sã virá fandángo.

Cidadi nómi di Dios,
Non-têm otrunga más lial!
Dôi bariga... lembrá Dios,
Si susto, tomá cordial.

Tufám cavá virá vai,
Ventania nádi têm;
Nuncassá gritá pai-mai,
Vai altar rezá... amen.

Querê vivo sossegado,
Tánto bênça pôde achá;
Si sã ficá endiabrado,
Dios reva, lô castigá.

Quánto-cento inventaçám,
Gente tamêm ficá jóvi;
Quim sentí subí pressám,
Quim onçôm andá à-nóvi.

Padre-padre tudo dia,
Têm batina na gavéta;
Na greza pegá candia,
Vêm rua pegá caréta.

Chacha agora vai greza,
Achá missa qui mudado;
Tentá chám, fazê su reza,
Pa nádi cai na pecado.

Nhum Padre falá «erguí»,
Tudo erguí; falá «sentá»,
Sã sentá; falá «erguí»,
Sã erguí, «sentá, cantá»!

Di tánto bassá, em pê,
Chacha panhá unga côte,
Inchá patinga co pê,
Non-pôde durmí anôte.

Fábrica qui agora têm,
Inchí béco co travessa:
Nhu-nhum qui di lóngi vêm,
Co sapiéncia na cabeça.

Quim rolá fio, fazê rópa,
Enfiá mútri na quimám;
Quim fazê baul co cópa,
Vassóra pa varê chám.

N'unga vánda limá pau,
N'otrunga suprá balám,
Sium botá «Made in Macau»,
Cavá ganhá dinherám.

Tudo laia inovaçám
Têm oficina fazê.
Si vôs querê balichám,
Sã onçôm têm-qui gemê.

Águ pa bebê, lavá,
Virá mám, sai di tornéra.
Tanto pôço já fichá,
Tudo casa têm tornéra.

Têm ora, pingá, pingá,
Sã ficá seco ismirado.
Chacha vai praia banhá,
Já vêm casa constipado.

Luz eléctrica quelora
Sai na Macau, quente-quente,
Fazê nôs isquecê ora,
Cantá, pulá di contente!

Nôs nuncassá avaná,
Nuncassá quimá carvám;
Águ onçôm lô quentá,
Tempo-frio ficá verám.

Chapá fio... luz lumiá nôs,
Nuncassá sandê pavio;
Chapá fio... bafá arôz,
Querê vento... chapá fio.

Casa intéro sã fio-fio,
Pê di cáma tê cozinha.
Tempo quente, tempo frio,
Tudo ancuza têm azinha.

Chacha falá qui ramêde,
Estunga ancuza têm diabo!
Fio chapado na parede,
Fazê gato erguí rabo.

Seléa inventaçám,
Sabe fazê su mapeça,
Dá tánto consumiçám,
Fazê gente dói cabéça.

Fio-fio sabe perdê bafo,
Botá nôs na iscuridám.
Avô pensá qui ta safo,
Já tropeçá, cai na chám.

Justo MELCO ta morê,
Soltá último suspiro,
CEM quelora já nacê,
Ramendá quiança arviro.

Na ora qui non-têm luz,
Sã têm-qui sandê lampiám;
Camarám na putau cucús,
Sai vivo, pulá na chám.

Dios-haza dessá heránça,
Pa estunga geraçám;
Quim vêlo, perdê esp'ránça,
Sã chocá consumiçám.

Macau já olá torada,
Co quelê tánto Manôlo;
Nhu-nhum olá, ri cacada,
Nhónha susto, fichá ôlo.

Boi dôdo, preto-carvám,
Tamanhám di ilefánte,
Impiná su dôs cornám,
Pa chuchú quim têm na diánte.

Toréro-cáfri, cholido,
Olá tôro, capí mám;
Tôro ficá burecido,
Toréro perdê calçám.

Quelora tôro zinguá,
Nôs tudo gritá «Olé!»
China-china más gostá
Sã gritá «Hou-ié, hou-ié»!

Rua-rua di Macau
Divera quelê coitado!
Qualunga chacháu, la-lau,
Ficá tôrto ravirado.

Vêm fora, panhá poéra,
Cherá fumo di caréta,
Chacha largá unga asnéra,
Virá pê, cai na valéta.

Non-pôde más di geniado,
Sentá na casa gemê
Co unga ôlo inchado,
Ruçá mizinha na pê.

Rua pôdre têm qui tánto,
Co quánto-cento buraco;
Lamaçal na tudo cánto,
Tapado co saco-saco.

Unga vêm quebrá, tapá,
Otrunga cioso partí;
Estunga cavá tambá,
Más unga torná abrí!

Chám co bariga aberto,
China pegá fio chuchú.
Asssi, lô pará perto,
Sã têm-qui ficá vantú.

Chuva fazê chám mulado,
Chám liching sã lô ficá.
Quelora cáno fichado,
Nôs tomá bote remá.

Co rádio, televisám,
Macau já ficá moderno:
Têm ora, qui animaçám,
Têm ora, sã unga inferno!

Cacho di gente na casa,
Vêm olá televisám;
Cavá olá, batê asa,
Nôs sã têm-qui varê chám.

Quelora abrí rádio,
Têm Lisboa, tem Ongcông;
Pa uví fado Hilário,
Nuncassá tocá gam'fôn.

Si luz non-pôde chegá,
Fita co sôm lô fugí;
Televisám nádi olá,
Amália sã nádi uví.

Nhum na rádio ta papiá,
Falá chuva lôgo cai...
Quim sombrêlo si cartá,
Olá Sol fórti ta sai.

Gente antigo vai cinéma,
Olá tudo fita mudo;
Agora nôs vai cinéma,
Pôde sai vêm fora surdo.

Sium capaz já inventá,
Sôm... co tudo laia chêro.
Fedôr quelor'izalá,
Nôs sã pingá águ-chêro.

Macau têm más caréta
Qui rua, béco, travessa.
Têm mota, tem biciquéta
Tud'ora aguá péssa-péssa.

Quim guiá, finzí alônço,
Quim andá, tomá cuidado!
Andá rua, sônço-sônço,
Lô ficá dizengonçado.

Nhum di caréta, têm ora,
Ramendá dono di rua;
Caréta corê vêm fora,
Pôde pinchá vôs vai Lua.

Novémbro di tudo áno,
Nôs sã imprestá Macau,
Pa qui tánto máno-máno,
Fazê Grám-Pri di Macau.

Caréta-dôdo corê,
Passá como fuzilada.
Chám co casa lô tremê,
Ramendá ta cai trovada.

Gente ramendá fumiga,
Fazê Macau istremecê.
Quim vêm pa inchí bariga,
Quim vêm pa olá corê.

Hotê, pensám co culau,
Sã ganhá unga dinherám.
Sômente nôs di Macau,
Recolê consumiçám!

Cavá virá costa vai,
Macau ficá sossegado;
Ilôtro falá *bai-bai,*
Nôs sentá pussá bafado.

Quim agora vai Ongcông,
Têm «aidofói» pa sentá;
Tentaçám erguí, gongchông,
Unga istante chegá.

Si vôs sã mau marinhéro,
Tripa tamêm lô vêm fora;
Más bom sã vai Taraféro,
Buscá fólia di amora.

Cavá lô têm aropláno,
Pa viazá más azinha.
Macau, na roda di áno,
Lôgo olá andorinha.

Chacha quelora uví,
Nôs pôde aguá arto-arto,
Di susto lôgo xirí,
Lôgo panhá subissalto.

Macau têm quánto casino,
Pa nhum jugá qui enfadá.
Têm clu-clu, fantán co quino,
Têm roléta, bacará.

Jôgo chomá «vinte-um»
Sã perdiçám di Tio Chai;
Tio perdê, ficá murúm,
Prometê nádi más vai.

Tio pensá qui capaz,
Ganhá sapeca di china;
Querê pintura, vêm ás,
Pedí ás, china dá quina.

Tudo ora rabentá,
Sapeca sã vai di vez;
Tio pegá carta rasgá,
Ficá vantú unga mêz.

Na vánda di Prai-Grándi,
Nhum di jôgo já erguí
Unga casarám qui grándi,
Co tánto catá-cutí.

Ramendá unga cajola,
Co ninho di bicho-mel,
Ornado co bola-bola,
Enfiado na quant'anel.

Levador chomá «Se-leva»,
Têm ora subí azinha,
Tem ora, divera reva,
Vôs lô pará na cozinha.

Vai salám, pôde bailá,
Sono... vai quarto durmí.
Têm tánqui pa sium banhá,
Tem nhónha pa vêm chipí.

Pa comê nádi faltá,
Restoránte co culau;
Non-têm porco bafá-assá,
Têm *chau-min,* arôz chacháu.

Si pêsse non-têm sabôr,
Si vôs querê bacaláu,
Sã têm-qui 'sperá vapôr,
Di Portugal vêm Macau.

Têm bufê pa nôs rufá,
Bífi di um-cento pataca;
Chacha quelora pagá,
Nôs azinha chomá maca.

Quim fado querê uví,
Vai gudám buscá Galera:
Sium tocá *tilí, tilí,*
Nhónha imitá Severa.

Cantadéra co ôlo preto,
Goelá «Ai, iou-sua mamá»!
Rópa preto, xáli preto,
Fazê nôs fifó churá.

Luz fichado, quarto iscuro,
Fazê nhu-nhum cai co sono,
Cai testa na bánco duro,
Ficá cara mônо-mônо.

Na ilarga di Galera,
Têm Café Anôte-Dia;
Nho-nhónha namoradéra,
Pegá anôte fazê dia.

Têm tánto pêsse-dorado,
Qui já aguá di Japám;
Pêsse co tánqui juntado,
Custa unga dinherám.

Na vánda di *Fá-Chi-Ki,*
Têm cachôro ta corê;
Campo azinha inchí,
Mônо-mônо vai gemê.

Cachôro sai di cajola,
Corê, seguí trás di lebre;
Nhu-nhum isvaziá sacola,
Palpá testa, sentí febre.

Tudo fim-fim di semana,
Chacha durmí na janela,
'Sperá Chai co Títi-Mána,
Qui já vai jugá quinela.

Nôs uví gente falá
Qui estunga Companhia
Nunca gostá mesquinhá,
Capaz fazê floristia.

Di tánto querê Macau,
Qui ilôtro ta vai gastá,
Pa bêm di nôsso Macau,
Sapeca qui aqui ganhá.

Quelê tánto já ganhá,
Nádi guardá pa onçôm;
Na Macau lô impregá,
Nádi levá vai Ongcông.

Quánto-cento di turista,
Juntá rancho, tudo dia,
Vêm Macau insaguá vista,
Pulá di Mónte pa Guia.

Tánto-tánto *a-no-nê,*
Pegá mám, paxá juntado,
Andá rua batê pê,
Olá gente raganhado.

Turista capaz gastá,
Tudo vánda querê vai,
Tudo ancuza lôgo olá,
Virá mám, sapeca sai.

Jóia-jóia qui comprá,
Lô fazê lembrá Macau.
Rico sã lôgo ficá,
Tánto nhu-nhum di Macau.

Nôsso Macau sã divera
Qui já sai fora di sério;
Mâz nhum falá nôsso tera,
Sã qualunga cimitério.

Sã vontade malinguá,
Sã onçôm querê bulí.
Quim têm ôlo pôde olá,
Quim vivo pôde sentí.

Govérno cavá pensá
Na mar erguí unga pónti,
Cámara corê orná
Su Senado c'unga fónti.

Cámara azinha abrí
Fónti na dia di Sám Juám.
Gente di susto fuzí,
Pensá mar ta furá chám!

Águ qui fónti isguichá,
Sai co laia-laia côr.
Onçôm sai, onçôm trepá,
Nádi izalá fedôr.

Tánqui na basso ampará
Tud'águ qui ta corê.
Non-mestê nhu-nhum lembrá
Vai tánqui lavá su pê...

Pónti, masquí-seza grándi,
Na meo di mar lôgo empê.
Subí vánda di Prai-Grándi,
Na Taipa azinha decê.

Co seléa cumpridám,
Sã têm-qui metê respêto.
Nhum tudo ora abrí chám,
Chuchú fero drêto-drêto.

Si intrá tôrto, qui ramêde,
Nôs lô ficá sim conserto!
Na basso sã mate fêde,
Na riva sã céu aberto.

Nhum cavá obra, quelora,
Quim vai Taipa, Coloán,
Nuncassá perdê quant'ora
Sentá china-sua sampán.

Azinha cavá comê,
Repimpado na caréta,
Istendê mám, cuçá pê,
Vai Taipa tirá asséta.

Nôsso Taipa-Coloán,
Onçôm já ficá pegado.
Saiám sã rua têm chám
Assi tôrto ravirado.

Caréta corê, corê,
Cavalo sã ramendá:
Têm ora subí, decê,
Têm ora non-pôde andá.

Pa quim querê discansá,
Choc Van têm unga posada;
Cavá vai praia banhá,
Vêm riva, têm patuscada.

Dózi quarto piquinino,
Co sala-jantá chipido;
Nhónha co cintura fino,
Fazê nôs qui divertido.

Na Taipa, nhu-nhum falá,
Govérno más unga áno,
Pegá montánha cerceá,
Fazê rua p'aropláno.

Pôrto medónho di grándi,
Ka Ho cavá lôgo têm.
Vapôr quelê grándi-grándi,
Di lóngi sã pôde vêm.

Quelora quim vai *Sai Iông,*
Sã intrá pónti aguá;
Nôs nuncassá vai Ongcông
Buscá túne pa cruzá.

Macau inchido di mate,
Vapôr têm ora incaliá.
Mate nunca sã sutate,
Draga sã têm-qui chupá.

Cavá chupá, pinchá fora,
Mar sã lô ganhá fundéza.
Mate cavá vai, tem ora,
Torná vêm co corentéza.

Mate sã unga riquéza
Qui Macau ta cultivá;
Saiám qui estunga beléza,
Ninguim querê vêm comprá.

Nôs lô ficá más janota,
Quelora inaugurá
Acunga jôgo *Pelota,*
Qui ispanhol capaz jugá.

Na Ispánha sã *Jai-Alai,*
Vêm Macau ficá *Pelota.*
Tánto gente lôgo vai
Buscá sórte, cambiá nota.

Bánco grándi, bánco nôvo,
Pa tudo cánto ta abrí.
Nôvo-nôvo, pám-co-ôvo,
Sabroso sã lô sentí.

Bánco qui nôs ta falá,
Nunca sã bánco di pau,
Pa vôs sentá ó orná
Jardim-jardim di Macau.

Sã casa co cófri-fórti,
Qui tánto nhu-nhum querê;
Nhu-nhum quelora têm sórti,
Botá sapeca iscondê.

Lôgo imprestá pa vôs,
Quelora vôs precisá.
Sabe azinha buscá vôs,
Si vôs isquecê pagá.

Sã, nunca sã bunitéza,
Nôsso Macau di agora?
Tudo vánda sã beléza,
Tudo dia, tudo ora.

Dotôr pôdre, sabichám,
Tudo dia têm p'olá;
Catavento, camaliám
Qui azinha abundá.

Capaz fazê intriga,
Têm más nhum qui Mariquinha;
Voz mánso, zum-zum cantiga,
Ta vendê vôs qui azinha.

Divera sã já crecê,
Já ficá quelê mudado;
Hoze, sempri, tê morê,
Macau sã tera abençoado.

MACAU MODERNADO

Nôs agora têm unga túne
Na basso di Mato-Guia;
Caréta ramendá bicho-núne,
Vai-vêm na túne tudo dia.

Quim intrá na Pôrto Nôvo,
Unga istánte têm na Flora;
Di unga buracám, sai rua nôvo,
Tudo ta contente agora.

Perto-perto di Sám Francisco,
Têm unga rua riva di ôtro rua;
Gente di pôvo olá, ficá pisco,
Pensá ta vivo na Lua.

Pa sai di casa, agora, nuncassá
Prendê montá biciquéta;
Rua sã nádi faltá
Pa tudo laia di caréta.

Pa tudo vánda sã casarám,
Na tudo cánto têm jardim.
Quim pôde gastá unga dinherám,
Pôde vivo ramendá mandarim.

Aropôrto ta perto têm,
Na vánda di nôsso *T'am Chai*
Pa aropláno di lóngi vêm,
Aropláno pa lóngi vai.

Co nôsso Macau assi capaz.
Quelora nhu-nhum vai *Sai Iông*,
Sã cruzá pónti na-más,
Popá trabalo vai Ongcông.

Unga pôrto quelê fundo
Na mar di Ka-Ho lôgo olá,
Pa vapôr di tudo Mundo
Vêm aqui, fáci intrá.

Macau-Taipa têm unga pónti
Qui já nom-pôde chegá.
Sã erguí más unga pónti,
Pa gente nuncassá nadá.

"Lap-sap" di rua lô disparecê,
Pa Macau ficá limpo-assiado.
Govérno já lembrá fazê
Unga fugarám pa tudo sai quimado.

Vapôr "féri" antiquado
Di cartá gente vai Ongcông,
Agora já ficá parado,
Nádi más gongchông, gongchông.

Quim vai Ongcông sã vai
Na "che-fói" regalado;
"Che-fói" assi azinha sai,
Assi azinha ta chegado.

Si querê chegá más ligéro,
Buscá "helicótro" sentá.
Sã gastá unga mám di dinhéro,
Mâz lôgo têm gôsto di aguá.

Co Macau assi modernado,
Quim nádi querê vivo aqui?
Tera di poguésso champurado
Co tristéza aqui, chacháu ali.

MACAU MODERNIZADA

Nós agora temos um túnel,
Por baixo da Colina da Guia;
Os carros, parecendo libelinhas,
Vão e vêm no túnel o dia inteiro.

Quem entra no Porto Exterior,
Num instante está na Flora;
De uma buraca se fez uma rua nova,
Agora estão todos contentes.

Próximo de São Francisco,
Há uma rua em cima de outra rua;
O povinho vê, fica zuca,
Pensando que está a viver na Lua.

Para sair de casa já não é preciso
Aprender a andar de bicicleta,
Pois, vias já não faltam
Para todo o tipo de viaturas.

Por toda a parte se vêem casarões,
Em qualquer canto há um jardim.
Quem muito pode gastar,
Pode viver como um mandarim.

Estamos prestes a ter aeroporto,
Lá para os lados da nossa Taipa
Para os aviões que vêm de longe
E aviões que para longe vão.

Com a nossa Macau tão eficiente,
Aos senhores que vão para Portugal,
Basta atravessar a ponte,
Poupando o trabalho de ir a Hong Kong.

Um porto bem fundo
Vai surgir no mar de Ka-Hó,
Para que os barcos de todo o Mundo
Aqui venham e entrem facilmente.

Entre Macau e Taipa existe uma ponte
Que já se mostra insuficiente.
Erga-se, então, outra ponte,
Para que ninguém atravesse a nado.

O lixo vai desaparecer das ruas
Para Macau ficar asseadinha.
O governo lembrou-se de mandar fazer
Grande fogão para tudo ser queimado.

Os barcos "ferry" obsoletos,
De transporte de passageiros para Hong Kong,
Estão agora parados
E já não voltam a chocalhar.

Quem se desloca a Hong Kong
Vai repimpado no "Jetfoil";
O "Jetfoil" tão depressa parte,
Quão depressa está a chegar.

Se se deseja chegar mais depressa,
Compra-se lugar no helicóptero;
Paga-se um dinheirão, é certo,
Mas fica-se com o prazer de voar.

Com Macau tão modernizada,
Quem não gosta de aqui viver?
Terra de progresso misturado
Com tristeza aqui, confusão ali.

MACAU DI AGORA

Nôs sua Macau di agora
Qui janota tá ficá;
Nhu-nhum qui sã vêm di fora,
Tánto ancuza têm p'olá.

Sai de vapôr lôgo achá
«Palaço» n'água boiá.
Na gudám pôde «iâm-chá»,
Si querê podê bailá.

Cavá comê, subí,
Nemestê ficá vantú;
Têm sórte pôde chubí
Pôde ganhá na clu-clu.

«Palaço» sã unga lorcha
Grándi qui non pôde más,
Chapado na Rua Lorcha,
Feo ramendá ananás.

Na meo-meo de San Ma Lou,
Acunga hotê di fichado,
Mucho, ramendá ladú,
Fazê nôs ficá geniado.

Na vánda di Praia-Grande,
Têm Sol, têm Mar co Cam-On;
Nhu-nhum sentí qui galante,
Amui di acunga «come on».

Más pa riva lôgo olá
Casarám fino-cumprido;
China-china má linguá,
Chomá «san-chi-pai» empido.

Corê vai otrunga vánda,
«Istoril» lôgo olá;
Na riva têm unga bánda,
Pa nhum co nónha dançá.

«Istoril» sã unga mina,
Sã qui grándi tentaçám;
Laia-laia jogatina
Fazê vôs perdê calçám.

Têm n'ali, pa tudo gente,
Unga tánqui bem di fundo;
Inchido di águ quente,
Pa banhá na tudo mundo.

Quim perdê qui estonteá
Na fantán, clu-clu, roléta,
Na tánqui pôde pulá,
Pa charéta refrescá.

Más unga mêz lôgo têm,
Brinco di caréta dôdo;
Tánto nhu-nhum lôgo vêm,
Pa azinha cai na lôdo.

Um-cento fora caréta,
Lôgo corê desenfreado.
Têm churuto, têm charéta,
Têm lata vêlo chapado.

Na fim di estunga áno,
Nôs lôgo têm unga «hidro»
Más azinha que aropláno,
Más lustro que unga vidro.

Ancuza qui nôs já têm
Sã corida di cachôro;
Di Ongcông tudo gente vêm,
Panhá injeçám di sôro.

Cachôro sã bunitéza,
Persiguí lébri ligéro.
Nhu-nhum contemplá beléza,
Já ficá quelê brejéro.

Cachôro qui sã danado,
Sã trazê consumiçám:
Nádi corê, endiabrado,
Pará, pa sisí na chám.

Macau já têm unga pôrto,
Pa vapôr grándi qui grándi,
Draga chupá lôdo-tôrto,
Fazê mar ficá más grándi.

Hotê, vila co pensám,
Tánto-tánto tá erguí.
Quim vêm, nuncassá pensám,
Têm casarám pa durmí.

Sã, nunca sã, vôs olá,
Qui Macau ta sai di sério?
Nhu-nhum nemestê pensá
Qui nôs sã pantominéro.

GRANDÉZA DI NÔSSO MACAU

Pedaço di chám piquinino,
D'unga tera qui têm beléza,
Sã Macau na mám di Destino,
Fêto di Portugal princésa.

Tera qui sempri têm riquéza,
Nunca guardado pa onçôm;
Alma inchido di grandéza,
Costumado têm filo bom.

Culpa nom-pôde sã di tera,
Si na meo-meo di bom, têm mau,
Si na tempo di paz, têm guéra...
Assi, sã ta pagá patau!

Mate qui têm na tudo mar,
Sã su fortuna di agora.
Nhu-nhum capaz, vagar-vagar,
Chupá tudo mate vêm fora.

Chupá qui chupá, lô têm más...
Quelê tánto têm pa chupá.
Nhu-nhum virá ôlo na-más,
Sã mate torná vêm bailá.

Tera grándi têm unga pôrto,
Macau piquinino têm dôs:
Unga nôvo, unchinho tôrto,
Otrunga vêlo, guardá arôz.

Pôrto inchido di gudám,
Quánto lorcha na mar lio-lio...
Caréta corê quebrá chám,
Pato boiá goelá pio-pio.

Tufado na su formosura,
Macau ta perto lôgo têm
Más unga pôrto co fundura,
Pa vapôr qui di lóngi vêm.

Estunga pôrto têm largura
Pa vapôr grándi, volontrôm;
Macau certo fazê figura,
Nuncassá invejá Ongcông.

Qui ramêde si "sumarino"
Lembrá vêm mar fundo ronçá.
Coitado pêsse fino-fino,
Nádi têm lugar pa brincá.

Tánto ancuza ta falado,
Macau tezá pêto, vai frente!
Vida corê dizenfreado,
Fazê nôs churá di contente.

Sômente Chacha querê sabe
"Aropôrto" sã cuza vêm-sa;
Quelê-môdo Chacha lô sabe,
Ancuza qui Macau nom-têm-sa?

Máno Cha-Chai têm instruçám,
Corê sai bóca ixplicá:
"Aropôrto sã unga chám
Pa aropláno dislizá."

"Aropláno aguá, aguá,
Chegá ora, têm-qui vêm basso;
Olá chám, vêm basso pará,
Gente vêm fora, passo-a-passo."

"Largá gente, torná inchí,
Cavá inchí, torná aguá.
Gente aqui, aguá vai ali,
Unga istánte ta chegá."

Chacha agora intendê
"Aropôrto" qui uví falá;
Cuza êle nom-pôde crê
Sã estória di gente aguá.

Vento fresco suprá na trás,
Já trazê sórte vêm Macau.
Tudo nhu-nhum ficá capaz,
Olá gato lambê putau.

Si lambê co ôlo fichado,
Co língu, co dôs pê, co mám,
Putau certo ficá rachado,
Lô entorná lête na chám.

Um-cento bánco têm p'olá,
Na nôsso Macau chuchuméca:
Têm bánco pa nhu-nhum sentá,
Têm Bánco pa guardá sapeca.

Pataca fémea cai di céu,
Tufá bólsa di tánto gente.
Fortuna fazê gente atêu,
Diabo olá, raganhá dente.

Macau co ánsia di crecê,
Ta vai crecê na meo di mar.
Águ onçôm botá corê,
Mate vêm tomá su lugar.

Lodaçal cavá intulhado,
Têm más lugar pa casarám;
Têm jardim co fula semeado,
Têm caréta pa quebrá chám.

Gente falá, más quánto dia,
Mato ta vai ficá furado,
Sai rua na basso di Guia,
Co acunga Farol empinado!

Si dá mau jêto pa furá,
Sã obra sai chacháu la-lau,
Farol sã lôgo ramendá
Tóri di Pisa na Macau.

Cuza Macau ta perto têm,
Sã onçôm-sa televisám...
Um-cento nhum capaz ta vêm,
Cofre ta sai 'nga dinherám!

Nôs di antismám ta sentí:
Macau têm fita di onçôm,
Co bom papiaçám pa uví,
Quim lô "telê-olá" Ongcông?

Qui susto si sai boboriça,
Fazê nôs tudo papá-mosca...
Macau co assi tánto cobiça,
Sã têm-qui cartá cruz na costa.

Tera agora florecido,
Tem tudo laia modernismo.
Nôs sentí quelê divertido,
Olá assi tánto chiquismo.

Chacha, co tánto nuvidade,
Di susto, panhá subissalto!
Máno Cha-Chai sai voz di áde,
Pulá na casa arto-arto.

"Azinha vai botica-mestre
Comprá mizinha di cordial!"
Quiada di Tai Lôc, agreste,
Já vai cuzinha panhá sal.

ÁNO VÊLO, ÁNO NÔVO

ÁNO VÊLO, ÁNO NÔVO

Unga áno intremente ta sai,
Lôgomente otrunga ta goelá.
Áno vêlo ta virá costa vai,
Áno nôvo qui azinha ta intrá.

Vida azinha-azinha corê,
Sã dia co mêz ligéro passá.
Gente antigo, susto di morê,
Pensá qui Mundo ta perto cavá.

Pôde vai co diabo, bicho traquino,
Áno oiténta quatro savanado.
Lembrá rabixá um-cento mufino
Pa azinha aguá co vôs juntado.

Olá êle batê asa aguá,
Nôs sintí qui mundo nádi saiám;
Tudo pauchong qui gente lô quimá,
Sã pa mundo nom têm consumiçám.

Quim ta ánsia vai savaná azar,
Quim ta sacudí vento-suzo mau;
Ancuza galado, pinchá na mar,
Pa tirá saván di nôsso Macau.

Áno vêlo, vôs bêm di buliçoso,
Já bulí co nôs na estunga vánda.
Vôs já ficá unchinho mapeçoso,
Sã merecê Chacha-sa sarabánda.

Calistro, ispalhá fome na mundo,
Trazê qui tánto lágri di margura.
Esperánça di bom dia já vai fundo,
Inguiçado pa um-cento diabura.

Qui di ódio crecê na coraçám
Di gente qui vivo dizesperado
Na unga mundo fêto di vilám,
Co assi tánto pobre iscravizado.

Nhu-nhum ta rico querê más riquéza,
Nom-têm fim di olá saco inchido.
Gente pobre sã morê na pobréza,
Cavá passá su vida consumido.

Tánto inocente onçôm pagá
Pecado di nhu-nhum dismazelado.
Qui vêlo, qui quiança já definhá,
Na casa-casa qui nom-têm telado.

Áno nôvo, lembrá trazê bom vento
Pa pôde suprá mufinaze vai.
Nunca-bom intrá co pê azarento,
Pa fazê mundo tropeçá pê cai.

Vêm co paz pa nôsso gente sofrido;
Pa quim fome, ne-bom isquecê pám.
Vêm co frescura di jardim florido,
Vêm co amôr pa tudo coraçám.

Pa tud'alma qui ta vivo na treva,
Sandê unchinho di luz pa lumiá.
Pa tudo coraçám qui sã ta reva,
Vêm passá páno mimoso limpá.

Co graça di Céu, vôs vêm raganhado,
Pa ispaliá amôr, paz co bondade.
Vêm filiz, ficá justo, abençoado,
Pa tudo coraçám di bô vontade.

ÁNO VÊLO, ÁNO NÔVO

Intremente unga ta rustiá pê,
Buscá porta-rua pa sai,
Otrunga, rónça-rónça na esquina,
Afogoso, ta querê intrá.

Sã áno vêlo co áno nôvo,
Áno qui ta vai, áno qui ta vêm.
Vêlo chegá ora têm-qui vai,
Nôvo na ora certo lôgo vêm.

Vida sã assi: tudo bulí, andá,
Nom-sabe cuza sã pará;
Vida sã tempo: andá vai diánte,
Nádi vai di volta pa trás.

Andá, sã têm-qui andá...
Mâz ne-bom corê azinha.
Nôs susto olá tempo aguá,
Fazê vida cifrá dizenfreado.

Assi azinha vida corê,
Assi azinha nôs têm cabêlo bránco.
Idade quelora avançado,
Ficá jóvi sômente di coraçám.

Quelora quiança, nôs sintí
Tempo quelê pachorento andá.
Agora vêlo, tudo passá azinha:
Dia, anôte, áno, vida intéro.

Co tudo su trabuzána,
Áno vêlo já chegá fim.
Corpo boncô, perna tremê-tremê,
Pegá mala pa vai andando.

Seléa áno inchido di consumiçám,
Co um-cento nuvidáde tristónho,
Mundo certo nádi saiám
Olá mufino disparecê di vista.

Co musicata, gritaria,
Co laia-laia alvorôço,
Tudo gente certo ta querê
Áno nôvo vem co rabo fresco.

Cristám vai altar sandê candia,
Gentio têm na pagóde quimá pivête;
Tudo ajoeliado na chám,
Unga rezá, ôtro batê cabéça.

Relógio "ting-tóng", batê mea-nôte,
Áno nôvo, zás! Começá!
Tezá pêto, batê pê, abrí ôlo,
Fazê vida nôvo começá juntado.

Aqui ta quimá pauchong,
Pa sacudí saván vai lóngi,
Ali ta sandê ratinho,
Pa savaná tudo casta di mufinaze.

Gente cacho-cacho bebê vinho,
Pulá, dançá qui cai pê.
Na mar, vapôr apitá qui apitá,
Na rua, caréta buziná, nhum batê lata.

Bô Festa! Bom Áno!
"Api-Niu-Yea", "Kong Hei Fat Choi"!
Tudo assi goelá, abraçá,
"Pi-chic, po-chóc", unga bezá ôtro.

Co coraçám inchido di esperánça,
Tudo gente sã querê
Áno nôvo trazê filicidáde,
Ispaliá amôr co alegria.

Áno nôvo, ficá bom quiança,
Vêm co Dios, ficá co Dios,
Dessá mundo intéro merecê graça,
Vivo sossegado, co bafo di paz.

Mundo nom-quêro sofrê más,
Nom-quêro fome co matánça.
Nom-quêro ódio co persiguiçám,
Sômente querê paz co amôr.

Bom áno pa tudo vosôtro,
Bom futuro pa tudo jóvi-jóvi.
Bô-Festa, Filiz Áno Nôvo,
Alegria co bénça di Sinhôr!

ANO VELHO, ANO NOVO

Enquanto um, arrastando os pés,
Procura a porta para sair,
O outro, vagueando na esquina da rua,
Já impaciente, quer entrar.

São o ano velho e o ano novo,
O ano que parte, o ano que chega.
O velho, batida a hora, terá de partir.
O novo, no momento próprio, virá por certo.

Assim é a vida: tudo gira, caminha,
Não sabe o que é parar;
Vida é tempo: decorre, avança,
Nunca pode retroceder.

Andar, sim, tem que andar...
Mas que não passe apressadamente;
Assusta-nos ver o tempo voar
E fazer que a vida corra desenfreada.

Tão depressa corre a vida,
Quão depressa nos despontam cabelos brancos.
E quando a idade já vai avançada,
Seremos jovens, mas só de coração.

Nos tempos da meninice, achávamos
Que o tempo caminhava com lentidão.
Agora na velhice, já tudo nos passa veloz:
O dia, a noite, o ano e a própria vida.

*

Com todas as suas tormentas,
O ano velho chegou ao fim.
Corcunda, com as pernas a tremer,
Pega na mala e prepara-se para sair.

Ano desse jaez, cheio de contrariedades,
Com tantos acontecimentos tristes,
Não vai o mundo ficar com saudades
Ao ver sumir-se o desventurado.

No meio de musicata e gritarias,
Com toda a casta de alvoroço,
Os seres vivos querem certamente
Que o novo ano venha com bons ares.

Os católicos junto do altar acendem velas,
Os gentios no pagode queimam pivetes;
Todos ajoelhadinhos no chão,
Uns rezam, outros fazem o "bate-cabeça".

"Tim-tóm", bate o relógio a meia-noite
E o ano novo, zás! Começa!
Olhos abertos, pimpão, batendo os pés,
Faz começar com ele vida nova.

Aqui queimam panchões,
Afastando para longe o enguiço;
Ali deitam foguetes
Para escorraçarem todo o mau agoiro.

Pessoas aos cachos bebem à saúde,
Dão pulos e dançam à doida.
No mar, barcos apitam repetidamente,
Nas ruas, carros buzinam, gente bate latas.

Boas-Festas! Bom Ano!
"Happy New Year"! "Kong Hei Fat Choi"!
Os festejantes gritam e abraçam-se,
"Pi-chic, po-chóc", distribuem beijinhos.

Com o coração cheio de esperança,
Todo o mundo deseja, como é óbvio,
Que o novo ano traga felicidades
E espalhe amor e alegria.

Ano Novo, sê, portanto, bom menino,
Vem com Deus e fica com Deus,
Permitindo que a humanidade mereça graças
E viva em sossego, com bafejos de paz.

O mundo não suporta sofrer mais,
Não quer fome nem carnificinas;
Não quer ódios e perseguições,
Somente deseja paz e amor.

SÔMENTE DIOS SABE

Na trinta um di Dizémbro passado,
Perto chegá mea-nôte,
Áno vêlo Oiténta Sêz,
Barba cumprido, corpo arcuado,
Perna móli, tremê-tremê,
Pegá mala, bassá cabéça,
Rónça-rónça, rustiá su pê,
Dobrá esquina pa virá vai.

Olá êle onçôm disparecê,
Quim já churá?
Quim saiám?
Nôs sintí ninguim saiám...
Chacha goelá na saguám:
"Vai co diabo, estopôr!"
Avô-công sai voz di trovám,
Nom-têm fim di gurunhá.
Nina espavitada gritá:
"Vai calisto, co rabo fresco!"
Áma-véla falá: "Vai embola,
Cacholo co labo capido!"

Na tudo bóca sã rabugice,
Tudo rôsto mostrá mordecim.
Pauchong aguá di janela,
Gente na rua batê lata pôdre,
Pa savaná vento-suzo,
Sacudí mufinaze vái lóngi.

Luz fórti-fórti lumiá casa,
Na mésa sã comezaina qui ravirá,
Co canecám inchido di vinho.
Mus'ca tocá pê cuçá,
Fazê nhu-nhum cantá disintôm.

Mundo intéro quelê ánsia
Pinchá-fora áno vêlo.
Porta abrido di par-im-par,
Pa dessá áno nôvo intrá.
Quelora vêlo ta sai boncô,
Nôvo tezá pêto querê intrá.

Áno nôvo Oiténta Sete
Ramendá unga diabinho:
Iscondido na bocarám,
Assi azinha uví relógio
Tóng-tóng-tóng, batê dózi,
Ôlo vivo pê ligéro,
Unga cifrada, dobrá esquina,
Corê vêm Mundo começá vida.

N'acunga pedacito di tempo,
Mundo qui ramendá
Unga Tóri di Babel!
Pauchong "plim-plám" ta quimá,
Qui fazê uvido surdo.
Ratinho sandido na céu,
Ramendá lágri cacho-cacho ta cai.
Musiquéro tocá qui perdê bafo,
Gente goelá qui cai pulmám,
Nom-têm fim di gritá:
"Api-Niu-Yea"! Bom Áno! Bom Áno!

Pronto! Oiténta Sete já começá!
Tudo ta bom?
Tudo ta contente?
Qui diz di nôsso Macau?
Lôgo têm más sórte?
Pôde achá ôtro laia di esperánça?
Chacha, capí-capí ôlo, falá:
"Sômente Dios sabe!"

Dios sabe tudo ancuza:
Nôsso amanhã, nôsso futuro,
Nôsso sórte, nôsso paz-sosségo,
Filicidáde co alegria,
Vida curto, vida cumprido
Di nôsso Macau abençoado.

Áno Oiténta Sete,
Vôs ficá bom quiança,
Nunca-bom alma dizesperado
Azinha-azinha corê.
Nôs nunca ánsia
Olá vôs pegá mala, virá costa vai.
Trás di vôs sã vêm Oiténta Oito,
Cavá, lôgo vêm Oiténta Nóvi.

Quim lôgo churá?
Nôs más susto sã olá
Novénta Nóvi chegá...

Quim lôgo quimá pauchong?
Quim lôgo sandê ratinho?
Novénta Nóvi impido na bocarám,
Sã nôs têm-qui buscá
Unga Arca di Noé
Pa inchí nôsso catravada,
Co tudo catá-cutí.

Novénta Nóvi tezá pêto intrá,
Quim lôgo tocá mus'ca dançá?
Quim lôgo "Api-Niu-Yea" vôs?
Chacha sério-sério falá:
Sômente Dios sabe...
Sômente Dios sabe...

ÁNO - NÔVO - CHINA

ÁNO-NÔVO-CHINA

Co chuva grôsso, frio, trovada,
Estunga Áno-Nôvo-China
Largá pê, dá unga cifrada
Qui azinha dobrá esquina.

Unga istánte êle chegá,
Pa pinchá fora áno vêlo,
Cám qui nom-têm fim di ladrá,
Co pulga chapado na pêlo.

Cavá dessá gente mordido,
Áno cachôro, estopôr,
Já vai co rabo encolido,
Impestado co mau fedôr.

Mundo co assi tánto cachôro,
Menos unga... quim lô saiám?
Dessá vai co su dizafôro,
Cachôro suzo, feiorám!

Áno qui intrá sã áno-porco,
Primo-drêto di javali;
Sã áno di quim suzo-porco
Olá águ, botá fuzí.

Porco china-china falá
Sã bicho qui vivo contente:
Di'intéro comê engordá,
Ravirá bêço, mostrá dente.

Filicidade lô trazê
P'estunga mundo savanado.
Quim crédulo, azinha crê,
Pôde vivo esperançado.

Porco nunca sã assi porco;
Êle têm ora bem di asseado.
Têm gente más porco qui porco,
Vivo quelê emporcalhado.

Acunga anôte "nin-sa-mán",
China-rico di jogatina
Chomá quánto-cento "tai-pán",
Vai abrí Áno-Nôvo-China.

Festa-grándi co janotismo.
Sã salám têm qui transbordá.
Pa tudo cánto sã chiquismo
Qui fazê gente istonteá.

Nhu-nhum enfiá su tagalám,
Calçá sapato polimento.
Nho-nhónha, saia tocá chám,
Co florám fazê ornamento.

Vestido fino, dicutado,
Desfriá ilôtro-sa costa;
Têm quánto, masquí constipado,
Co nariz já topá lagosta.

Na meo di gente assi janota,
Têm quánto ramendá afiám:
Co rópa-lang, rustí su bota,
Corê vai comê na salám.

Unga ráncho di retratista,
Cháqui-cháqui tirá retrato,
Sim-cerimónia dá na vista,
Na ora di vai inchí prato.

Laia-laia petisco bom,
Têm pa cobrí um-cento mésa.
Nôsso Títi-Chai, volontrôm,
Comê qui isquecê finéza.

Quelora botá faladura
Sium di casa papiá cristám.
Di capaz qui fazê figura,
Co Camões chiquido na mám.

Cavá, já virá papiá china,
Falá-vêm, falá-vai di porco.
Quim nom-pôde intendê china,
Já estoporá áno-porco.

Na ora di "Kong Hei Fat Chói",
Tudo bebê, viva más viva.
Quim arotá porco-muichói,
Quim sentí capám ta vêm riva.

Cavá, tudo já vai jugá,
Ariscá sórte na clu-clu,
Fantán, vinte-um, bacará,
Pa savaná azar co vantú.

Tio-Chencho comprá sete-píque,
Titi comprá sete-cavéra;
Sai sete-gôrdo, sai sês-pique,
Tio, geniado, largá asnéra.

Quelora jugá vinte-um,
Contá vinte-dôs... rabentá.
Títi ficá quelê murúm,
Já pegá amui insultá.

Tio sentí amui bunitéza,
Falá Títi mau-coraçám.
Títi, co tudo ligeréza,
Chuchú nariz di Tio na chám.

Vai inchí mésa di roléta,
Tio sômente nom-quêro "zero".
Bola pulá, cai na valéta,
China falá: "Sai numro zero"!

Perdê sapeca, ganhá juízo,
Ficá chocado, perdê sono.
Nôsso Tio-Chencho, sevandizo,
Vai casa co cara di môno.

Na dia um di lua-nôvo,
Virá bêço, comê *cuá-chi,*
China festezá áno nôvo,
Co mám inchido di *lai-si.*

Têm *lai-si* chapado, chipido,
Têm *lai-si* bariga tufado.
Quim tomá, sentí divertido,
Quim têm-qui dá, ficá vangueado.

Pauchong sã tudo lô quimá
Pa mufinaze fuzí vai.
Na casa nom-pôde faltá
Vaso di fula co "catchái".

Cavá gossô corpo, lavá,
Nádi isquecê limpá pê.
Rópa janota têm-qui usá,
Sapato nôvo têm na pê.

Quelora vai batê cabéça,
Lô pegá pivete sandê;
Papel ta quimá péssa-péssa,
Bêço frôco mexê-mexê.

Vai jantá lôgo comê "chái"
Co fio di "fat-chói" champurado;
Nom-pôde faltá "chac-chi-cái"
Co sabroso leitám assado.

Na sete di priméro lua,
Chomá dia di tudo gente,
Tudo sai di casa vêm rua,
Co rôsto di "porco" contente.

Áno-nôvo co chuvisquinha,
China-china falá sã bom.
Lua sã gente-sa madrinha,
Ninguim lôgo vivo onçôm.

Áno-porco bom, nunca-bom?
Nôs têm unga áno pa olá.
Si porco já nacê gongôm,
Sã nôs tudo têm-qui gramá.

Si porco já nacê esperto,
Co bêço redondo, rosado,
Dia filiz lôgo vêm perto,
Vida nádi assi margurado.

Pa quim lê nôsso papiaçám,
Nôs vêm falá: "Kong Hei Fat Chói".
Certo falá co coraçám,
"Kong Hei Fat Chói, Lai Si Tau Lói"!

ÁNO-NÔVO-CHINA

Chêro di nôsso Áno-Nôvo
Nunca passá vai ramatá,
Virá ôlo, más unga Áno-Nôvo
Têm na trás di porta pa intrá.

Sã Áno-Nôvo-China qui ta chegá
Co tudo su catá-cutí.
Lai-si grôsso-grôsso nádi faltá,
Pauchong barulento lôgo têm pa uví.

Liám *tom-chám* lôgo vêm fora,
Dragám cumprido vai corê avenida.
Tudo gente ta pedí agora
Nôvo áno co sosségo na vida.

Pa nôsso amigo china-china,
Ilôtro-sa áno-nôvo sã festarám.
Áno nunca chegá dobrá esquina,
Tudo ta preparado pa ocasiám.

Casa lôgo limpo-assiado,
Rópa nôvo lôgo têm pa usá,
Na cuzinha, panelám ta lavado,
Um-cento pitisquéra têm pa cuzinhá.

Quim devê sapeca pa gente,
Têm-qui corê vai pagá;
Dívida pagado, tudo contente;
Dívida isquecido, tudo festa lô estragá.

Si têm ancuza impinhado,
Azinha vai dizimpinhá.
Sapato si ta isburacado,
Sapato nôvo têm-qui comprá.

Nhu-nhum na botica tá fichá cónta,
Nho-nhónha comprá fula na bazar;
Na porta-rua, di pónta-a-pónta,
Têm papel vemêlo pa tirá azar.

Quánto vaso inchido di *cat-chai,*
Co dóci *tóng-ling-ngao, tóng-ling-chi,*
Chin tôi, tái-lóng-kou, tóng-ma-t'ai,
Lôgo têm juntado co *cuá-chi.*

Tempo antigo, na rua co travessa
Têm *clu-clu* pa gente jugá.
Quim jugá qui perdê cabéça,
Quim capaz, pôde ganhá.

"lóga, ióga! Sióla, Sium!"
China di clu-clu tá gritá!
Siara pegá mám di su nhum,
Tirá sapeca vai ariscá.

"Ióga, ióga! Sióla, Sium!
Ióga muto, muto pôde ganhá!"
Vovô perdê qui ficá murúm,
Sentí uví Chacha gurunhá.

Agora, quim querê jugá
Têm-qui corê vai casino.
Bólsa gordo na ora di intrá,
Cavá jugá, sai fino qui fino.

Áno-Nôvo quelora chegá,
Tudo rôsto lô ficá raganhado.
Nom-pôde pegá gente rabujá,
Nom-pôde onçôm ficá geniado.

Pauchong plim-plám tá quimá,
Pa savaná mufinaze vai fora.
Na pagóde, sandê pivete rezá,
Batê cabéça co tudo pachora.

Kong Hei Fat Chói sã palavra sagrado
Na bóca di tudo gente.
Lai-si grôsso, *lai-si* chapado
Têm pa tudo ficá contente.

Um di Lua sã dia di famila,
Tudo comê *chai* qui enfastiá.
Dôs di Lua começá floristia,
Têm letám co galinha pa ravirá.

Sã di Macaco áno qui tá chegá
Co tudo su mesura.
Cabra sômente sabe mizá,
Fazê mundo sofrê margura.

Vosôtro si querê têm sórte.
Ne-bom isquecê quimá pauchong.
Panhá unga cabra fórti-fórti,
Mugí lête pa onçôm.

Olá china-china conhecido,
Lembrá falá ***kong-hei-fat-chói!***
Co mám azinha istendido,
Sai voz ramatá: ***lai-si tau lói!***

Lai-si - Papel vermelho com dinheiro.
Pauchong - Petardo.
Cat-chai - Tangerinas.
Tóng-ling-ngao - Doce de raízes de loto.
Tóng-ling-chi - Doce de sementes de loto
Chin-tôi - Frituras doces.
Tái-lóng-cou - Pudim de jagra.
Tóng-ma-t'ai - Coquinhos.
Cuá-chi - Pevides.
Clu-clu - Jogo de dados semelhante ao *cussec.*
Chai - Comida vegetariana.
Lai-si tau lói - Venha daí o lai-si.

ANO NOVO CHINÊS

O cheiro do nosso Ano Novo
Ainda não se esvaiu por completo,
Num virar de olhos, outro Ano Novo
Já está à porta para entrar.

É o Ano Novo Chinês que chega
Com toda a sua salgalhada.
Lai-sis rechonchudos não hão-de faltar,
Petardos ruidosos vamos ter que ouvir.

A dança do leão sairá à rua,
E o extenso dragão percorrerá avenidas.
A estas horas, já todos estão a pedir
Novo Ano com vida sossegada.

Para os nossos amigos chineses
O seu Ano Novo, grande festa.
Antes do ano dobrar a esquina,
Já tudo está preparado para a celebração.

As casas vão estar limpinhas,
E há que vestir roupa nova.
Na cozinha, o panelão está lavado
Para cozinhar centos de iguarias.

Quem deve dinheiro a outrem,
Têm de o pagar depressa.
Dívida saldada, todos contentes;
Dívida esquecida, caldo entornado.

Se têm objectos nos penhores,
Vá resgatá-los sem demora.
Se os sapatos estão esburacados,
Há que comprar sapatos novos.

Os homens na loja fecham contas,
As mulheres compram flores no mercado;
Na porta de casa, de ponta a ponta,
Há papéis encarnados a enxotar o azar

Uns vasos cheios de tangerineiras,
Doces de raízes e sementes de lótus,
Frituras doces, pudim de jagra, coquinhos,
Hão-de estar no meio de pevides.

Antigamente, nas ruas e travessas,
Havia clu-clu para a gente jogar.
Uns jogavam até perder o juízo,
Outros hábeis conseguiam ganhar.

"Joguem, joguem! Senhoras, Senhores!"
Os chineses das bancas costumavam dizer.
As mulheres, pela mão dos maridos,
Iam com dinheiro arriscar a sorte.

"Joguem, joguem!" Senhoras, Senhores!
Quem muito joga, muito pode ganhar!"
O Avô, perdendo até ficar moita,
Apanhava descomposturas da Avozinha.

Agora, quem quiser jogar,
Terá de ir ao casino.
Entra-se com os bolsos recheados,
Depois de jogar, os bolsos ficam magrinhos.

Ao chegar o Ano Novo Lunar,
Todos os rostos se mostram alegres.
Não se pode ralhar com ninguém,
E não se pode andar irritado.

Os petardos "plim-plão" vão sendo queimados,
Para fazer afugentar o enguiço.
No pagode, queimam pivetes e rezam
E fazem vénias com mesuras.

Kong-hei fat-chói, eis a frase sacramental
Que anda de boca em boca.
Lai-si gorducho, *lai-si* achatado,
Tem que haver para alegrar a gentinha.

O primeiro dia da Lua, dedicado à família,
É comida vegetariana até enfastiar.
No segundo da Lua já comem a granel,
Sem faltar leitão e galinha com fartura.

O ano que está a chegar é do Macaco,
Com toda a sua compostura.
A Cabra só se lembrou de gemer
Deixando o mundo amargurado.

Vocês se quiserem ter sorte,
Não se esqueçam de queimar petardos.
Arranjem uma cabra bem forte,
E toca a mungir o leite.

Quando virem chineses conhecidos,
Desejem-lhes *kong-hei fat-chói!*
E, com a mão já estendida,
Digam *lai-si tau lói!*

SÊS PIQUE... SETE CAVERA...

Chacha, n'Áno-Nôvo-China,
Já vai *Chong-Iông* pa jugá.
Êle pensá que sã mina,
Bánca qui diabo criá.

Chacha já uví falá
Qui quim sã querê sapeca;
Lôgo têm qui vai mimá,
China-gôrdo su caréca.

China-gôrdo chomá Fu,
Têm tánto-tánto sapeca;
Cara ramendá ladú,
Co cabéça di patéca.

Chacha di corázi inchido,
Onçôm pegá vai *Chong-Iông*.
Mala na braço capido,
Cabéça gonchông, gonchông.

Êle olá tánto nhu-nhum,
Co su laia-laia rôsto:
Quim ta ri, quim ta murúm,
Perdê que ficá mal-pôsto.

Chacha panhá na cadéra,
Tirá sapeca comprá
Sês pique, sete cavéra
Pa tudo gente olá.

China abrí chaminica,
Mostrá dado que já sai.
Já tocá, fazê sissica,
De contente que já cai.

Quelora, cavá erguí,
Onçôm comprá sete gôrdo.
China bulí qui bulí,
Já virá dá sete gôrdo.

Chacha pulá di contente,
Goelá como unga dôda;
Pisá na calo di gente,
Onçôm bailá roda-roda.

Unga china bulicioso,
Pregá mapeça pa Chacha:
Co chiste di nhum chistoso,
Pedi sapeca pa caxa...

Chacha azinha sentí,
Mufinaze na despique;
Sete gôrdo torná abrí,
Chacha comprá sete pique.

Jugá vai qui jugá vêm,
Chacha sentí qui galánte:
Sapeca vai, nunca vêm,
Su mala... maré vazánte.

Di tánto qui já perdê,
Juízo perdê ramatá.
Su corázi já crecê,
Pegá china insultá.

Sodado di bataliám
Olá Chacha consumido,
Di génio, levantá mám
Dále na china cholido.

Puliça-môro já vêm,
Levá tudo vai staçám.
Chacha rezá amen-amen,
Sodado sai palavrám.

MACAU-SA CARNAVAL

MACAU - SA CARNAVAL

Acunga dia, perto iscurecê,
Nôsso Maria, ramendá unga dôda
Uví música tilim-tilim, talám-talám,
Cacha-pim, cacha-pum,
Unga cifrada, corê vai janela,
Falá qui certo sã tuna di musiquéro
Ta passá na travessa,
Co cacho di bôbo-bôbo na trás.

Abrí janela di par-im-par,
Maria, goelóna, começá gritá:
"Chacha! Títi-Bita, Títi-Chai!
Tio Chencho, vêm-cá janela!
Uví, sã tempo di carnaval!
Iou ta uví marcha di tuna,
Atai-atai ta chomá "Aqui bôbo"[1]
Vosôtro azinha vêm olá!"

Casa intéro ficá alvoraçado
Co estunga ispalhafato di Maria.
Títi-Bita sai espavorido di cuzinha,
Largá galinha vivo na tacho.
Títi-Chai, justo ta botá mésa,
Di estontiado qui ficá mám-móli,
Dessá quánto prato... plim-plám
Cai na chám ficá quebrado.

Maria goelá, tudo corê gritá,
Ramendá carnaval dentro di casa,
Acunga volontrôm di Tio Chencho
Tamêm azinha sai di quarto,
Co ôclo na testa, ceróla pindurado,
Pa olá cuza já sucedê,
Qui Maria ficá assi alucinado,
Gritá di acunga manéra.

Chacha justo têm na quartinho,
Quelora uví seléa nuvidádi.
Fazê cissica metade-caminho,
Chacha corê vêm co calçám mulado,
Sai voz di trovám dá órdi:
"Bita, vai gudám gafinhá baúl,
Panhá iou-sa dominó vêm fora,
Co máscra marêlo di papelám!"

"Chencho, vôs usá saia-chacha
Co iou-sa quimám di rénda;
Lembrá botá vizéra tapá bigódi!
Bita co Chai, vosôtro dôs
Infiá rópa di marinhéro!
Maria, vôs vai di môro co turbánti!
Uví, nunca-bom isquecê
Caregá bêm-fêto vôsso petaça!"

Nôsso Chacha, otróra,
Nom-têm entrudo qui nádi vestí bôbo.
Êle co ráncho di nho-nhónha conhecido,
Dessá ilôtro-sa gongôm na casa,
Ui-di contente corê rua mascarado,
Seguí trás di tuna di musiquéro,
Fazê tudo laia di arvirice,
Papiá ancuza co um-cento chiste.

Agora, uví Maria badalá
Qui tuna co bôbo ta passá,
Ilôtro tudo, imburcado na janela,
Sai cabéça pa iscutá.
Tudo bêm di chico-nuviléro,
Ficado barbéro-bafado,
Pensá qui tempo di carnaval
Divera já vêm di volta Macau.

Olá qui olá, já dá co rua vazio;
Nim sombra di bôbo co musiquéro!
Afinal, música qui Maria já uví,
Sã tocado na unga rádio nôvo
Qui gente di casa vizinho
Justo já cavá comprá,
Agora ta abrí fórti qui fórti,
Pa mundo intéro pôde uví.

Tudo pegá Maria discompô,
Falá êle uvido galado,
Ta sunhá acordado.
"Macau di agora únde têm carnaval?"
Chacha, geniado, ta gurunhá!
"Querê olá bôbo? Têm pa olá
Tudo ora, na roda di áno,
Mâz nunca sã bôbo di carnaval!"

Tio Chencho, bêm di sarcástico,
Ajudá missa, chapá voz falá:
"Bôbo-bôbo na tempo antigo
Usá máscra, capaz fazê chiste,
Papiá ancuza pa gente ri.
Agora-sa bôbo têm na tudo vánda,
Nancassá tapá rôsto co máscra,
Dia intéro papiá babuzéra..."

Lembrá carnaval di tempo antigo,
Sã pa Chacha sentí saiám.
Carnaval sã tempo di ladú,
Lacassá co bebinga-nabo sabroso.
Têm ora pa cantá, dançá,
Têm ora pa bôbo fazê su chiste.
Ninguim lôgo dá cavaco,
Si bôbo ta bulí co gente.

Unga mêz ántis di entrudo,
Paródia ta começá na tánto lugar.
Bôbo cartá tuna juntado,
"Assaltá" casa di amigo-amigo
Pa dançá, cantá, alegrá coraçám.
Dono di casa nancassá têm cuidado...
Tudo gente qui vai pa divertí
Lôgo levá tánto ancuza pa "siu-ié".

Chegá carnaval, Club Macau,
Club Sargento co Grémio Militar
Fazê festa di quebrá testa.
Gente lôgo dançá qui cai pê,
Desdi anôte até pramicedo.
Chegá ora, cánja di galinha vêm fora,
Co unga porçám di comezáina,
Pa tudo comê qui ravirá.

Cavá carnaval, lôgo têm comédia
Na língu di Macau antigo,
Pa gente ri qui istripá.
Passado quánto dia, ta vêm "micarém".
Co más baile na club.
Tuna torná ta vêm fora,
Co bôbo fazê rabo-sarangông,
Pa "assaltá" más quánto casarám.

Na ora di bôbo-bôbo passá na rua,
Atai-atai quelê contente,
Corê trás, bulí co ilôtro,
Sai voz gritá "Aqui bôbol Olá bôbo!"
Têm quánto, más astrevido,
Istendê mám, chipí nho-nhónha.
Nhu-nhum co vassóra preparado,
Lôgo cutí tudo abuzador.

Agora, carnaval chegá ora vêm,
Azinha virá costa vai,
Ninguim sintí su bafo.
Gente entretido co política,
Nom-têm vagar vestí bôbo.
Quim querê olá bôbo
Co um-cento babuzéra na bóca,
Nancassá isperá carnaval.

[1] **Aqui bôbo** - Frase utilizada pelos miúdos chineses, significando "aqui há mascarados."

O CARNAVAL DE MACAU

Naquele dia, ao escurecer,
A nossa Maria, parecendo uma doida,
Ouvindo música tilim-tilim, tlão-tlão,
Cacha-pim, cacha-pum,
Desatou a correr para a janela
Dizendo que era certo a tuna musical
Estar a passar na travessa,
Com o rancho de mascarados atrás.

Abrindo a janela de par em par,
A Maria, vozeirona, começou a gritar:
"Avó! Tia Bita, Tia Chai!
Tio Chencho, venham à janela!
Ouçam! É o Carnaval!
Estou a ouvir a marcha da tuna,
Os miúdos estão a gritar "Aqui bobo!"
Vocês venham depressa ver!"

A casa inteira ficou alvoroçada
Com tamanha algazarra da Maria.
A Tia Bita saiu espavorida da cozinha,
Metendo a galinha ainda viva na panela.
A Tia Chai, que estava a pôr a mesa,
De tonta, que ficou sem força nas mãos
Deixando alguns pratos, plim-plão,
Partir em estilhaços no chão.

A Maria aos berros, outros a correr, a gritar,
Já parecia o carnaval dentro de casa.
O Tio Chencho, desajeitado,
Saiu também a correr do quarto
Com os óculos na testa, ceroulas a cair,
E quis saber o que tinha acontecido
Para a Maria andar tão alucinada,
A gritar daquela maneira.

A Avozinha estava na casa de banho
Quando ouviu essa novidade.
Fazendo só metade de xixi,
Apareceu com o calção ensopado
E pôs-se a dar ordens em voz alta:
"Bita, vai ao rés-do-chão abrir o baú
E tira de lá o meu dominó,
Mais a máscara amarela de papelão!"

"Chencho, tu vais de saia de velha,
Com a minha blusa de rendas.
Lembra-te da viseira para tapar o bigode!
Bita e Chai, vocês as duas
Vão vestidas de marinheiro!
E tu, Maria, vais de mouro com turbante!
Ouve, não te esqueças
De comprimir bem a tua peitaça!"

A nossa Avozinha, noutros tempos,
Mascarava-se em todos os carnavais.
Em grupinhos, com senhoras conhecidas,
Deixando os maridinhos em casa,
Elas adoravam sair à rua mascaradas,
Perfiladas atrás da tuna musical
Para fazer toda a casta de diabruras
E dizer coisas com imensa piada.

Agora, ao ouvir anunciar a Maria
Que a tuna e mascarados iam a passar,
Todos de casa assomam à janela
Com a cabeça de fora à espreita.
Autênticas chicas-noveleiras,
Cheiinhas de ansiedade,
Pensaram que a época do entrudo
Tinha, realmente, regressado a Macau.

Olham e olham, dão com a rua deserta,
Nem sombra de máscaras e músicos!
Afinal, a musicata ouvida pela Maria
Provinha duma radiofonia nova,
Que gente da vizinhança
Havia justamente acabado de comprar,
E a tinha agora em volume alto,
Para o mundo inteiro poder ouvir.

Grande sarabanda passaram à Maria,
Acusada de ter os ouvidos enguiçados
E de estar a sonhar acordada.
"Macau de agora com carnaval?"
Resmungava a Avozinha irritada.
"Querem ver bobos? Podem vê-los
A toda a hora, à roda do ano,
Mas não são esses do carnaval!"

O Tio Chencho, muito sarcástico,
Ajudou à missa, comentando:
"Os mascarados, antigamente,
Usavam máscaras e tinham piada,
Pois diziam gracinhas para a gente rir.
Os de agora aparecem em toda a parte,
Sem cobrir o rosto com máscara,
E passam o dia a dizer baboseiras..."

Recordar o carnaval doutros tempos
É para a Avozinha sentir saudades.
Carnaval era tempo de ladú,
Massa guisada e pudim de nabo.
Havia hora para cantar e dançar
E hora para os mascarados divertirem a gente.
Ninguém dava cavaco,
Quando eles se metiam com as pessoas.

Um mês antes do entrudo,
A paródia começava em vários lugares.
Os mascarados, acompanhados da tuna,
"Assaltavam" casas de amigos,
Para dançar, cantar e alegrar o coração.
Os donos da casa não se preocupavam...
Os "assaltantes" que iam para se divertir
Levavam consigo ceia farta.

Chegado o carnaval, o Clube de Macau,
Clube dos Sargentos e Grémio Militar
Davam animados bailes.
A gentinha dançava até doer os pés,
Desde a noitinha até ao amanhecer.
Chegada a hora, serviam canja de galinha
E uma porção de iguarias,
Que todos comiam até se fartar.

Depois do carnaval, havia comédias
No dialecto antigo de Macau,
Para todos rirem às bandeiras despregadas.
Passados uns dias, vinha a "micareme",
Com mais bailaricos nos clubes.
A tuna tornava a sair
Com os mascarados a fazer-lhe cauda,
Para "assaltar" mais alguns casarões.

Ao sairem os mascarados à rua,
Os catraios chineses alegravam-se muito
E, seguindo-os, metiam-se com eles,
Gritando "Aqui bobo!" "Aqui bobo!",
Alguns mais atrevidos
Deitavam a mão para apalpar as mulheres.
E os homens, munidos de vassoura,
Batiam nos intrometidos.

Agora, o carnaval, chegada a hora
Vem e depressa se vai embora,
Ninguém sentindo a sua presença.
Gente entretida com a política
Não tem pachorra para se mascarar.
Para se verem por aí bobos,
Com a boca cheia de baboseiras,
Não é preciso esperar pelo carnaval.

CARNAVAL DI AGORA

Carnaval já sai di casa,
Co tudo su boboriça.
Já vêm co calor di braza,
Mostrá laia-laia parabiça.

Cháqui-cháqui Carnaval,
Nhu-nhum qui bom divertí:
Olá nhónha na quintal,
Sai mám azinha chubí.

Nôs sentí qui nom têm chiste,
Seléa mau carnaval;
Quim más bôbo quim más triste,
Quim murúm como pardal!

Hoze em dia Carnaval
Nom têm sabôr nim amôr:
Ramendá áde sim sal,
Co chiquía di apô.

Non mestê nhónha pensá
Qui unga dia intéro
Lôgo têm bôbo pa olá,
Co tuna di musiquéro.

Carnaval di aquelora,
Qui sã nádi más voltá.
Mui-Mui, Marica, Teodora,
Sã qui capaz pandegá.

Unga dia Títi Bita,
Pegá na quánto sobrinha,
Botá dominó di chita,
Usá bôbo azinha-azinha.

Trêz galo-dôdo brejéro,
Corê trás di bôbo fémea.
Ilôtro fugí ligéro,
Gritá "nôs nunca sã fémea"!

Quánto más nhónha corê,
Más acunga trêz seguí
Bôbo sua perna tremê,
Chomá Bita decidí.

Tremê como vára-vérde,
Bita pegá saia erguí
Empê perto di parêde,
Fingí ta fazê sisí.

Galo-dôdo ficá triste,
Virá costa sai di ali
Já sentí que non têm chiste,
Pegá nhu-nhum pa bulí.

Nunca sã inventaçám,
Estunga estória di bôbo.
Gente antigo sã pimpám,
Sã capaz bulí co bôbo.

Bôbo-bôbo di agora,
Nuncassá cubrí su rôsto;
Máscra têm, cada unga ora,
Cadacê com unga gôsto.

Têm bôbo feo, têm chistoso,
Na Carnaval di agora.
Quim sã bicho venenoso,
Quim sã diabo tudo ora.

ENTRUDO NA MACAU

Chai uví qui entrudo já chegá,
Onçôm ficá barbéro bafado,
Chomá nôs vêm janela bispá
Musiquéro co bôbo na lado.

Quelora lembrá tempo antigo,
Chacha corê vai abrí baúl
Panhá su dominó côr-di-figo,
Co vizéra di seda azul.

Intrementes Chacha ta vestí,
Nina bailá, fazê garidiça,
Ánsia buscá tuna pa uví,
Olá bôbo fazê boboriça,

Janela abrido di par-im-par,
Unga-unga sai cabéça olá:
Na rua apô andá vagar,
Têm dôs nhu-nhum justo ta passá.

"Qui di bôbo? Qui di musiquéro?"
Chacha chapá perto priguntá.
Chai, mánso qui ramendá cordéro,
Abrí bóca, su voz engasgá.

"Pôde sã qui acunga dôs barbudo
Sã bôbo qui ta andá na diánte;
Na trás lôgo vêm ilôtro tudo,
Cadecê co su rópa galánte.

Chacha uví seléa ixplicaçám
Azinha enfiá su dominó;
Di azinha qui ta cissí na chám,
Mulá pê bacarado di pó.

Nina co Panchita gordofóna,
Qui ligéro já vai porta-rua;
Torcê corpo ficá garidóna,
Co cara ramendá baba-lua.

"Nhu-nhum, nhu-nhum!" Panchita gritá,
"Vosôtro dôs sã, nunca sã bôbo?
Vêm-cá perto, dessá nôs olá,
Nôs ta querê chapá co bôbo!"

Nhu-nhum di barba, quelê velhaco,
Garida chomá ilôtro bôbo,
Masquí reva, nunca dá cavaco,
Virá respondê : "Sã, nôs sã bôbo!"

Ilôtro pegá nhónha dá braço,
Disparecê na iscuridám.
Nina ramendá unga melaço,
Panchita ta pulá coraçám.

Quelora Chacha sai na janela,
Dá ôlo co rua qui vazio...
Chacha gritá qui perdê su goela,
Panchita co Nina perdê pio.

Chai más coitado, pagá patau,
Uví rabugice di castigo.
Quim chomá êle pensá qui Macau
Têm entrudo di tempo antigo?

Nôsso Macau bêm di divertido,
Na carnaval di tempo passado.
Nom-têm rua qui nádi inchido
Di gente divera mascarado.

Bôbo-bôbo qui agora têm,
Nuncassá pegá máscra usá:
Virá cara, sã bôbo ta vêm,
Um-cento boboriça ta papiá.

Roda di áno têm carnaval,
Masquí carnaval qui nom-têm chiste;
Quim vivo ramendá animal,
Quim capaz fazê figura triste.

Carnaval sã tempo di ladú,
Barba, tórcha, bagí, sansorabe;
Tempo di la-ca-sá, lo-pac-co
Qui gente comê qui perdê chave.

Tuna chegá ora lô passá,
Musiquéro capaz tocá marcha;
Bôbo juntá ráncho esperá
Tudo dominó co chacha-chacha.

Na diante, nina cartá bandéra,
Co cabéça di tuna na lado.
Bôbo seguí trás, papiá asnéra
Qui bandolim tocá zafinado.

Atai-atai di rua na trás,
Lôgo mám-tánto, nom-têm vegónha;
Têm ora chipí bôbo-rapaz,
Têm ora bulí co nhónha-nhónha.

Tio Lito olá ficá geniado,
Lôgo zinguá quánto cacetada;
Atai-atai fuzí zesperado,
Fazê tudo gente ri-cacada.

Unga tuna ta subí travessa,
Otrunga decê vêm di festánça;
Pau di bandéra bassá cabéça,
Musiquéro fazê contra-dança.

Têm quanto nho-nhónha, unga dia,
Juntá rancho usá dominó,
Botá máscra, mará su chiquia,
Sai vêm rua dançá tró-ló-ló.

Quánto marinhéro mapeçoso,
Qui azinha corê seguí trás,
Co mám grôsso-grôsso, buliçoso,
Ta querê vai chubí vanda-trás.

Nho-nhónha sentí quelê ferado,
Unga-unga ta tremê di susto...
Marinhéro vêm di tudo lado,
Mostrá piscoço co mám robusto.

Bita gritá "Credo! Qui ramêde!
Valência cudí! Chomá Minica!"
Ti Betriz empê perto parêde,
Erguí dominó, fazê cissica.

Tudo corê imitá Betriz,
Chapá perto parêde, cissí.
Chám mulado, ta fêde amiz,
Nho-nhónha sai voz di macho, ri.

Diante di seléa macaquice,
Marinhéro ficá cabisbacho,
Perdê gôsto fazê arvirice,
Falá qui bôbo sã macho!

Unga-unga virá costa vai,
Já dessá nho-nhónha sossegado.
Ti Betriz faltá unchinho cai,
Quelora sentí calçám lameado.

Gente antigo divera contente
Esperá entrudo, divertí;
Pa tudo vánda sã olá gente
Pulá, dançá, sai cacada ri.

Nom-têm vagar pa vai pilizá,
Ficá má-lingu co aringuéra.
Quim más pôde lôgo pandegá,
Comê, bebê, qui cai di cadéra.

OLÁ BÔBO

Cara limpo, cara suzo,
Vestí bôbo tudo iscondê;
Chacha véla lôgo olá
Si pôde jóvi parecê.
Dominó quelora suzo,
Nina-nina sã nádi usá;
Masquí seza Carnaval,
Nho-nhónha nunca sã igual!

Aqui bôbo, olá bôbo,
Ta passá na basso di janela!
Aqui bôbo, olá bôbo,
Tirá máscra pa nôs olá!
Nhónha jóvi, nhónha véla,
Qui capaz vai junto pandegá;
Bôbo tudo sã igual,
Qui muchado, qui donzela,
Vida sã unga Carnaval!

Gente pobre, gente rico,
Vestí bôbo pa divertí;
Chacha certo sabe olá
Si vôs sã vêm pa chicurí.
Tio Chai-Chai co Tico-Tico,
Olá saia mám ta cuçá:
Masquí seza Carnaval,
Hóme-hóme nunca sã igual!

Aqui bôbo, olá bôbo,
Ta passá na basso di janela!
Aqui bôbo, olá bôbo,
Tirá máscra pa nôs olá!
Nhónha jóvi, nhónha véla,
Qui capaz vai junto pandegá;
Bôbo tudo sã igual,
Qui muchado, qui donzela,
Vida sã unga Carnaval!

LORCHA DI BARQUÉRO

LORCHA DI BARQUÉRO

Nacunga mar,
Barquéro remá,
Remá, remá...
Su lorcha vagar
Ta baloiçá,
Onçôm deslizá,
Nacunga mar.
Istréla na Céu
Abrí, fichá,
Co lua na meo
Brilhá, lumiá
Tudo águ di mar
Únde lorcha ta deslizá vagar.

Di-repente, Céu cai iscuridám,
Núve preto trazê chuva,
Vento fórti vêm, ramendá tufám,
Fazê ónda dôda pilizá na mar.

Barquéro olá su lorcha
Assi discaminhado,
Dôs mám remá su lorcha,
Co tudo su fórça qui Dios já dá.

Co fé tentá Céu pa rezá,
Pedí Dios socorê.
Co ónda grándi lutá,
Qui susto di morê.

Dôs ora assi passado,
Gastado tudo fórça,
Já cai disconsolado,
Barquéro esperá su morte ali.

Na Céu istréla torná cintilá,
Luz di Lua torná vêm lumiá;
Vento fórti ta abrandá,
Tudo ónda já amansá.

Filiz barquéro inchido di amôr,
Olá Céu pa onçôm gradecê,
Pa dá graça pa Senhor
Qui milagre assi já fazê.

Vai, vai, vai,
Riva di unga mar di chám,
Piquinino lorcha vai,
Bulí vai, bulí vêm.

Vai, vai, vai,.
Vai co paz na coraçám,
Soridente, filiz vai,
Di esperánça inchido tamêm.

Nacunga mar,
Qui grándi mar,
Su lorcha na meo,
Remá, remá...
Co luz di luar,
Lumiá, lumiá,
Istréla na Céu,
Brilhá, brilhá,
Barquéro tentá,
Su casa avistá,
Já avistá,
Onçôm já olá su siara co filo-filo,
Rezá, rezá, ali.

BOTE DRAGÁM

Plum plum! Plum plum!
Braço erguí, braço bassá,
Pau grôsso na mám di nhum,
Dále qui dále, co fórça zinguá
Batê tambôr, cachapum,
Fazê plum plum! Plum plum!

Plum plum! Sôm qui assanhado,
Na tudo vánda gente uví,
Corê téfi-téfi, alvoraçado,
Querê sabe quim ta guní,
Seléa batê-póme, batê-pum,
Vêm di únde assi zurum.

Cutido pa acunga dôs pau,
Pegado duro-duro na mám,
Nhu-nhum têm cara di mau,
Tambôr ta fêto chim-chám,
Nom-têm fim di gemê,
Ramendá ta vai morê.

Sórte qui sã di-dia...
Si sã anôte iscuro di treva,
Gente susto, lô sandê candia,
Pensá montánha ta reva,
Su coraçám batê irado,
Fazê nôsso pulá juntado.

Cacho-cacho di gente barbéro-bafado,
Trepá morália di Prai Grándi,
Riva unga di ôtro, cachipiado,
Ôlo abrido grándi-grándi,
Tudo querê sabe quim ta gemê,
Cuza, afinal, ta sucedê.

Sol fazê mar ficá quimado,
Pêsse fuzí espavorido.
Na meo di ónda parado,
Unga chonto di bóte chipido,
Di laia-laia côr brejéro,
Ta corê quelê ligéro.

Sã bote istrêto, cumprido,
Fêto co tábu fino, arcuado,
Cadunga têm, na diánte capido
Unga cabéça di dragám aloirado,
Na vánda di trazéra
Unga rabo di dragám co bandéra.

Ah! Tudo ta gritá
Sã bote dragám! Sã bote dragám!
Ôlo lustro, bóca ispumá,
Rabo bulí fêto coscorám,
Dragám uví tambôr di "cusau",
Ligéro corê na mar di Macau.

Cadunga dragám fêto bote
Têm 25 nhu-nhum sentado:
Vinte-quatro hóme fórti
Remá bote dizenfreado,
Unga, na vánda di cabéça,
Tambôr, péssa qui péssa.

Plum plum, compassado,
"Cusau" assanhá dragám.
Tudo remo bassá juntado,
Cortá mar co safanám,
Remá águ vai trás, unga istánte,
Fazê bote dislizá vai diánte.

Brinco di bote dragám di agora,
Sã pa lembrá poeta Chi Ian
Qui China têm otróra,
Na tempo di tánto gente ladrám.
Poeta consumido, tontôm, montôm,
Pulá na mar, matá pa onçôm.

Aia, si nôs agora fazê igual,
Co tánto ladroíce na diánte,
Qui di gente nádi pará mal,
Pulá na mar vazánte!
Mar inchido sã lôgo ficá,
Mâz ladroice nádi pará.

Dez bote na águ liching,
Ta corê pa sacudí saván;
Vai fazendo grándi chinfrim,
Na cumpridám di nôsso Nam Ván,
Pa olá qualunga más pimpám,
Ganhá prémio, sai campiám.

Basso di sol qui iscaldá,
Barquéro na bote pussá bafado.
Na morália, gente goelá,
Batê palma dizesperado
Fazê dragám ficá dôdo
Sai pê, tocá fundo na lôdo.

Tambôr perdê bafo,
Sã corida já acabá.
Na baraca, "taipan" bêm di safo,
Decê vai basso pa gente olá
Chuchú bandéra di campiám,
Na lombo di bote dragám.

BARCOS-DRAGÃO

Plum plum! Plum plum!
Braços ao alto, braços a cair,
Paus grossos nas mãos do homem
Batem que batem, arreiam com força,
O tambor rufa, cachapum,
Fazendo plum plum! Plum plum!

Plum plum! Som enfurecido
Que se ouve de todos os lados,
Gente assustadiça corre alvoroçada,
Quer saber quem está a gemer ,
Esse bate-pau, bate-pum
De onde vem tão sinistro.

Batido por aqueles dois paus
Bem seguros nas duas mãos
Por homem com cara de mau,
O tambor está a ser maltratado,
Não pára de gemer,
Parecendo que vai morrer.

Tudo se passou de dia, ainda bem...
Fosse em noite escura, nas trevas,
Essa gente aterrorizada acenderia velas,
Pensando tratar-se de colina zangada,
Com o coração a bater enraivecido,
E a fazer estremecer também o nosso.

Os mais impacientes, aos cachos,
Treparam a muralha da Praia Grande,
Acomodados em cima uns dos outros,
E de olhos bem arregalados,
Procurando saber quem gemia,
O que estava, afinal, a acontecer.

Com a água do mar queimada pelo sol,
Viam-se fugir espavoridos os peixes.
Por entre ondas aquietadas,
Uma porção de barcos estreitos,
De variadas cores garridas,
Deslizava em ligeira correria.

Eram barcos esguios, compridos,
Feitos de madeira delgada, arqueada;
Cada um levava espetada na proa
Uma cabeça aloirada de dragão,
E cravado na popa,
Rabo de dragão com bandeirinha. .

Ah! Exclamam agora todos.
São barcos-dragão! São barcos-dragão!
Olhos luzidios, boca a espumar,
Com o rabo enroscado a agitar,
O dragão, ao som do tambor "cusau",
Corre veloz sobre o mar de Macau.

Cada dragão feito bote
Leva 25 tripulantes sentados:
Vinte e quatro homens fortes
Remam arrebatados o barco,
Enquanto um, instalado na proa,
Tamboreia apressadamente.

Com esse plum-plum compassado,
O "cusau" espicaça o dragão.
Os remos baixam todos ... uma,
Cortam o mar aos safanões
E, puxando a água com presteza,
Fazem avançar os barcos.

As regatas de barcos-dragão de agora
Servem para recordar o poeta Chi Ian,
Que vivia outrora na China,
Nos tempos de muita gente corrupta.
O poeta, desgostoso, atabalhoado,
Sacrificou a vida, atirando-se ao mar.

Pois é. Se o mesmo fizéssemos agora,
Com tanta ladroeira à vista,
Quantas pessoas não acabariam mal,
Lançando-se ao mar chato.
O mar acabaria por se encher,
Sem que a ladroeira terminasse.

Sobre as águas lisas, dez barcos
Correm para expulsar os maus ares,
Fazendo grandes algazarras,
Ao longo do nosso Nam Van,
A ver qual deles é mais valente,
E ganha o prémio, apurando-se campeão.

Baixo de sol escaldante,
Os remadores estão exaustos.
Na muralha a gentinha grita
E aplaude ruidosamente,
Enquanto o dragão, como que endoidecido,
Estende os pés e pisa o lodo no fundo.

O tambor cai em silêncio,
Que é quando a corrida acaba.
No barracão, os graúdos pachorrentamente,
Descem para serem vistos
A espetar a bandeira de campeão
No lombo do barco-dragão.

CANÇÃO DOS BARCOS-DRAGÃO

Vinde, jovens desportistas
Desta esbelta geração,
Valorosos remadores
De viris barcos-dragão.

Fazei certinhos,
Ao som do tambor,
Deslizar os vossos barcos
Com presteza e vigor.

Vinde vós, competidores,
Jubilosos e leais
Da jornada d'amizade
Em que todos sois iguais.

Cortai co' os remos
As águas do mar
Que beijando os vossos barcos
Vos ajudam a triunfar.

A partida já foi dada,
Pois agora é continuar.
Os tambores compassados
Não se cansam de soar.

Correi, radiantes,
Ó barcos-dragão!
Nesta prova tão sublime,
Cada barco é um campeão.

FILO-FILO DI MACAU

FILO-FILO DI MACAU

A todos os Macaenses que onde quer que estejam,
têm sabido honrar o nome da sua terra

Quelora iou pensá qui-foi Macau,
Tera qui sã divera piquinino,
Masquí na tempo bom, masquí na mau,
Grándi já ficá, pôde cantá hino;

Qui-foi vôs, Macau, longi di su Mai,
Pôde ficá inchido di amôr,
Qui di su coraçám nádi más sai,
Pa su nómi honrá, mercê valôr;

Quelora iou pensá qui-cuza vôs,
Pitiz di tera na mundo gigánte,
Já fazê pa achá pa tudo nôs,

Más bom qui ôro caro co diamánte,
Estimaçám bom-nómi co carinho,
Bénça pa vêm lumiá vôsso caminho.

*

Quelora iou pensá sã lôgo vêm
Na lembránça qui tud'ora guardá,
Filo-filo bom qui Macau têm,
Qui tudo fazê, pa su tera honrá.

Qui n'Eropa, qui na onçôm-sua tera,
Na Austrália, Brasil, Ongcông, Japám,
Na África, América, divera
Su Macau sã guardá na coraçám.

Mai qui seléa filo-filo têm,
Filiz sã pôde tud'ora sentí
Su alma grándi lô achá tamêm.

Quim sã capaz, quim sã têm honradez,
Más qui ninguim onçôm sabe pulí
Estunga nésga di chám portuguêz.

LÓNGI DI SU TERA

Dedicado a todos os amigos que se encontram longe da sua terra amada.

Lóngi di tera amado,
Su pensamento prendido ali...
Vivo disconsolado,
Qui di tristéza nádi sentí;
Onçôm olá su vida
Abandonado na solidám,
Lóngi di su quirida,
Co alma inchido di iscuridám.

Sã sonho di tudo gente,
Vai di volta pa tera únde nacê...
Quim nádi assi sunhá?
Tudo anôte na ora di vai durmí,
Rezá inchido di fé,
Pedí estunga grándi graça:
Olá di nôvo nôs-sua tera,
Olá Sol nacê pramicedo,
Andá na lugar únde nôs otróra corê...

Quelê longi, quelê tánto tempo passado,
Coraçám sã nádi mudá,
Lôgo guardá esperánça,
Vai di volta pa tera qui nôs divera querê.

Únde têm más pobréza
Qui unga alma vazio di amôr?
Mundo nom têm beléza
Quelora vida perdê su côr.
Sono entristecido,
Sunhá co tera únde nacê,
Su coraçám dorido,
Mortificado di padecê.

BRASIL

Brasil
Di filiz brasiléro,
Tera di carnaval,
Co su alegre sombréro...
Pa Brasil nôs vêm cantá,
Co Brasil prendê sambá,
Burifado di amôr...
Brasil, sômente vôs, Brasil!

Brasil, filiz achado di Cabral,
Dóci lembránça di passado,
Filo di nôs-sua Portugal...
Brasil, Brasil vôs quánto más
Co alma jóvi vêm sambá,
Más arto-arto lôgo empê,
Quirido más lôgo ficá...
Sã!... Quelora vôs onçôm crecê,
Mundo intéro achá
Quánto vôs ta merecê,
Brasil, sômente vôs, Brasil!

Brasil, di alegre sámba capital,
Portám aberto pa Macau,
Como vôs nádi têm igual...
Brasil, Brasil têm coraçám,
Co alegria acolhê,
Na alma di vôs-sua Naçám,
Quim vôs-sua porta vai batê...
Sã!... Quelora vôs botá fervôr,
Mundo intéro olá
Quánto vôs têm di amôr,
Brasil, sômente vôs, Brasil!

A-FIÁM

Tempo di nôs vai iscola,
Têm unga china bom sujêto,
Triguéro, magro, cara chupado,
Ramendá fumista di ópio,
Vendê ascrim bom-comê.

Su ascrim duro-duro,
Têm dia sã di laránja,
Têm ora sã di limám ó coco.
Quatro cen unga copito,
Dez avo unga copo más grándi.

Gente chomá êle A-Fiám.
Sabe qui-fôi?
A-Fiám sã bom hóme,
Bom amigo co iscolánti,
Vendê ascrim gostoso,
Dessá rapaziada fiá.

Tudo dia pramicedo,
A-Fiám corê rua,
Calçám ragaçado,
Cabaia porco-suzo,
Toália fêde na piscôço,
Onçôm cartá pinga pesado,
Vai vánda di Tap Siac.

Perto-perto Liceu,
Vendê su ascrim,
Dessá iscolánti fiá.

Hoze comê,
Amanhã pagá.
Fiá qui fiá,
Têm gente lembrá pagá;
Têm ôtro laia gente
Qui botá tudo na cónta,
Cavá, ferá cám.

A-Fiám, bom hóme,
Nádi levantá ira;
Tudo ora raganhado,
Vendê ascrim bom-comê,
Tánto gente comprá,
Tudo pôde fiá.

A-Fiám, coitado,
Qui já nacê pobre,
Morê tamêm pobre.

A-FIÃO

Nos tempos em que íamos à escola,
Havia um chinês, bom sujeito,
Trigueiro, magro, faces chupadas,
Com aparência de opiómano,
Que vendia deliciosos sorvetes.

O seu sorvete algo duro,
Umas vezes era de laranja,
Outras de limão ou coco.
Um copo pequeno custava quatro avos,
Copo maior, dez avos.

As pessoas chamavam-lhe A-Fião.
Porquê?
O A-Fião era bom homem,
Amiguinho dos estudantes,
E vendia sorvete saboroso,
Fiando a toda a rapaziada.

Todos os dias, pela manhã,
O A-Fião saía à rua,
Calças arregaçadas,
Cabaia suja,
Toalha mal-cheirosa no pescoço,
Com a vara pesada aos ombros,
Encaminhando-se para os lados do Tap Siac.

Nas proximidades do Liceu,
Ali vendia o seu sorvete
A crédito aos estudantes.

Comam hoje.
E paguem amanhã.
Fiava e tornava a fiar,
Havendo quem se lembrasse de pagar;
Mas havia outro tipo de gente
Que punha tudo na conta
E depois pregava calote.

O A-Fião, bonacheirão,
Não se zangava;
Sempre sorridente,
Lá vendendo sorvetes deliciosos,
Que muitos compravam,
Pois a todos ele fiava.

O A-Fião, coitado,
Que pobre havia nascido,
Pobre morreu também.

NHUM JUÁM

Nhum Juám
Filo di sacristám,
Cristám-nôvo, cara di mōno,
Unga dia erguí di sono
Abrí ôlo, pussá bafado
Falá ta vai ficá sodado.

Nhum Juám,
Cavá cissí calçám,
Botá pê na sapato,
Corê vai trepá mato,
Buscá Sium Capitám,
Di nôsso Bataliám.

«Sium Capitám!
Iou sã Juám,
Macau-filo, bom *clistám;*
Papá sã *saclistám,*
Iou vêm ficá sodado,
Siliví Macau amado!

Nhum Juám
Sã *fóti, lamendá* Sansám,
Sabe *glassá* bota,
Gossô chám, lavá hota
Nunca sã *malo-plestado,*
Fazê láncho pa sodado.»

Papiá vai, papiá vêm,
Bafo tamêm já non-têm.
Sium mostrá dente,
Juám repití lôgomente:
«Sium Capitám,
Juám capaz fazê cuzinhaçám!»

Nhum Juám,
Filo di sacristám,
Qui nunca sã mal-prestado,
Já virá ficá sodado,
Pa serví tudo Naçám,
Nacunga Bataliám.

Pramicedo fazê ráncho,
Chegá anôte fazê rãncho;
Cavá erguí gossô chám,
Cavá comê limpá chám,
Fórti, ramendá Sansám,
Grassá bota di capitám.

Dôs ano já passá,
Qui di ancuza já mudá:
Nhum Juám,
Filo di sacristám,
Ficá gôrdo, crecê rabo,
Já virá ficá cabo.

Di cuzinhéro,
Passá pa ranchéro;
Pramicedo comê rãncho,
Chegá anôte comê rãncho;
Nuncassá gossô chám,
Vai grassá bota di capitám.

Nhum Juám,
Já ficá pimpám,
Nunca assi môno-môno.
Unga dia, erguí di sono,
Onçôm falá: «Juám, nómi têm,
Qui-foi *aplido* non-têm?»

Sium-Capitám
Quelora uví, chomá Juám
Vai buscá sagento,
Pa fazê requimento,
Qui Sium General, cavá,
Unga apilido lôgo dá.

Nhum Juám,
Quelê sabichám,
Qui nunca sã mal-prestado,
Pegá na papê-selado,
Requimento onçôm fazê,
Azinha azinha isquevê:

«Iou, Juám,
Cabo di Bataliám,
Nómi têm, *aplido* non-têm,
Tudo *camalada* têm,
Qui-foi Juám non-têm,
Non-tá ceto, non cuvêm.
«Juám, antigo sodado,
Agola sã cabo *gladado;*
Antigo *cozinhélo,*
Agola sã *lanchélo,*
Sium *General,* dá *aplido,*
Juám pedí *diflido.»*

Sium General, lê qui lê,
Sã non-pôde intendê;
Botá ôclo, onçôm ri,
Tirá ôclo, geniado sentí.
«Qui-cuza sã *aplido?»*
Sium isquevê: *Indeferido.*

Nhum Juám,
Cabo di Bataliám,
Contente já ficá,
Quelora papê olá.
«Agola Juám têm aplido,
Sã chomá Juám *Indiflido!»*

Sium General
Qui vêm di Portugal,
Divera sã capaz,
Unga minuto na-más,
Fazê Juám ficá contente:
Juám agora sã gente.

Nhum Juám Indeferido,
Cavá trint'áno seguido,
Serví na Bataliám,
Vai casa comê pensám;
Juám, quelora sodado,
Agora sã cabo reformado.

PAULO, CABO RANCHÉRO

Iou sã Paulo,
Aplido sã Mak.
Nómi cumpleto sã
Paulo Mak Lou Kou.
Amigo-amigo chinêsi
chomá iou Siô Kou;
Potuguési chomá iou Paulo.

Sã mió assi
puquê têm vêzi chomá iou
Paulo Maluco!
Nom-tá ceto...
Paulo fica muto zangado,
puquê, nom-sã maluco.

Paulo têm mau iénio,
mas nom-sã maluco.
Ficá zangado,
sã caso sélio.
Antám, fazê cosa maluco!

Paulo sã Macau-filo;
Piquino ia vai gléza,
ficá batizado,
sai clistám.

Quando glándi.
vai tolopa,
ficá sodado na Bataliám.

Dózi áno na quatêlo,
fazê tudo siviço.
Aspois,
vai casa Sium Capitám,
ficá faxina.
fazê siviço cuzinhélo.

Sium Capitám Silvela,
su sinhóla,
minina Malia,
Sã tudo bom iente.
Chomá iou Paulo.
Taláta iou muto bôm.
Paulo semple contente,
têm semple muto lespêto,
nunca ficá zangado.

Oito áno aspois,
Sium Capitám co famila
Vai volta Putugalo,
Paulo tem chulá muto.

Paulo voltá quatêlo,
ficá pulomovido cabo.
Sabe fazê láncho,
vai ficá cabo lanchélo.

Si quánto cuzinhélo,
vilá mám, pode tilá,
Potánto, cabo lanchélo,
vai mecado
pode tilá pôco más.
Tamêm tá-ceto.

Na quatêlo,
Tem camalada malánto,
Nôvomente
chomá Paulo Maluco!
Paulo ceto ficá zangado.

Unga dia,
Paulo ficá más zangado,
Ióga polada co camalada.
Pegá unga pau glôsso,
parti cabeça malánto.
Gajo ficá hosipital sete dia,
Paulo vai cilindló tlês dia.

Tlinta-fola áno tolopa,
Paulo aplendê falá potuguési.

Fala co tudo iente,
Nom-pleciso intelépite.
Tem vêzi,
Nôsso tinénte, nosso saiénto
Chomá Paulo ficá su intelépite;

Paulo nunca si enlasca,
ixplcá tudo bêm fêto.
Paulo ficá vêlo,
Pedí lefóma, vai casa,
Aiúda mulê cuzinhá,
Levá neto-neto vai sicola.

Manhã-cedo, muto cedo,
Vai "iam chá";
Aspois, vagalinho,
Levá canálio na caiola,
vai paxá Guia
fazê muto bem saúde.

Vida pois ceto sã bom,
Quándo iente sã bom.
Paulo gostá tlabaliá,
Fazê tudo siviço limpinho,
Semple tem lespêto tudo iente.

Chomá Paulo Maluco,
Nom-tá ceto.
Paulo tem mau iénio,
ficá muto zangado,
antám, ióga polada!

Nota: A linguagem empregada neste monólogo mostra o **macaísta** falado, noutros tempos, pelos chineses de Macau, sobretudo por aqueles que chegaram a conviver diariamente com portu-

PAULO, CABO RANCHEIRO

Eu sou Paulo,
Meu apelido é Mak.
Nome completo é
Paulo Mak Lou Kou.
Os amigos chineses
chamam-me senhor Kou;
Os portugueses chamam-me Paulo.

É melhor assim,
porque às vezes chamam-me
Paulo Maluco!
Não está certo...
Paulo zanga-se todo,
porque não é maluco.

Paulo tem mau génio,
mas maluco não é.
Quando se zanga,
é caso sério.
Então, faz coisas malucas!

Paulo é filho de Macau;
Quando pequeno, foi á igreja,
foi baptizado
e saiu católico.
Já homem,
foi para a tropa
e fez-se soldado do Batalhão.

Doze anos no quartel,
executou todos os serviços.
Depois,
foi para casa do Senhor Capitão,
feito faxina,
fez serviços de cozinheiro.

O senhor Capitão Silveira,
sua senhora
e a menina Maria
eram boas pessoas.
Chamavam-me Paulo
E tratavam-me muito bem.

Paulo sempre satisfeito,
foi sempre muito respeitador
e nunca se zangou.

Oito anos depois,
O Senhor Capitão e a família
Regressaram a Portugal
E Paulo chorou muito.

Paulo voltou para o quartel
e foi promovido a cabo.
Como percebia de rancho,
foi nomeado cabo rancheiro.

Enquanto cozinheiro,
com jeitinho podia tirar uns patacos.
Portanto, como cabo rancheiro,
indo ao mercado,
podia ganhar um pouco mais.
Também está certo.

No quartel,
Certos camaradas malandros,
Tornam a chamar
Paulo Maluco!
Paulo, é claro, fica danado.

Um dia,
Paulo zangou-se mais
E jogou à pancada com um camarada.
Pegando num pau grosso,
partiu a cabeça a esse malandro.
O gajo ficou sete dias hospitalizado,
E Paulo esteve três dias no chilindró.

Trinta e mais anos de tropa,
Paulo aprendeu a falar português.
Fala com toda a gente
Sem precisar de intérprete.

Às vezes,
O nosso tenente, nosso sargento
Chamavam Paulo para servir de intérprete;
Paulo nunca se enrasca
E tudo sai bem explicado.

Paulo ficou velho,
Pediu reforma e foi para casa
Ajudar a mulher na cozinha
E a levar os netos à escola.

Pela manhã, muito cedinho,
Vai ao "iâm chá";
Depois, devagarinho,
Leva o canário na gaiola,
vai à Guia passear,
fazendo bem à saúde.

A vida é de certo boa,
Quando as pessoas são boas.
Paulo gosta de trabalhar,
Faz bem o seu servicinho,
Respeitando sempre toda a gente.

Chamar-me Paulo Maluco
É que não está certo.
Paulo tem mau génio,
fica muito zangado
e então, joga à pancada!

A-LÓI DI ASCRIM

Quelora nôs rapaz crecido,
Conhecê unga china A-Lói;
Ôlo grandi, unchinho boncô,
Êle vendê ascrim bom-comê.
Tudo gente chomá êle
A-Lói di Ascrim.

Tempo-quente, tudo dia,
Na ora di cai sol,
Atai-chai cartá pinga,
Co dôs balsa na dôs pónta,
A-Loi andá na lado,
Pa tudo rua
Sai voz gritá "Queli...im...m"!

Cinco avo na-más unga copito,
Dez avo unga copo,
Vinte avo unga copám.
Ele-sã ascrim di coco,
Chocolati co café,
Sã pa ravirá, lambê bêço.
Nôs sintí sã más bom di mundo.

A-Lói sai di Basso-Mónte,
Passá Rua Campo,
Subí Avenida.
Bánda ta tocá na corêto,
A-Lói gritá "Queli...im...m"!
Tudo gente corê vêm.

Dôs balsa inchido
Ascrim divera sabroso,
Gente cai di riva como mósca,
Unga istánte, tudo vendido.

A-Lói vai Pôrto Nôvo,
Corê baraca-bánho,
Co más dôs balsa inchido.
Tudo corê chapá co êle,
Ascrim assi bom-comê,
Torná tudo azinha vendido.

Quim querê comprá,
Sapeca na mám.
Azinha têm qui pagá;
A-Lói nunca môno,
Nádi dessá gente fiá.
Nom-têm estória di fiá,
Ninguim podê ferá-cám.

Quánto áno a-fio,
Vendê su bom ascrim,
Olá gente raganhado,
Tánto sapeca juntado,
A-Lói di Ascrim morê rico.

Ascrim-Maneira estropiada de se pronunciar *Ice cream.*
Cen-Centavo ou avo. Os cens eram de cobre; cada dez avos de prata valia 14 cens.
Avenida-Avenida Vasco da Gama
Pôrto Nôvo-Porto Exterior

O A-LÓI DOS SORVETES

Quando já rapaz crescido,
Conhecemos um chinês A-Lói.
Olhos grandes, um pouco corcunda,
Ele vendia excelentes sorvetes.
Toda a gente o conhecia
Pelo nome de A-Lói dos Sorvetes.

No Verão, todos os dias,
Ao pôr do sol,
Um rapazito acarretava a vara
Com dois recipientes nas duas extremidades,
E ao lado caminhava o A-Lói,
Por toda a parte,
Apregoando "Queli...im...m"!

Cinco avos davam para um copinho,
Dez avos para um copo,
Vinte avos um copázio.
O seu sorvete de coco,
De chocolate ou café,
Eram para devorar e lamber os beiços.
Para nós, era o melhor do mundo.

O A-Lói vinha da Baixa do Monte,
Passava pela Rua do Campo
E subia até à Avenida.
Enquanto a Banda tocava no coreto.

O A-Lói gritava "Queli...im...m"!
E a gentinha ia para ele, a correr.

Dois recipientes cheinhos,
Sorvete deveras delicioso,
A gente caía-lhes em cima como moscas,
E, num instante, estava tudo vendido.

Vai o A-Lói ao Porto Novo,
Percorre as barracas de banho,
Com outros dois recipientes carregados.
Todos correm para junto dele,
É tão apetitoso o sorvete,
Que torna a ser vendido depressa.

Quem o quisesse comprar,
Dinheirinho na mão
Para pagar sem demora.
O A-Lói não era parvo,
Não fiava a ninguém.

Sem a léria de fiar,
Já ninguém podia pregar calote.

Durante uns anos a fio
A vender o seu bom sorvete,
Sorridente com todos,
E com muito dinheiro juntado,
Morreu rico o A-Lói dos Sorvetes.

CUZINHAÇÁM DI MACAU

CUZINHAÇÁM DI MACAU

Nho-nhónha di Macau capaz cuzinhá,
Fazê tánto ancuza bom comê,
Sã pitisquéra pa vôs cherá,
Comê, pegá dedo lambê.

Vaca champurá co brêdo,
Lombo co môlho-açafrám,
Co unchinho "mui-choi" azêdo,
Sã pa comê co animaçám.

Mínchi di vaca co sutáti
Sã comida qui tudo gostá;
Áde, gengive co restráti
Têm pa comê qui ravirá.

Pêsse-pedra co endro picado,
Pêsse-nairo fêto co nabo,
Co chíli-missó na lado,
Lô fazê gente corê babo.

Galinha chacháu parida,
Naco di porco bafá-assá,
Sã dôs laia di comida
Qui na mésa nom-pôde faltá.

Chacháu pêle sã pa quim emado
Sabe panhá balichám tocá,
Pastelám co galinha rechiado
Nom-têm gente qui nádi gostá.

Margôso-lorcha co porco picado,
Caril di quiapo co camarám,
Sã pa rufá qui ficá cansado,
Co arôz na unga pratalhám.

Têm nho-nhónha capaz fazê
Choriço vinho-di-álio cherôso;
Cavá comê, lingu ficá ardê,
Falá choriço divera sabroso.

Unga lombo pó-di-bolacho,
Fula-papaia co caranguejo,
Quelora sai di tacho,
Fazê bêço tremê di desejo.

Anôte, olá lua pratiado,
Vai teraço cantá unchinho,
Dále nôsso arôz caregado
Co porco balichám-tamarinho.

Nho-nhónha agora ta prendê
Fazê unga laia chacháu
Pa tudo gente vêm comê;
Sã chomá: "Futuro di Macau".

Sã unga pitisquéra quelê nôvo,
Qui gente antigo nunca si olá.
Nôvo-nôvo, pám co ôvo,
Tudo mundo querê pruvá.

Sã pa cozê n'unga panelám,
Co laia-laia tempêro;
"Futuro" sã unga inovaçám
Di quelê tánto cuzinhéro.

Bacaláu cavá sai cozido
Juntado co pêsse-salgado,
Largá azête-china fervido,
Co azête-olivéra misturado.

Tirá azetóna di lata,
Botá di molho na balichám;
Missi "lam-si" co batata,
Largá tudo na panelám.

Cortá sabóla, álio, tomate,
Co quánto rodela di "lingau",
Regá tudo co sutáti,
Botá na riva di bacaláu.

Agora sã vez di choriço-china
Co choriço-paio pegá mám,
Vagar-vagar sai di tirina,
Afundá na acunga panelám.

Qui sabôr têm estunga chacháu?
Nôs agora nom-pôde sabe.
Si nómi sã "Futuro di Macau",
Têm-qui isperá más tempo pa sabe.

Si vôs susto soltá bariga,
Co estunga laia asnéra,
Nunca-bom vai na cantiga,
Ne-bom pruvá seléa pitisquéra.

Más seguro sã nôs contentá
Co nôsso mínchi antigonço;
Comê mínchi, nádi infastiá,
Vida nádi assi insonso.

CULINÁRIA MACAENSE

As senhoras de Macau, que cozinham bem,
Preparam muitos pratos apetitosos,
São iguarias para a gente cheirar,
Comer e lamber os dedos.

Vaca guisada com hortaliça,
Costeleta com molho de açafrão
E um pouco de verdura azeda
É coisa para comermos com sofreguidão.

"Mínchi" de vaca com sutate,
Eis um prato de que todos gostam.
Pato, gengibre com legume
Há para comer até se fartar.

Peixe "pedra" com coentro picado,
Peixe nairo feito com nabo
E molho picante acompanhado,
São de encher água na boca.

Galinha guisada à parida,
Carne de porco, assada,
São duas espécies de comida
Que não podem faltar à mesa.

"Chau-chau de pele" é para o guloso
Que o saiba comer com balichão;
Pastelão recheado com galinha,
Não há quem não saiba apreciar.

"Amargoso-lorcha" com porco picado,
Caril de "quiabo" com camarão,
São para a gente comer até se cansar,
Acompanhados de pratalhão de arroz.

Há senhoras que são hábeis a preparar
Chouriço "vinho-de-alhos" cheiroso,
Que é picante e queima a língua,
Mas que ainda se diz delicioso.

Um bom lombinho panado,
Ou flor de papaia com caranguejo,
Mal saem da caçarola,
Fazem tremer os beiços de desejos.

À noitinha, ao luar de prata,
Sobe-se ao terraço para uma serenata,
Comendo o nosso arroz carregado,
Com o porco e balichão-tamarinho.

Estão as senhoras agora a aprender
A preparar uma espécie de "chau-chau",
Para que todos venham comer;
Chama-se "Futuro de Macau".

Trata-se de um cozinhado moderníssimo,
De que os antigos nunca ouviram falar;
Prato novo desperta a curiosidade,
Já todo o mundo o quer provar.

É para ser cozido num panelão
Com variadíssimos temperos.
"Futuro" é um invento
De uma quantidade de cozinheiros.

Depois de ter o bacalhau cozidinho,
Juntamente com peixe salgado,
Deita-se nele óleo de amendoirn quente,
Misturado com Azeite de Oliveira.

Tiram-se azeitonas de uma lata,
Embebendo-as em balichão;
Amassam-se "lam-si" e batatas,
Largando tudo no caldeirão.

Corta-se cebola, mais alho e tomate,
E algumas rodelas de "lingau"
E tudo já regado com sutate,
É largado em cima do bacalhau.

Agora, é a vez do chouriço chinês,
De mãos dadas com o chouriço paio
Deslizar devagarinho da travessa,
Para o fundo do panelão.

Que sabor terá este "chau-chau"?
Não podemos por enquanto saber.
Mas se o chamam "Futuro de Macau",
Há que esperar para saber.

Se recearem apanhar uma diarreia,
Com este disparate gastronómico,
O melhor é não irem na cantiga
De provar semelhante iguaria.

O mais seguro é contentar-nos
Com o nosso "mínchi" tradicional,
Pois o "mínchi" nunca enfastia,
Nem transtorna o paladar da vida.

CHURADELA DI CHACHA

Chacha, co estunga frio,
Cucús na casa, cháli na riva di ombro,
Nom-têm fim di gurunhá.
Falá vai, falá vêm, ai qui saiám,
Olá tánto ancuza assi bom
Di nôsso Macau antigo
Unga trás di ôtro, disparecê.

Pitisquéra divera sabroso
Qui gente na casa fazê,
Festa-festa qui têm su chiste,
Vida barato, sossegado,
Gente capaz tocá, cantá,
Tudo azinha aguá vai,
Já ficá sômente na lembránça.

"Unga póti di bom perada,
Unga pacóti di barba fino,
Únde têm?" Chacha priguntá.
"Cilicário, gelêa, únde têm?
Cabêlo di nóiva, genête,
Pudim di lête, batatada,
Dóci di camalénga, únde têm?"

"Robuçado di ôvo, dóci di chacha,
Enténa-pôdre, obréa, mamún,
Bicho-bicho, múchi-múchi.
Nata, fula-fula, bají,
Coquéra, ladú, saransurábi,
Bôlo-mármre, bôlo minino,
Quim têm pa fazê?"

"Vai únde achá chilicote,
Chilicote-fólia, pastelinha,
Pám-rechiado, rolête-mínchi,
Bôlo di camarám, bebinga-nabo,
Co um-cento más ancuza,
Tudo assi bom comê,
Fazê nôs bóca corê babo?"

"Sã, nunca-sã saiám",
Chacha falá co voz di chôro,
"Olá vazio na casa
Nôsso abolô di bôlo co dóci,
Pramôr di docéra capaz
Co merendéro di agora
Já lembrá ficá priguiçoso?"

Quarentóna na tempo antigo
Sã quelê bom divertí;
Pa tudo vánda olá bôbo
Corê rua na trás di tuna,
Fazê chiste, sabroso pandegá.
Atai-atai olá bôbo ficá asnerám,
Bôbo pegá pau cutí ilôtro.

Casa di gente tai-pán.
Co tudo clube qui Macau têm,
Unga trás di ôtro dá baile
Na semana di entrudo.
Quim cantá, quim pulá-dançá;
Cavá ravirá co tremendo cea,
Torná dançá até pramicedo.

Lembrá entrudo, Chacha falá:
"Comédia sã nádi faltá.
Acunga Chencho di minha pecado,
Juntá ráncho co amigo-amigo,
Subí palco, papiá chiste;
Nho-nhónha enroscá na cadéra,
Ri qui xirí... mulá sobrado.

Masquí pagá, na tempo antigo,
Sã unga mám piquinino di pataca,
Vida barato fazê gente
Vivo co más pôco consumiçám.
Sabe ficá dóna-di-casa,
Sapeca sã lôgo chegá
Pa tudo laia di dispésa.

Casa pa lugá, cinco-sês pataca,
Cuzinhéra, unga-dôs pataca,
Lavadéra co apô cartá-água
Nádi más qui unga pataca.
Dôs pataca têm luz pa lumiá,
Na pôço têm ágau pa lavá
Na horta rancá fruta comê.

Vai bazar comprá sôm
Co sasséenta avo na bólsa,
Vêm casa co brêdo, camarám,
Vaca, áde salgado.
Si chapá más trinta avo,
Pôde comprá porco, lombo,
Co unga perna di galinha.

Pêsse co géma di ôvo di áde,
Tau-fu co fula-papaia,
Sã comida di gente pobre.
Onçôm na casa criá galinha,
Sã têm ôvo pa ravirá.
Comprá nhame co batata,
Nuncassá gastá vinte avo.

Pensám di Chencho reformado
Sã sasséenta pataca na-más;
Su filo Atútu ganhá novénta.
Chacha fazê bôlo vendê,
Maria costurá pa gente.
Pegá tudo sapeca chapá juntado,
Ilôtro vivo dizafogado.

Nom-têm fim di lamuriá,
Chacha falá agora têm sapeca,
Tamêm nom-têm ancuza bom.
Têm caréta, têm casarám,
Gente capaz, maquinéta nôvo,
Mâz nom-têm do-dol sabroso
Pa nôs ruçá biscoito comê!

LAMENTAÇÕES DA AVOZINHA

A Avozinha, com este frio,
Metida em casa, xale sobre os ombros,
Não pára de resmungar.
Diz e torna a dizer que é uma pena
Ver tantas coisas boas
Da nossa Macau dos tempos idos
Desaparecer, umas após outras.

Petiscos deveras apetitosos
Que as pessoas em casa faziam,
Festas que tinham a sua piada,
Vida barata, tranquila,
Gente hábil para tocar e cantar,
Tudo depressa se sumiu,
Ficando apenas na lembrança.

"Um pote de boa perada,
Um pacotinho de fina barba,
Onde se vêem?" Pergunta a Avozinha.
"Cilicário, geleia, que é deles?
Cabelo de noiva, genete,
Pudim de leite, batatada,
Doce de abóbora, onde estão?"

"Rebuçado de ovos, calda de chacha,
Entena-podre, obreia, mamoon,
Bicho-bicho, múchi-múchi,
Pastéis de nata, fula-fula, bagí,
Bolo de coco, ladú, saransorável,
Bolo mármore, bolo menino,
Quem há aí que os faça?"

"Onde descobrir chilicote,
Massa folhada, pastelinha,
Pão-recheado, croquete,
Pastéis de camarão, pasta de nabo,
E muitas coisas mais,
Todas tão deliciosas,
Que até nos fazem ficar a apetecer?"

"É ou não é uma lástima",
Pergunta a Avozinha com voz chorosa,
"Vermos vazios em nossas casas
Os ternos para bolos e doces,
Por causa das exímias doceiras
E os pasteleiros de agora
Se terem tornado preguiçosos?"

O entrudo nos tempos antigos
Era fartar-se de divertir;
Por toda a parte se viam mascarados
A percorrer as ruas atrás da tuna,
Gracejando e brincando.
Os miúdos chineses diziam palavrões
E os mascarados batiam neles com pau.

As casas de gente graúda
E todos os clubes que havia em Macau
Davam bailes, uns após outros,
Na semana do Carnaval.
Uns cantavam, outros dançavam animadamente,
E, depois de comerem lauta ceia,
Voltavam a dançar até ao amanhecer.

Lembrando o entrudo, a Avozinha diz:
"Comédia não podia faltar.
O Chencho dos meus pecados,
Acompanhado de seus amigalhaços,
Subia ao palco para dizer larachas.
As madamas, torcendo-se nas cadeiras,
Riam até fazer xixi, molhando o sobrado.

Apesar dos ordenados, naqueles tempos,
Serem uma míngua de patacas,
A vida barata permitia às pessoas
Viver com menos arrelias.
Sabendo ser dona-de-casa,
O dinheiro havia de chegar
Para todos os tipos de despesas.

Casa alugada, cinco ou seis patacas;
Cozinheira, uma ou duas patacas,
Lavadeira e a mulher de água
Não representavam mais que uma pataca:
Com duas patacas se arranjava iluminação,
Do poço vinha a água para se lavar,
No pomar se arrancavam frutas para comer.

Ia-se às compras no mercado
Com sessenta avos no bolso.
E voltava-se com hortaliça, camarão,
Carne de vaca, pato salgado.
Acrescentavam-se outros trinta avos,
Já se podia comprar porco, costeleta
E uma perna de galinha.

Peixe e gema de ovo de pata,
Soja e flor da árvore de papaia
Eram comida de gente pobre.
Em casa criava-se galinha
Que ovos havia até se fartar.
Para comprar inhame e batata,
Não era preciso gastar vinte avos.

A pensão de reforma do Chencho
Era apenas sessenta patacas.
Seu filho Atútu ganhava noventa,
A Avozinha confeccionava bolos para vender
A Maria costurava para ganhar.
Com este dinheiro todo,
Eles viviam com certo desafogo.

Sem fim de lamuriar,
A Avozinha diz que dinheiro agora não falta;
O que não há são coisas boas.
Há casas e casarões,
Gente hábil, aparelhos modernos,
Mas não há do-dol apetitoso,
Para comermos com biscoito.

DÓCI PAPIAÇÁM DI MACAU

Estunga Mundo únde nôs ta vivo
Tem quelê tánto ancuza dóci.
Sórte qui sã assi! Si nunca,
Qui di gente nádi morê
Co mordecim di margura
Travessado na gargánta.

Sucre sã dóci,
Lête co mel sã dóci.
Dóci sã jagra co açuca-pedra,
Sã cána qui nôs cachí;
Dóci sã laia-laia frutázi maduro
Qui nôs panhá comê.

Bebinga-lête sã dóci,
Coquéra, bôlo-nata, ladú, sã dóci;
Dóci sã cabêlo-nóiva co barba,
Tócha co robuçado di ôvo;
Dóci sã múchi-múchi, bicho-bicho,
Bagí, do-dol, goiavada.

Alua, fárti, coscorám,
Cilicário co gelêa sã dóci,
Dóci sã bôlo-minino,
Fula-fula, enténa-pôdre,
Xarópi di figo, gemada
Co dóci di camalénga.

Bôlo-bate-pau sã dóci,
Bôlo-umbigo tamêm sã;
Dóci sã hang-ian-chá,
Houng-tau-chôc, chi-ma-u,
Óndi-óndi, chá-cha, tau-fu-fá
Co hap-tou-vu

MACAU TÊM SU CHISTE

MACAU TEM SU CHISTE

Macau sã divera têm su chiste;
Têm ora, quelê bom pandegá,
Têm ora, vêm co estória triste,
Fazê nôs cucús, sentá churá.

Genti bom co grándi coraçám,
Sã nôsso Macau têm quelê tánto;
Nhum mau, capaz rastezá na chám
Ramendá cobra, tamêm têm quánto.

Cobra virá ficá camaliám
Sã têm, pa mal di nôsso pecado;
Quelora nôs andá, pizá chám,
Cobra na árvre ta pindurado.

Má lingu co má lingu juntá,
Sã lingu co lingu ta dá nó;
Tagalám qui ilôtro cortá,
Lô cai fino-fino, ficá pó.

Têm gente bom, têm cachôro-china,
Atirá pedra, iscondê mám...
Quelora nôs ta dobrá esquina,
Cachôro fuzí, rabo na chám.

Têm nhum campiám pa fazê intriga,
Más capaz qui nhónha aringuéra;
Botá máscra, vendê su cantiga,
Bulí bêço, papiá babuzéra.

Têm gente chomá acunga nhum
Galinha co pena di pavám!
Galinha boncô, sai di curúm,
Abrí su bico, ficá pimpám.

Nós sentí qui acunga galinha,
Sã más ramendá unga galito:
Qui capaz ficá diabo-cacinha,
Erguí crista, sai voz di apito!

Gente uví galito papiá,
Badalá qui tudo na Macau,
Qui êle quelê sab'estimá,
Sã unga corja di gente mau!

Têm nhum qui chomá tudo ladrám,
Sômente êle qui sã honrado,
Tudo gente ficá pilizám,
Sômente êle sã iducado!

Qui coitado, vosôtro olá,
Eropêu di Eropa, bom hóme,
Di qui lóngi vêm pa nôs mimá,
Alma di amôr, inchido di fóme.

Nôs sã ingrato di mato-Guia,
Nunc'apreciá seléa tesôro;
Nhum corê rua batê bacia,
Co cabêça inchido di lôro.

Otrunga contente vêm Macau,
Pa cadunga di nôs dá unga ucho;
Nôs pilizá qui quebrá putau,
Fazê nhum triste, coraçám mucho.

Eropêu más cheng-cau qui nôs,
Buscáotrunga béco cantá
Non-mestê vêm impingí nôs,
Pêsse amiz pa nôs vomitá.

Juda tamêm já dá unga ucho,
Pa cavá pegá Cristo vendê;
Nhum pôde continuá mucho-mucho,
Cucús pêsse pa onçôm comê.

Quim sã conhecido aringuéro,
Más bom sã ficá lóngi di nôs;
Querê pilizá, vai Taraféro,
Têm aporóna ramendá vôs.

Tamêm têm nhum quelê dotorado,
Onçôm falá onçôm sã capaz;
Gente di Macau buro tapado,
Sabe buscá discórdia na-más.

Assi capaz, sã têm su canudo
Más grôsso qui quánto-cento trônco.
Nhum abrí boca, nôs ficá mudo,
Nôs sã unga cambada di brônco!

Pa grassá bota di gente-rico,
Tamêm têm nhum más capaz qui tudo,
Pomada onçôm têm quánto pico,
Na bólsa têm páno di viludo.

Nhum bóca-grándi dizaforado,
Co cara di missó na putau,
Quelê capaz vivo mascarado,
Pa vêm bulí co nôs na Macau.

Sã assi-ia, vosôtro-olá,
Nhum tiro-grándi d'hoze-em-dia.
Coitado sa quim têm qui aturá,
Mordecim sã sentí tudo dia.

Macau sã tera qui tudo têm,
Di bom, di mau, di fêde, cherôso;
Quelora tufám grándi ta vêm,
Nádi olá cara di nhum chistôso.

Dôi cabéça sã pa nôs, aqui,
Nádi olánhum co su bravura;
Passá tufám, nôsso porta abrí,
Nhum capaz ta vêm, botá figura.

Sórte sã Dios qui mundo criá,
Sã nunca dá asa pa cavalo.
Si já dá, únde nôs lô pará
Pinchado pa acunga cavalo.

Qui ramêde si mundo têm más
Pastro bunitéza raro-raro,
Assi bom hóme, assi capaz,
Co más valor qui diamánte caro!

MACAU, TERA GALÁNTE

Macau sã tera galante
Di quánto-cento papiaçám
Tánto nhu-nhum linguaréro,
Olá nho-nhónha tentaçám.
Macau divera galánte,
Têm ora inchido di consumiçám.

Uví, nho-nhónha,
Más bom sã nôs vai divertí,
Botá'nga saia míni-míni
Pa galo-dôdo bispá.
Qui-pôde, tud'ora vai malinguá,
Sentá na casa murúm qui murúm
Pa rabujá nhu-nhum.

Macau já ficá qui jóvi
Co laia-laia inventaçám.
Na rua nádi olá buraco,
Na casa têm televisám.
Macau nada na pataca,
Abrí su saco sai tánto milhám.

Uví, nho-nhónha,
Más bom sã nôs vai divertí,
Botá'nga saia míni-míni
Pa galo-dôdo bispá.
Qui-pôde, tud'ora vai malinguá,
Sentá na casa nurúm qui murúm
Pa rabujá nhu-nhum.

BÊM-DI CHÍQUI

Macau agora sã quelê capaz,
Vôs vêm olá,
Púfi di chíqui!
Ficado grándi qui nom-pôde más,
Vôs lôgo olá,
Divera chíqui!
Ne-bom vôs dôdo vai pulá na mar,
Mostrá capaz,
Podê vai à-píqui...
Ai, qui ramêde si na meo di mar
Panhá bronquite...

Macau agora já prendê cantá
Tra-la-la-lá,
Púfi di chíqui!
Nom-têm ancuza qui nôs nádi achá,
Vôs pôde olá,
Sã, nunca, chíqui?
Qui susto si nôs tudo pegá mám,
Pulá, pulá
Qui panhá xilíqui!
Em viz di cáma, lô pará na chám,
Co dôs tabíqui!

Ancuza qui agora nôs más têm,
Francê falá
Sã «politique»!
Poguésso têm pa vôs vangueá, tamêm
Francê falá
Sã «magnifique»!
Más bom sã nôs juntado vêm cantá,
Tra-la-la-lá,
Pa ficá más chíqui...
Ne-bom vôs môno, onçôm sentá churá...
Ai qui «tragique»!

AVÓ BITA CO LILITA

Estava a Bita entretida,
Na cozinha a trabalhar,
Quando, de roda batida,
Resolve um *sium* ali entrar.

Apanhada de surpresa,
A Bita, toda esquisita,
Indaga com aspereza
A razão dessa visita:

-Sium, sium, cuza vôs querê,
Su grándi dizaforado?
Quelê-môdo já astrevê,
Entrá calado-calado?

-Ó rica senhora minha,
Queira, por Deus, desculpar,
Venho saber se a Litinha
Quer comigo vir passear.

Gosto dela, que é bonita,
Com ela quero casar.
Peço-lhe, Senhora Bita,
O favor de a chamar!

-Vôs astrevê boquizá,
Na diante di Avó Bita,
Qui querê levá paxá
Bita sua neta Lilita?

Vai-na, demónio chapado!
Azinha sai de iou sua diante,
Ante qui vai vassorado,
Pa tirá vôs sua rompante!

-Minha senhora, eu lhe peço
A bondade d'atender:
Eu a Litinha, confesso,
Jamais pod'rei esquecer!

Eu hei-de casar com ela,
Sim, custe o que custar.
A senhora tagarela,
Não me esteja a insultar!

-Quánto sapeca custá?
Ai, qui grándi dizafôro!
Vôs pensá qui ta comprá,
Gato-gato co cachôro?

Únde têm minha vassóra?
Únde já vai iou sua pinga?
Iou querê olá quelora
Qui iou já ficá bebinga !

-Não merece a pena, avó,
Zangar-se dessa maneira.
O seu rosto mete dó,
Co'estes gestos de padeira!

-Portuguê di Portugal,
Avó nunca sã padéra!
Vôs sã porco di quintal
Co fedôr di bebedéra!

Vôs pensá qui sã chistoso
Co vôs sua bigode tôrto?
Vôs sã unga bulicioso,
Co cara de china-morto!

Sai di aqui azinha-azinha,
Pa iou non têm qui gritá!
Fora di iou sua cuzinha,
Ninguim chomá vôs entrá!

E o senhor, que da Litinha
Andava enamorado,
Saiu assim da cozinha,
Bem triste e mal humorado.

É possível que se esqueça,
De vez da doce Lilita.
Mas ficar-lhe-á na cabeça,
Que é uma doida a avó Bita.

ESTÓRIA DI BITA CO APAU

Di tánto qui Bita já uví
Nuvidade di nôsso Macau,
Qui anôte nom-pôde durmí,
Pegá su Apau pagá patau.

Unga nuvidade trás di ôtro,
Sã pa Bita co Apau contente.
Gente qui vai contá pa ilôtro,
Fazê inventaçám quente-quente.

Justo Apau acunga anôte,
Dios sabe únde já vai virá,
Qui falá ilharga já dá côte,
Perna azedo, nom-pôde andá.

Botá cabéça na almofada,
Cachipiá corpo, incolhê pê,
Começá roncá di enfiada,
Qui tudo ancuza isquecê.

Demónia di Bita perdê sono,
Pegá marido gonchông, gonchông,
Qui fazê ele cara di môno,
Azinha erguí tom-tôm, mom-tôm.

Bóca fino-fino, gurunhá,
Sintí siara quelê buricida;
Pôdre di sono, sai voz falá:
«A-Ching, vôs ne-bom assi garida!»

Quelora uví nómi A-Ching,
Bita virá vêm fórça di liám!
Pê-mám ligéro, min-tói liching,
Já vai Apau di cáma pa chám...

Dôs mám na Apau-sa gorgumilo,
Bita ta goelá: «Quim sã A-Ching!»
Voz engasgado, mamá-sa filo
Virá respondê: «Nom sã ninguim!»

Unga cifrada já vai cuzinha,
Bita panhá chiripo vêm fora.
«Falá, mufino, falá azinha
Únde têm estunga estopóra!»

Nôsso Chacha justo já intrá.
Na quartinho pa buscá su trono...
Na ora di «mao-tái» pa sentá,
Uví Apau gritá: «Iou ta sono...»

«Si sã ta sono, durmí, demónio!»
Chacha sai voz discompô gongôm.
Apau ta rezá na Sant'António,
Co testa inchido di gondôm.

Chacha quelora qui trapalado,
Sã bariga lô ficá vantú;
Já expremê qui pêto cansado,
Tamêm nom-pôde fazê dudú.

Casa grándi inchido di gente,
Unga-unga erguí sai di quarto.
Mui-Mui corê panhá ágú-quente,
Pensá Bita já vêm dor di parto.

Ti-Chai azinha pulá di cáma,
Cara piquinino, cai pê-mám,
Sai voz fórti gritá áma,
Vai basso olá si sã ladrám.

Áma chuchú apito na bóca,
Faltá unchinho já ingulí!
Co voz ramendá galinha-chóca,
Chomá casa intéro cudí!

Avô-công qui ta durmí na sala,
Pulá co su ceróla na mám.
Na ora di zinguá su bengala,
Ceróla dislizá... cai na chám.

A-Chán vêm sala espavorido,
Co dôs véla capido na mám,
Dá co nhum co ceróla caído,
Onçôm cai di cumprido na chám.

Intrementes, Chacha na quartinho,
Sintí vantú, já cissí calçám.
Bariga justo mudá caminho,
Fazê Chacha lameá tudo chám.

Quiança-quiança uví gritaria,
Corê alvoraçado vêm basso;
Quim rolá na saia di Ti-Tia,
Quim ta pegá Papá-sa cachaço.

Qui confuzám, vosôtro olá,
Na acunga Tóri di Babel:
Nho-nhónha nom-têm fim di gritá,
Nhu-nhum ramendá quánto pastel .

Entrestánto, tudo vizinhánça,
Uví barulo, já acordá,
Pensá Apau pa fazê festánça,
Já comprá *Pacapio*, já tocá.

Quim chuchuméca, quim nuviléro,
Azinha já corê vai quintal
Olá automaca di bombéro,
Cartá nôsso Apau vai hospital.

Quim gostá fazê inventaçám,
Quim quelê gostá sentá uví.
Têm risada, têm consumiçám,
Nôs têm razám: Macau sã assi...

Estunga estória di Apau,
Nôs uví tánto gente falá,
Lôgo sai na TV di Macau,
Pa vôs na casa telê-olá.

Tudo gente lô cacada ri,
Quelora têm fita pa olá.
Chacha ánsia esperá Ti-Vi,
Pa su Apau vai representá.

UNGA VÉLA PILIZÓNA

Ti Vicenta acunga dia,
Pramicedo cavá missa,
Já rabichá Ti Maria,
Pa vêm papiá boboriça.

Papiá vêm qui papiá vai,
Ti Maria nuviléra,
Já contá qui Nhum Achai
Ta querê su lavadéra.

Nhum Achai sã filo gránde
Qui Vicénta adorá.
Ti Vicénta bóca gránde,
Cifrá dente priguntá:

«Cuza? Achai ta galado,
Pa bulí co lavadéra?
Êle assi sossegado,
Fazê seléa asnéra?»

Ti Maria virá respondê:
«Vicénta, uví! Sã divera!
Vôs sua Achai sã querê
Nôs sua Rosa lavadéra!»

«Credo! Santo Pai, cudí!»
Vicénta virá gritá.
«Paquita si têm aqui,
Pegá vôs escabelá!»

«Iou nunca susto Paquita!
Su Achai si têm juízo,
Nádi bulí co Rosita,
Virá ficá sevandizo!»

«Minha Achai sã qui ramêde,
Si bulí co lavadéra...
Mas estunga Rosa-fêde,
Sã bêm di namoradéra!»

«Vicénta, vôs non mestê
Enfeá gente sua nómi.
Quim asnéra ta fazê
Sã acunga estupôr d'hóme!»

«Iou nunca sã enfeá
Quim onçôm ta enfeado!
Garida, si sã cuçá,
Ne-bôm batê porta erado!»

«Vôs sua Achai galo-dôdo,
Sã non pôde olá saia.
Qui ramendá môro-gôrdo,
Cara de fula-papaia».

«Vôs sua acunga cegónha,
Sã unga amui di bazar.
Si onçôm non têm vegónha,
Más bôm sã pulá na mar!»

Vicénta cavá papiá,
Sentí génio ta subí...
Maria largá su chá,
Ragaçá saia fugí.

Vicénta ficá pimpóna,
Elá Maria, chubí.
Ti Maria, pilizóna,
Pegá sombrêlo cutí.

Nôs olá seléa céna,
Como vara-vérde tremê.
Tio-Chencho dispí quinzéna,
Pa Vicénta socorê...

Maria ficá Sansám,
Cutí ramatá na Chencho.
Ti Vicénta cai pê-mám,
Gritá: «Cudí minha Chencho!»

Tio Chencho erguí di chám,
Vai dentro panhá vassóra.
Já esquecê cissí calçám,
Ceróla já sai vêm fora!

Vicénta sentá gemê,
Gritá pedí su mizinha.
Maria botá corê,
Sai di porta azinha-azinha.

Achai, justo ta passá,
Priguntá pa lavadéra...
Maria já bufetiá,
Já dá co unga asnéra!

Cavá, gritá: «Estopôr!
Galo-dôdo! Sevandízo!»
Nhum Achai mudá di côr,
Pensá Títi perdê juízo.

N'ali riva, Ti Vicénta
Ja virá ficá capaz:
Ruçá álio co pimenta,
Na Chencho-sa vánda-trás.

NHUM CHICO

Nôsso Nhum Chico bazoféro
Sabe contá tánto estória.
Têm ora são pantominéro,
Consumí su Chacha Vitória.

Nôsso Chico sã unga nhum
Curtido co língu maquista;
Ninguim pôde ficá murúm
Quelora têm êle na vista.

Êle vêm co su lenga-lenga,
Casa intéro sentá uví:
Nhum Chico contá rabusénga
Fazê nhónha ri que chirí.

Vosôtro agora uví
Estunga su inventaçám
Qui já fazê Títi-Chai ri
Qui istripá, mulá na chám.

Nôs têm unga cacatua,
Na riva di boiám-bico;
Bulí-bulí su bico,
Capaz chomá Nhum Chico.

Sã unga cacatua fémea
Nom-pôde más di garida;
Olá nhum, ficá babado,
Sai voz, ficá buricida.

Nhum Chico vai corendo,
Co "cuá-chi", co "fá -sáng".
Unga mám pegá cajola,
Otrunga mám cissí calçám.

Si isquecê mará fita,
Qui china-china chomá "fu-tai",
Si nunca dá nó bem-fêto,
Calçám certo lôgo cai.

Vosôtro pôde imaginá,
Hóme co calçám caído:
Tudo ancuza lôgo mostrá,
Desdi basso, atê umbigo.

Cacatua garidóna,
Na diánte di tudo nhónha,
Lôgo pulá, bulí su rabo,
Fazê nhum sentí vegónha.

Masquí-seza inventaçám,
Estunga estória têm chiste.
Ai, Nhum Chico, tentaçám,
Nom-quêro olá gente triste.

Mundo tôrto-ravirado,
Têm tánto consumiçám;
Uví estória mofado,
Coraçám lô cai na chám.

LENGA-LENGA

Lio-lio lorcha vai Cantám
Buscá séda fazê quimám;
Nôvo-nôvo, nhónha vestí,
Vêlo-vêlo, limpá chám. *

Bulí corpo vem Macau
Buscá cánto pa ficá;
Nôvo-nôvo, iscondê,
Más pa diánte, vai paxá.

Sai vai rua gente olá,
Cubrí rôsto co tudúm.
Si puliça apanhá,
Nina lô ficá murúm,

Botá pê na su xiripo,
Largá mám panhá marado,
Vai di volta pa "heong-há",
Co su bêço pindurado.

Passá tempo, torná vêm,
Olá sórte como vai.
Tánto vêm, qui unga dia
Nádi más têm qui vai.

* Quadra muito antiga, cujo autor se desconhece.

LENGA-LENGA

Balançando, vai a lorcha a Cantão
Buscar seda para o casaquinho;
Enquanto novo, veste-o a senhora,
Já velhinho, limpa-se com ele o chão.

Mexe o corpo, vem a Macau
Em busca dum cantinho p'ra viver;
No começo, anda escondida,
Tempos depois, já vai passear.

Sai à rua, sendo vista,
Cobre a cara com tudúm.
Apanhada pelo polícia,
Fica a menina desconsolada.

Enfia os pés nos tamancos,
Deita as mãos à sua trouxa,
Vai de volta p'ra a terrinha,
Fazendo beicinho, amuada.

Passado tempo, torna a vir,
Para a sorte assim tentar.
Tanto vem, que um dia
Não terá mais que voltar.

VIDA TA CARO

-Qui ramêde, Quitininha,
Quelê-môdo nôs vivê?
Tudo ancuza, azinha,
Dia-dia encarecê!

-Sã divera, minha Marta,
Iou falá, vôs nádi crê:
Diabo ta baralhá carta,
Fazê tudo encarecê!

-Ai! Iou tamêm já sentí,
Qui na estunga carestia,
Sã diabo qui ta bulí,
Ta fazê floristia.
Vôs olá, nhónha Quintina,
Unchinho di rabusénga,
Dôs tél di azête-china,
Meo cate di camalénga,
Já custá pataca fora;
Gastá assi tánto sapeca,
Qui non pôde comprá agora,
Nim lichía, nim patéca!

-Marta, Marta, sã divera!
Diabo ta bulí co nôs,
Ta quimá pivete-céra,
Pa mufiná nôs sua arôz.

-Ai! Ne bom falá di arôz,
Qui iou têm más pa contá!
Sã ancuza piô pa nôs,
Qui lôgo tudo matá!
Arôz di cacaracá,
Custá unga dinherám!
Arôz qui cavá bafá,
Non pôde ficá grám-grám!

-Marta, Marta! Quelê-môdo
Nôs, cristám, pôde vivê?
Si sã vivo como dôdo,
Nunca sã más bom morê?

-Quintina, vôs têm razám!
Mâz ne-bom assi azinha,
Perdê juízo, cai pê-mám.
Nunca bom reva, vizinha,
Nunca bom disesperá,
Qui Dios sabe protegê.
Vêm-cá nôs dôs vai rezá,
Pedí pa preço decê.

VIDA CORÊ AZINHA

Virá ôlo, Natal passá!
Vida corê... corê... nádi pará
Olá Ano-Bom ta vêm,
Qui azinha passá tamêm.

Durmí unga sono erguí,
Ta comê «cuá-chi», tomá «lai-si»
Vai jugá perdê sapeca,
Vêm casa sentá cuçá careca

Cavá Áno-Nôvo-China,
Intrudo ta dobrá esquina.
Masquí nom têm bôbo pa olá,
Lôgo uví bôbo papiá.

Fichá ôlo... intrá Quaresma
Abri ôlo já vai Quaresma.
Páscoa sã nádi tardá,
Unga instánte lô chegá

Virá cara sã bôlo bate-pau,
Grám Pri co su chacháu la-lau
Natal já têm na trás di porta,
Pirú tá guní na horta.

Dia intrá, dia sai,
Semana aguá, vêm... vai.
Mêz trás di mêz azinha corê
Más unga áno ta disparecê.

Quiança ta virá ficá nhum,
Nina azinha têm su sium.
Onte pegá boneca brincá,
Hoze fêto mamá co papá.

Quelê-môdo nôs nádi
Virá ôlo intrá idade?
Bulí cabéça cai cabêlo,
Bulí corpo sentí qui vêlo...

Hóme co idade intrado,
Nom mestê ôlo galado.
Quelora vêlo, vida fêde,
Perdê juizo... qui ramêde!

Passado más quánto áno,
Quim lôgo chomá êle máno?
Vêlo, tom-tôm mom-tôm
Más certo sã fica avô-công.

Tremê, tremê... ruçá, ruçá,
Pegá pau pa pôde andá.
Pê na cóva, pê na chám,
Nunca bom ficá dom Juám!

Sentá lembrá tempo antigo,
Sã divera unga castigo.
Quelora têm fórça di Sansám,
Agora... ai qui dôi coraçám.

Olá nhónha, cubiçá,
Corpo intéro lô cuçá.
Cabéça rená maldade,
Onçôm isquecê idade.

Amui sã qui robuçado,
Vêlo sã ficá babado.
Ficá pimpám, fazê chiste?
Sã fazê figura triste.

Beldade si virá ri,
Vêlo lôgo querê erguí...
Erguí unchinho, ta cai,
Nhónha virá costa vai.

Anôte sentá sunhá,
Pramicedo lô cismá.
Têm vinho, nádi bebê,
Têm frango, nádi comê.

Tio Cha-Chai quelora jóvi,
Nho-nhónha andá à novi!
Chistôso, arviro, brejéro,
Ôlo co mám qui ligéro.

Olá nina bunitéza,
Capaz mostrá ligeréza.
Unga mám cissí calçám,
Cuçá pê c'otrunga mám.

Lembrá cuçá co dôs mám?
Calçám lô pará na chám!
Ceróla cai ramatá...
Tudo ancuza lô mostrá!

Nhónha ficá daretido,
Olá Tio assim cholido.
Virtuosa ficá vantú,
Olá Tio Cha-Chai-sa...

Nom-pôde falá ...
Vôs pôde imaginá!

Agora ta tu-tum-piám,
Tio ramendá 'nga lampiám:
Têm ora, ta pindurado,
Onçôm ficá qui pagado!

Nho-nhónha intrá idade,
Sã divera-crueldade!
Ramendá ampás sim sumo,
Ficá chaminê sim fumo.

Quim inchido di gordura,
Nunca bom mará cintura.
Rapá virá ficá saco,
Mostrá carne naco-naco!

Rósca-rósca na piscôço,
Perna enténa qui grôsso.
Carne lápi-lápi olá,
Pám-di-casa lô tufá!

Quim magro sã nuvidáde,
Quelora intrá idade.
Rôsto cumprido, chupado.
Péle di áde-salgado.

Perna andá gonchông, gonchông.
Dôs fai-chi ta capí sôm.
Vánda diánte lô chapado,
Vánda trás... rópa istricado.

Cuza fazê ficá mau,
Coraçám duro di pau?
Quelora ficá careca;
Vôs nunca bom chuchuméca.

Cadecê sã têm su vida.
Travessa têm su subida.
Ta decê, ne-bom corê.
Qui ramêde falhá pê.

Vêlo, tudo lô ficá,
Quim azinha, quim vagá.
Nunca bom vêlo garido,
Olá nhónha... morê impido!

MACAU ACORDÁ POETA

Vosôtro nhu-nhum co nho-nhónha,
Limpá uvido, chapá perto uví!
Macau, nôsso Macau piquinino,
Tera di quánto cento papiaçám,
Cavá durmí unga sono pesado,
Pramicedo já acordá poeta!

Tera di bebinga-lête dóci,
Únde gente vêm bebê chá,
Chocolhá árvre panhá pataca;
Tera di chuchuméca co má-língu,
Di capa-dóci co abêla-mestra,
Macau acordá poeta capaz!

Seléa janotismo, vosôtro olá,
Sã pa nôs ficá vangueado.
Tudo vánda esguichá posia,
Di tudo cánto sai estória.
Cidádi di bariga aberto,
Macau durmí, acordá letrado!

Livro grándi, grôsso-grôsso,
Livro fino-fino, piquinino,
Sai di tánto máquina vêm fora.
Fólia di nuvidáde di tudo dia,
Na tudo cánto ta damostrá
Posia isquevido co péna fino.

Vôs vai jardim lôgo olá posia
Rabiscado na asa di borboléta;
Intrá na casa têm poéma pa olá,
Temprádo co sucre dóci.
Vai quintal, lê estória di amôr
Di Chico co dêdo-pê fêde.

Chonto di posia di poeta Ai Ch'ing,
Isquevido na lingu "lau-sông",
Passá Rio Dayeng vêm Macau.
Ai Ch'ing vai palaço jantá,
Di tánto ravirá co bacaláu,
Qui su posia já sai portuguezado.

Na ora di bebê saúde,
Dono di casa papiá quelê tánto,
Na linguaze fino di poéta-poéta.
Ai Ch'ing uví, fifó churá,
Belmiro traduzí, pussá bafado,
Papiá "coc-i" qui ficá pisco.

Na Sám Domingo, botica di livro
Já ficá inchido di nuviléro
Po cosa di unga livro quelê nôvo.
Tudo ánsia querê lê ancuza
Qui sômente Sium Estima intendê,
Isquevido na su Infra-turtura.

Poeta Viana co su posia
Pintá Macau di-pónta-à-pónta;
Vidéra isquevê "Ispélio di Mar",
Co nôsso mar inchido di mate.
Nhónha Rosário-sa "Chu Kóng"
Têm lorcha, "ma-cheoc" co "chau-min".

Quiança-quiança agora vai escola
Têm Estória di Macau pa prendê.
Livro qui nhónha Bi já fazê
Têm um-cento pintura co retrato,
Co nómi di gente antigo,
Desdi Confúcio até nhum Vasco.

Têm mais poéta qui lôgo intrá
N'estunga procissám di cultura.
Papiaçám cai di Céu como chuva,
Livro sai di máquina como fumiga.
Têm livro grándi di estória,
Têm piquinino di estória-rainha.

Únde Macau já vai panhá
Estunga mar di inspiraçám?
Sã qui êle unga anôte intéro
Já sonhá co Camões co sua musa?
Ah! Minha Dinamene chapadeca!
Ah! Ninfa amorosa, bunitéza!

Nôsso grándi mestre Camões
Si têm vida torná vêm Macau,
Olá seléa febre di versadura
Na péna di tánto poéta-poéta,
Lôgo abrí su ôlo cacai,
Pa olá bem-fêto si aqui sã Macau.

Nôs sintí qui fazê posia
Sã más bom qui brincá pulítica.
Cadunga verso sã unga brisa di vento
Pa refrescá nôsso alma.
Cadunga poéma sã unga fula
Qui intrá na jardim di coraçám.

MACAU ACORDOU POETA

Ó vós, homens e mulheres,
Apurai os ouvidos, vinde escutar!
Macau, nosso encanto pequenino,
Terra de cento e cento de paleios,
Depois de dormir um sono pesado,
Pela manhazinha acordou poeta!

Terra de pudim de leite doce,
Onde muitos vêm provar o chá,
E agitar a árvore das patacas;
Terra de intrometidos e más-línguas,
De espertalhões e sabichonas,
Macau acordou poeta talentoso!

Semelhante chiquismo, ó gentes!
É para nos deixar deslumbrados;
Esguicha a poesia de todos os lados,
Em cada canto há uma historieta.
Cidade de barriga ao léu,
Macau dormiu e acordou intelectual.

Livros grossos e volumosos,
Livros fininhos, pequeninos,
Brotam de variadas tipografias.
As folhas de jornal de todos os dias
Apresentam-nos diferentes cantinhos
Poesia talhada com pena elegante.

Descei ao jardim e vereis poesia
Escrita nas asas das borboletas;
Entrai em casa, encontrareis poemas
Temperados ao sabor de melaço.
Ide ao quintal, lereis a história de amor
Do Chico de dedinhos de pé fétidos.

Chusma de poesia do poeta Ai Ch'ing,
Escrita no dialecto do Norte;
Cruzando o Rio Dayeng, veio até Macau.
Ai Ch'ing foi jantar ao palácio
E tanto bacalhau ali comeu
Que a sua poesia saiu aportuguesada.

No momento dos brindes,
O anfitrião fez longo discurso
Na linguagem florida dos poetas.
Ai Ch'ing escutou, chorou emocionado,
Belmiro traduziu e respirou fundo,
Palrando mandarim até se ver vesgo.

A livraria à Rua de S. Domingos
Bem se encheu de noveleiros
Por causa de um livro novíssimo.
Todos quiseram ler as coisas
Que somente um Estima entenderia,
Escritas na sua Infra-tortura.

Do poeta Viana a poesia
Pinta Macau de lés-a-lés;
Escreve Videira o "Espelho do Mar",
Com o nosso mar coberto de lodo;
No "Chu Kóng" da senhora Rosário
Fala-se de lorchas, "mahjong" e "chau-min".

As crianças que agora vão à escola,
Já aprendem a história de Macau
Pelo livro que a mana Bi escreveu,
Com profusão de gravuras e fotografias,
Com nomes de gente do passado,
Desde Confúcio ao sor Vasco.

Há mais poetas a participar
Nesta procissão de cultura.
As palavras caem do Céu como chuva,
E os livros saem do prelo como formigas.
Há livros grandes de história.
Há-os pequenos de contos de fadas.

Onde teria Macau ido buscar
Tão vasto mar de inspiração?
Será que ele a noite inteira
Sonhou com Camões e suas musas?
Ah! Minha Dinamene branquinha!
Ah! Ninfas amorosas e belas!

O nosso grande Camões
Se vivo fosse e a Macau viesse,
Ao ver esta versejadura eufórica
Na pena de tantos poetas,
Era capaz de abrir o olho cego
Para ver se isto aqui é mesmo Macau.

Mas nós pensamos que escrever poesia
Inda é melhor que andar na política.
Cada verso é uma brisa de bom ar
Que refresca a nossa alma;
Cada poema é uma bela flor
Que penetra no jardim do coração.

ÚNDE TA VAI QUIRIDA?

ÚNDE TA VAI, QUIRIDA?

Macau di nôsso coraçám,
Alma di nôsso vida,
Únde vôs ta vai, quirida,
Assi metido na iscuridám?

Qui di candia pa lumiá vôs?
Quelê-môdo vôs pôde andá?
Cuidado, nom-mestê tropeçá!
Vôs cai, nôs cai juntado co vôs.

Macau di rôsto tristónho,
Únde têm vôsso alegria?
Quim já suprá vôsso candia,
Largá vôs na treva medónho?

Ventania fórti ta zuní,
Tempo ta fazê coraçám esfriado;
Na fugám, fôgo apagado,
Amôr tamêm pôde escapulí.

Nom-têm calôr, nom-têm luz,
Mâz fé, sã nom-pôde faltá.
Dios Misericordioso lôgo achá
Unga Cirinéu pa vôsso cruz!

ONDE VAIS QUERIDA?

Macau do nosso coração,
Alma da nossa vida,
Onde vais, querida,
Tão cercada de escuridão?

Onde está a vela para te alumiar?
Como podes caminhar assim?
Cuidado, não tropeces!
Caindo tu, cairemos todos contigo.

Macau de semblante tristonho,
Onde pára a tua alegria?
Quem foi que te soprou a vela
E te deixou nessas medonhas trevas?

Fustigam ventos fortes
E o tempo vai arrefecendo o teu coração;
Com o fogo apagado na lareira,
Até o amor acabará por sumir.

Não há calor, não há luz,
Mas fé, não poderá faltar;
Deus Misericordioso descobrirá
Um Cirineu para a tua cruz!

DIVERA SAIÁM

Unga lágri,
más unga lágri
trepá vai ôlo,
fazê êle ficá mulado,
atormentá coraçám.

Um-cento, mil,
quánto-mil ôlo
inchido di lágri
ta churá, nom-têm consôlo.

Aqui, ali-vánda,
coraçám tamêm ta churá.
Nádi uví suluçá,
nom-têm mám pa limpá lágri.

Ôlo co coraçám
churá juntado.
Mánso-mánso,
bêço boquizá oraçám.

Ninguim sai bafo...
Cuza fazê desafogá?
Passado têm na lembránça;
sã sômente unga lembránça.

Divera saiám!
Passado vaído,
esperánça já escapulí,
tudo glória cai isquecido.

Sã tempo di lágri,
tempo di dôr;
dôr qui martirizá,
sofrido na basso di silêncio;
lágri qui ta corê,
quimá tudo rôsto.

Coraçám machucado,
filo-filo amoroso
di estunga quánto geraçám...
Na qualquê cánto di Mundo
co unga seléa coraçám ta batê,
ali têm unga l'agri margo,
têm dôr,
ánsia quelê grándi!
Sômente nádi churá
- pramôr qui nom-pôde churá -
quim j'a vai,
pa sempri.

Quim insensato
tamêm nádi churá.

Mâz, uví!
Mai sã unga sánta,
têm tánto carinho,
sã mil-vez quirida,
nom-têm filo insensato.

DEVERAS UMA PENA

Uma lágrima,
outra lágrima
afloram aos olhos,
humedecendo-os,
atormentando corações.

Uma centena, mil,
milhares de olhos
rasos de lágrimas
choram desconsolados.

Aqui, além,
choram também corações.
Não se apercebem soluços,
não há mãos a enxugar lágrimas.
Olhos e corações
choram juntos.
Silenciosamente,
lábios balbuciam preces.

Ninguém fala...
De que serve desabafar?
O passado está na memória;
não é mais que uma recordação.
Deveras uma pena!
Passado transcorrido,
esperanças esvaecidas,
glórias esquecidas.

É tempo de lágrimas,
tempo de dor;
dor que martiriza,
sentida em silêncio;
lágrimas que escorrem,
queimando as faces.

Corações acabrunhados,
filhos amorosos
destas últimas gerações...
Em qualquer ponto do Mundo
onde um deles pulsar,
ali há uma lágrima amarga,
há dor,
angústia!

Só não choram
porque não podem chorar -
os que já partiram,
para sempre.

O insensato
também não chora.
Mas, escutai!
A Mãe é santa,
muito carinhosa,
é mil vezes querida,
não tem filhos insensatos.

MACAU DI NÔSSO CORAÇÁM

Vinte di Dizémbro, áno novénta nóvi,
Pramicedo na Macau.
Céu iscuro como bréu,
Chám di rua sópa-sópa mulado;
Parede ta corê águ,
Rópa pegado-pegado na corpo.
Sã di chuva? Sã di humidade?
Quim sabe si nom sã di lágri?

Macau di nôsso coraçám,
Co quelê tánto humildáde,
Vôs, co alma margurado
Ta sofrê seléa mau tempo.

Dia nacê iscuro, frio,
Fazê coraçám tamêm gelado.
Dia co iscuridám di anôte,
Nom têm luar, nom têm istréla.

Qui di Sol?
Qui di luz?
Qui di ancuza pa trazê
Alegria pa coraçám?
Já disparecê co nôsso História?
Já apagá co quatro seclo di glória?
Sômente sandê candia-céra nâdi têm calor,
Rezá co falta di fervôr nádi achá graça.

Sol ta bêm-di iscondido.
Nom-quêro sai vêm fora.
Sã qui êle ta murúm?
Sã qui êle ta sintí vegónha?
Vosôtro olá, Sol ta sintí vegónha!
Êle costumado lumiá nôs,
Costumado fazê nôs quente,
Hoze lembrá ficá mapeçoso.

Mato-Guia, Penha co Monte
Sai turvado na iscuridám,
Onçôm empê na chám mulado,
Co núve côr-di-cinza na riva.
Fólia-fólia ta cai di árvre,
Na jardim fula-fula ta muchá;
Nom têm bafo di pastro,
Nom têm borboléta pulá-pulá.

Nom têm borboléta pulá-pulá.
Trovoada sai voz ta gurunhá,
Ramendá um-cento liám ta roncá;
Fuzilada abrí-fichá
Fazê nôs tremê pê, tremê mám.
Na quintal unga porçám di cachôro
Nom-têm fim di ladrá;
Gato co rabo impinado
Miá, corê alucinado.

Qui manhã-cêdo assi insípido,
Qui dia assi tristónho!
Ai, qui susto!
Ai, qui susto!
Macau, tera sánto, abençoado,
Ta ramendá casa massombrado.
Ai, qui saiám!

Rua inchido di caréta,
Cruzá co unga porçám di biciquéta.
Na mar têm bóte ta bailá,
Têm lorcha ta lio-lio...
Nom têm Sol pa sugá rópa,
Mâz têm bandéra pa olá,
Bandéra subí vai, subí vêm,
Bandéra mánso-mánso ta vêm basso.

Entrestánto, Natal ta chegá,
Macau cristám querê festezá.
Chacha metido na cuzinha,
Ocupado fazê pitisquéra,
Ta consumido co coscorám
Qui nom-pôde sai enroscado;
Fárti co alua ta pápa-pápa,
Impada ta sai savanado.

Na unga dia assi iscurecido,
Co sentimento frio na coraçám,
Quelê-môdo pôde alegrá?
Chacha cubrí xáli, pegá sombrêlo
Ta vai bazar comprá catupá,
Ham-chi-su co *tai-long-cou*
Pa prepará su Natal
D'estunga áno novénta nóvi.

Na greza sino ta tocá,
Ramendá ta dobrá finado...
Chuva agora cai fino-fino,
Lembrá ánjo na Céu ta churá.
Sã qui nôs ta vai churá tamêm?
Ai! Macau di nôsso coraçám,
Cuza vôs já fazê
Pa merecê seléa castigo?

ADIOS DI MACAU

Macau ta perto falá adios
Pa tudo su filo-filo,
Pa Portugal,
Pa gente qui divera querê pa êle.

Quim têm êle na coraçám,
Lôgo sentí grándi margura;
Voz lô ficá engasgado na gargánta
Na ora di falá adios pa Macau.

Ah! Divera saiám, nôsso Macau!
Qui dôi coraçám olá vôs têm-qui vai,
Escapulí di nôsso vida,
Vivo separado di nôsso Portugal.

Nôs nom-quêro vôs vai,
Vôs onçôm tamêm nom-quêro vai...
Mâz quim sã nôs
Na estunga mundo di gente poderoso,
Cuza sã nôs
Na estunga mar di ónda assanhado?

Têm más dez áno,
Dez áno na-más.
Tempo corê ligéro,
Trás di tempo, tudo passá azinha.

Dia trás di dia,
Semana vai, semana vêm,
Más unga mêz, novo áno,
Abrí-fichá ôlo ta corê,
Tudo passá acelarado,
Ramendá andorinha ta aguá na céu.

Sômente tristéza qui mortificá nôs,
Dôr di perdê ancuza qui nôs más querê
Nádi assi azinha-azinha passá.

Tera di fé qui Dios já abençoá
Macau começá su vida
Quatrocénto-fora áno passado.
Na estunga lonjura di Mundo,
Na cánto di pê di unga gigánte,
Macau já nacê, já crecê.

Tudo sempri fila di Portugal,
Sempri inchido di amôr cristám,
Macau humilde serví Dios co devoçám,
Serví Pátria co hónra.

Su filo-filo passá tánto trabalo,
Su gente sofrê privaçám,
Já fazê êle grándi!
Di grándi qui ficá cubiçado.

Qui di fula di bom fim nunca abrí
Na estunga jardim semeado co amôr;
Quánto obra di bom provêto
Nunca sai ramatado
Pa glória di Dios,
Pa bom-nómi di Naçám.

Qui na tempo infernal di guéra,
Qui na ora sossegado di paz,
Macau cativá coraçám di mundo
Co brancura di su alma,
Co bondáde qui nom-têm fim.

Porta qui um-cento vez já abrí
Pa recebê quim dizesperado
Vêm buscá sosségo,
Pedí teto, rópa co cólcha,
Porçolana di arôz pa matá fome.

Macau, vôs sã acunga altar
Di candia tudo ora sandido
Qui azinha levá luz pa lumiá
Tánto alma pinchado na iscuridám.

Macau! Estunga sã Cidádi
Qui Nos'Siora olá co ternura,
Qui Sám Juám Batista, milagroso,
Já ajudá livrá di mám cubiçoso.

Estunga sã Cidádi
Qui unga Rê di Portugal chomá lial,
Qui já merecê Nómi Santo di Dios.

Cidádi di Nómi di Dios,
Nom-têm ôtro más lial!

Na ora triste di vai
Qui di ôlo nádi ficá mulado,
Quánto coraçám nádi cai dispedaçado!

Ramendá unga cordéro mánso,
Macau lô passá di Pátria pa ôtro mám.

Tudo fula semeado na jardim,
Tudo árvre qui dá sómbra fresco;
Farol qui lumiá lorcha na mar,
Greza qui lumiá nôsso alma;
Monte, Penha, Guia, Lilau,
Bara di Sám Tiago,
Atê frontaria di Sám Paulo,
Tudo, triste-triste, mánso-mánso,
Lôgo passá co coraçám machucado.

Ancuza qui certo nádi passá,
Sã luz briliánti di Sol,
Vento suávi di madrugada,
Cantiga di passarinho inocente
Co doçura di Lua raganhado.

Qui-fôi? Sã riquéza qui Dios criá
Pa tudo gente têm igual quinhám;
Sã ancuza qui hóme-hóme d'estunga mundo,
Masquí quelê poderoso,
Nom-têm capacidádi pa bulí,
Nom-têm fórça pa pegá virá-mám,
Passá di unga gente pa ôtro gente.

Macau ta perto falá adios
Pa tudo su filo-filo quirido,
Qui ta vivo aqui, qui ta vivo lóngi.
Lágri di tristéza têm mau gôsto,
Nôs tudo já pruvá, sã margo,
Têm ora, más margo qui fel.

Vosôtro já churá quelê tánto,
Nunca-bom churá más.
Pôde churá unga mar di lágri,
Ninguim lôgo fazê caso...
Sã assi-ia... Na estunga mundo acelarado,
Tudo ancuza fêto máquina ligéro,
Quim lôgo têm vagar
Pa vêm olá vosôtro churá?

Antis di chegá treva,
Lembrá sandê candia na altar,
Ajoeliá na chám duro,
Pedí Nos'Siora más unga graça
Pa Macau di nosso coraçám:

Mai di Dios, Rainha di Bondade,
Qui na Céu ta olá nôs
Co Vôsso ôlo amoroso,
Continuá protezê Macau,
Dessá êle guardá pa tudo sempri
Su luz di tera di fé cristám,
Co glória di chomá onçôm
Cidadi di Nómi di Dios!

O ADEUS DE MACAU

Macau está quase a dizer adeus
A todos os seus filhos,
A Portugal,
Às pessoas que a amam verdadeiramente.

Aqueles que a guardam no coração
Hão-de sofrer grande mágoa;
A voz lhes ficará embargada na garganta
No momento de dizerem adeus a Macau.

Oh! Que grande pena, nossa Macau!
Que sofrimento saber que terás de ir,
Sair da nossa vida
E viver desacompanhada do nosso Portugal.

Não queremos que vás,
Nem tu própria quererás ir...
Mas quem somos nós
Neste mundo de gente poderosa,
O que somos nós
Neste mar de ondas agrestes?

Faltam dez anos,
Apenas dez anos.
O tempo corre veloz
E atrás do tempo tudo desliza ligeiro.

Dia após dia,
Semana acaba, semana começa,
Mais um mês, novo ano,
Tudo corre num abrir e fechar de olhos,
Tudo passa em revoadas céleres
Como as andorinhas voando no céu.

Só as tristezas que nos atormentam,
A mágoa de perdermos o que mais queremos,
Essas não passarão depressa.
Terra de fé que Deus abençoou,
Macau começou sua vida
Há mais de quatrocentos anos.
Nestes longes do Mundo,
No cantinho de pé dum colosso,
Macau nasceu e cresceu.

Sempre filha de Portugal,
Sempre cheia de amor cristão,
Macau humilde a Deus serviu com devoção
E serviu a Pátria com dignidade.

Seus filhos viveram dias trabalhosos,
Suas gentes sofreram atribulações,
E fizeram-na grande!
Tão grande que se apanhou cobiçada.

Quantas flores benfazejas não desabrocharam
Neste jardim cultivado com amor;
Quantas obras meritórias
Se não operaram com perseverança,
Para glória de Deus,
Para prestígio da Nação.

Quer nos períodos infernais de guerras,
Quer nas horas serenas de paz,
Macau granjeou o coração do mundo
Com a alvura da sua alma,
Com infinita bondade.
Porta que vezes sem conta se abriu
Para acolher entes desesperados,
Vindos em busca de sossego,
Pedindo abrigo e agasalho
E a tigelinha de arroz para saciar a fome.

Macau, tu és aquele altar
De velas sempre acesas
Que de imediato fizeram luz
Em muitas almas deixadas na escuridão.

Macau! Esta é a Cidade
Que Nossa Senhora contempla com ternura,
Que São João Baptista, milagroso,
Ajudou a livrar-se de mãos cobiçosas.
Esta é a Cidade
Que um Rei de Portugal chamou leal
E que mereceu o Nome Santo de Deus.

Cidade do Nome de Deus
Não há outra mais leal.

Na triste hora da largada,
De quantos olhos não marejarão lágrimas,
Quantos corações não cairão destroçados!

Qual manso cordeiro,
Macau passará da Pátria para outras mãos.
Toda a flor semeada no jardim,
Toda a árvore de sombra amena;
O farol orientando os barcos no mar,
Igrejas que nos iluminam a alma;
Monte, Penha, Guia, Lilau,
A Barra de São Tiago,
Até a fachada de São Paulo,
Tudo tristemente, de mansinho,
Passará com o coração acabrunhado.

O que decerto não passará
É a luz brilhante do Sol,
É a frescura benigna da alvorada,
Os cantos dos passarinhos inocentes
E a doçura da Lua sorridente.

Porquê? São riquezas por Deus criadas,
Oferecidas irmamente às criaturas.

São coisas que nenhum homem deste mundo,
Por mais poderoso que seja,
Se atreverá a tocar,
Se sentir com forças para passar
Das mãos de uns para as de outros.

Pouco falta para Macau dizer adeus
A todos os seus filhos queridos,
Quer vivam aqui, quer vivam distantes.

Lágrima de tristeza tem mau sabor,
Todos nós a provámos já, é amarga,
Por vezes mais amarga que o fel.
Já muito chorastes, amigos,
Não choreis mais.
Podeis derramar um oceano de lágrimas
Que disso ninguém fará caso...
E mesmo assim... Neste mundo apressado,
Em que tudo corre mecanizado,
Quem terá tempo para vos ver chorar?

Antes da chegada das trevas,
Lembrai-vos de acender velas no altar;
Joelhos postos no rijo chão,
Pedi a Nossa Senhora mais uma graça
Para Macau do nosso coração:

"Mãe de Deus, Rainha de Bondade,
Que do Céu nos lançais
O Vosso terno olhar,
Continuai a proteger Macau
E permiti que ela conserve
A auréola de terra de fé cristã
E a glória de se chamar
Cidade do Nome de Deus!"

INDICE

OBRAS COMPLETAS

Adé

JOSÉ INOCÊNCIO DOS SANTOS FERREIRA

nasceu em Macau em 28 de Julho de 1919 e faleceu em 24 de Março de 1993. Autor de intensa actividade cívica ao longo de uma vida exemplar, foi distinguido com diversas condecorações e distinções, onde avulta o Grau de Cavaleiro da Ordem do Infante D. Henrique. Amador do jornalismo, colaborou em vários jornais e revistas publicados em Macau e foi correspondente de vários jornais editados em Portugal e Hong Kong. Autor prolífero, publicou em vida cerca de vinte títulos, nos géneros da crónica, poesia e ficção. Através da sua permanente intervenção literária, em poesia e prosa, peças de teatro e comédia, récitas e programas radiofónicas do mais genuíno sabor macaense. Adé foi o grande e único cultor do moribundo dialecto macaense ou *patoá*. A sua obra encerra, numa simplicidade comovente, material riquíssimo para a reconstituição da *dóci papiaçam di Macau* e das vivências macaenses até onde uma grande e amorosa memória pode remontar.